

Servir a exemplo de Maria

Eis aqui a
serva do
Senhor
(Lc 1, 38)

Servir a exemplo de Maria

**Eis aqui a
serva do
Senhor
(Lc 1, 38)**



Sumário

Apresentação.....	5
Introdução	8
Siglas	13
Estrutura Geral.....	14
Imagens que expressam fortes sentimentos.....	22
Reunião 1 Eles não têm mais vinho	26
Reunião 2 Eles não têm mais casa	44
Reunião 3 Eles não têm mais pátria	60
Reunião 4 Eles não têm mais educação.....	76
Reunião 5 Eles não têm mais saúde.....	94
Reunião 6 Eles não têm mais diálogo.....	110
Reunião 7 Eles não têm mais companhia.....	128
Reunião 8 Eles não têm mais respeito à Criação.....	144
Reunião de Balanço O vinho novo	159
Referências	170



Equipes de Nossa Senhora

Responsabilidade

Equipe da Super-Região Brasil

Av. Paulista, 352 • 3ª andar • cj. 36

01310-905 • São Paulo • SP

Fone: (11) 3256.1212 • 3257.3599

www.ens.org.br • secretariado@ens.org.br

Coordenação Geral

Super-Região Brasil

Elaboração de Conteúdo

Super-Região Oceania

Revisão de Conteúdo

Conselho Editorial

Direção de Arte

Maria Alice e Ivahy Barcellos

Revisão de Texto

Jussara Lopes

Projeto Gráfico, Diagramação e Tratamento de Imagens

Douglas D. Rejowski

Edição e Produção

Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.

Rua Turiassu, 390 • 14º andar • cj 144

CEP: 05005-000 • São Paulo/SP

www.novabandeira.com • novabandeira@novabandeira.com

Edição exclusiva para distribuição interna sem finalidade comercial
Impresso no Brasil

Apresentação

Querida família das Equipes de Nossa Senhora

No universo da vida das Equipes de Nossa Senhora, em várias zonas do mundo, o início mais precoce do ano de trabalho ou novo curso ocorre no final do verão no Hemisfério Norte. É por isso que o Tema de Estudo que a **EQUIPE RESPONSÁVEL INTERNACIONAL – ERI** entrega ao Movimento, como neste caso, considera que será tratado pelos membros das equipes num período entre setembro de 2022 e julho de 2023 em algumas zonas, e em outras entre fevereiro e dezembro de 2023. O Tema de Estudo deste ano está, naturalmente, em plena consonância com o roteiro que estabelecemos desde a reunião de Fátima 2018, que este ano tem como ênfase “**Servir a exemplo de Maria**”.

Já nos referimos em várias ocasiões ao fato de que, na mística do nosso Movimento, que nada mais é do que o espírito que nos impele a trabalhar segundo a vontade de Deus, existe uma premissa fundamental que estabelece uma marca, uma disposição que nos identifica: somos **um Movimento Cristocêntrico**, que se reúne em nome de Cristo que, através do seu Espírito, alimenta a nossa fé e a reforça, permitindo-nos estar cada dia em comunhão mais plena com Deus.

Mas então por que **Equipes de Nossa Senhora**?

Deixe o próprio Padre Caffarel responder:

“Reunis-vos para procurar Cristo, para imitá-lo, para o servir. Não será bem-sucedido sem orientação. E não há melhor orientação do que a de Nossa Senhora. Gostaria que as nossas Equipes praticassem a fé na ternura toda poderosa de Nossa Senhora, que experimentassem em cada lar a confiança e a segurança que habita no coração das crianças quando a sua mãe está lá. Gostaria que esta fosse uma das nossas notas características. Então eu teria grande segurança para o futuro [...] Então as Equipes serão protegidas contra o intelectualismo e o pensamento crítico (criticismo), que é um dos primeiros benefícios da intimidade do cristão com Nossa Senhora. Os corações serão mantidos humildes: o que poderia o Maligno fazer perante Nossa Senhora?”

Foi com esta finalidade que o Padre Caffarel, em 1947, ao promulgar a carta fundadora do nosso Movimento, adotou o nome de Equipes de Nossa Senhora e colocou o Movimento ao seu abrigo, uma iniciativa que, em 1954, sete anos mais tarde (sete anos é a idade da razão!, como o Padre Caffarel costumava dizer), em Lourdes, na festa de Pentecostes, foi ratificada pelas Equipes de Nossa Senhora que consagravam o Movimento perante ela.

Sobre isso, disse o Padre Caffarel no editorial intitulado “Uma grande data”:

“São João, depois de ouvir as palavras de Jesus: *‘Filho, eis a tua mãe’*, levou-a para sua casa. Todas as casas das nossas Equipes estão abertas para ti, Maria: fica conosco. Ensina-nos o teu Filho. Ensina-nos a amá-lo e a imitá-lo. Cuide dos nossos filhos e faça florescer muitas vocações sacerdotais e religiosas entre eles. Que a vossa oração obtenha para as nossas famílias, como para os apóstolos reunidos no Cenáculo, a plenitude dos dons do Espírito Santo. E que daqui em diante seja impossível para nós não irmos, como os apóstolos, proclamar as magnalia Dei, as maravilhas de Deus, e especialmente as do sacramento do matrimônio, àqueles que não as conhecem.”

Este livro, como a introdução escrita pela equipe editorial indica, será uma viagem que nos sensibilizará, à imitação de Maria, em todos os aspectos do nosso ser membros das Equipes de Nossa Senhora e do nosso serviço, para que, imitando-a, possamos ser veículos de ternura e misericórdia, onde quer que possamos identificar que falta vinho.

Gostaríamos de agradecer especialmente à Super-Região da Oceania que trabalhou em conjunto com a ERI na concepção e escrita deste tema, a todos os casais e padres que nos deram as suas valiosas contribuições e aos membros anônimos das equipes que abriram as suas almas dando os seus testemunhos de vida para que este tema pudessem tornar-se uma realidade. Agora cabe a cada um de vós, casais e sacerdotes – Conselheiros Espirituais das Equipes de Nossa Senhora, escrevê-lo novamente, desta vez a partir das vossas próprias experiências e reflexões, para que as letras ganhem vida, vida em abundância, encarnada e frutuosa.

No momento de escrever a apresentação deste livro para o Movimento, o nosso coração está aflito, como estamos certos de que também

está o vosso, pela guerra insana que assola o povo ucraniano, na qual toda a população, e especialmente os nossos irmãos e irmãs ali presentes, contam com o nosso apoio, solidariedade e comunhão em espírito e oração.

Como o Padre Caffarel fez há 75 anos, colocamos nas suas mãos intercessoras a solução do conflito, bem como todo o Movimento nos braços da Nossa Mãe, a Virgem Maria, que é a guardiã de todas as dores do mundo, ratificando o nosso desejo de servir imitando-a para que ela possa continuar a ser luz e guia na nossa caminhada rumo a Deus.

Que assim seja.

Clarita e Edgardo Bernal
Casal Responsável Internacional – ERI

Introdução

Pela Orientação Geral dirigida a todos os membros das Equipes de Nossa Senhora no Encontro Internacional de Fátima em 2018, somos convidados a não ter medo e a sair para realizarmos a missão que temos como casais e como Movimento.

A orientação específica para o ano 2023 é: **“Servir a exemplo de Maria”**.

Este também é o título deste Tema de Estudo, pois a Virgem Maria fez de sua vida um serviço. Ela, depois de seu filho Jesus, é o maior exemplo de serviço que a humanidade já presenciou. Ela, que se declara a humilde serva do Senhor e que se submete à vontade de Deus por meio do seu “Sim”.

Ao concluir o diálogo com o anjo Gabriel, enviado por Deus para anunciar que seria a mãe de Jesus, Maria responde: *“Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a sua palavra”*.

Ao dar esta resposta, Maria mostra que toda sua existência estava dirigida ao serviço. Fez-se servidora dos outros por amor, servindo com discrição, humildade e piedade.

Por orientação da ERI este Tema de Estudo reflete a vivência da fé e a busca da santidade, considerando também a situação social e utilizando como referência principal diversos textos da Doutrina Social da Igreja presentes na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – sobre a fraternidade e a amizade social. Com esta Encíclica, de outubro de 2020, o Papa deseja ardentemente, como ele mesmo afirma:

“...que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: ‘Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente []; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [] Sozinho, corre-se o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se

constroem os sonhos'. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos." (FT, 8)

Este Tema de Estudo não é um estudo de Mariologia, um estudo sobre a figura, o mistério, a missão e o significado de Maria na história da salvação. Contudo, com este Tema de Estudo nos aproximaremos de Maria, de suas virtudes especiais (virtudes no sentido de qualidades, de força e vigor), de sua vida exemplar, como o modelo mais fiel de discípula missionária de seu filho Jesus e intercessora das necessidades de todos os povos. O exemplo de Maria ilumina e orienta a vida e a missão de todos os cristãos.

O tema está focado na humanidade de Maria, pois ela é, como nós, uma pessoa com quem podemos nos identificar. O seu exemplo ajuda-nos a lidar com os verdadeiros problemas do mundo de hoje. Podemos nos perguntar: *como as ações de Maria nos inspiram em nossa vida diária? Diante dos desafios atuais?*

Maria é a nossa mãe, aquela que cuida de todos nós para que o “vinho não venha a faltar”, como ela fez na festa das Bodas de Caná. Para que não nos falte nada, e aos outros nossos irmãos, podemos, seguindo o seu exemplo, verificar onde “falta vinho” em nossos ambientes e na realidade onde vivemos.

O episódio das Bodas de Caná é inspirador de cada um dos capítulos propostos neste Tema de Estudo. É dada ênfase à passagem: “*Eles não têm mais vinho*”, uma necessidade percebida pela mãe de Jesus para que a festa não acabasse antes do tempo programado.

Olhando ao nosso redor, podemos nos perguntar: quais são as necessidades que Maria está sinalizando? Quais são as “faltas de vinho” que ela percebe e nos comunica? Na realidade social do nosso país, do nosso mundo, quais são as insuficiências, as escassezes, as faltas que impedem que a festa continue?

É importante, desde o início do estudo deste tema, entender que tudo nele está focado na necessidade de termos compaixão e sermos misericordiosos com as realidades que nos cercam, como nossa mãe Maria soube fazer, porque sem atendê-las e sem ser sensibilizados

por elas, a alegria não pode ser completa. Se uma parte da humanidade não tem vinho então há um vazio na humanidade toda.

Não é uma questão de ver a vida de um ponto de vista negativo; muito pelo contrário!

Trata-se de não nos contentarmos em viver com a escuridão que nos cerca, pois se a temos ao nosso redor, é precisamente porque não estamos oferecendo a luz que, na condição de nossa existência de batizados, podemos proporcionar.

Dessa forma, poderemos compreender que este Tema de Estudo não é uma apologia ao pessimismo; ele não tem uma conotação negativa; seu fio condutor comum que liga os diferentes capítulos com *“Eles não tenham mais....”* é uma janela e uma oportunidade para permitir que nossa festa seja completa somente na medida em que todos nós, superando as desigualdades, possamos participar dela, junto com todos nossos irmãos e irmãs.

Não podemos pensar ilusoriamente que as necessidades do mundo podem ser resolvidas apenas com nossa participação, mas, como disse Santa Madre Teresa, ser voluntária em Calcutá é como ser uma gota d’água no oceano; mas, sem essa gota, o oceano estaria incompleto.¹

Assim, cada reunião nos convida a nos encontrarmos com a nossa equipe de base para refletir em profundidade sobre os desafios que nos rodeiam nas várias dimensões da vida humana, em todos os aspectos que nos interpelam dessa “Calcutá” universal, em que cada um de nós pode contribuir com aquela “gota de água que pode fazer a

1. Ver em <https://www.regnumchristi.org/es/una-gota-de-agua/>. Publicado no site em 11 de julho de 2019. Pesquisado em 11 de fevereiro de 2022. Atribui-se esta frase ao seguinte fato: em 1979, ao voltar da Noruega após o recebimento do Prêmio Nobel da Paz, a Madre Teresa de Calcutá passou pela casa das Missionárias da Caridade em Roma, onde um jornalista lhe fez uma pergunta provocadora: “Madre, a senhora tem 70 anos. Quando a senhora morrer, o mundo vai ser como antes. O que mudou depois de tanto esforço?” Madre Teresa então lhe respondeu: “Veja, eu nunca pensei que poderia mudar o mundo. Eu só tentei ser uma gota de água limpa em que pudesse brilhar o amor de Deus. Você acha pouco?” Daí se criou a seguinte frase, atribuída à Madre Teresa: “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas, sem ela, o oceano será menor”. Notícia encontrada em *Aleteia Brasil*, publicado em 13/2/17. Ver: <https://pt.aleteia.org/2017/02/13/mude-tudo-ao-seu-redor-adote-o-conselho-da-gota-limpa-da-madre-teresa-de-calcuta/>

diferença no oceano”, não apenas de nossa existência, mas de todos aqueles com os quais compartilhamos a vida nesta Casa Comum.

Em nossas reflexões como casal e como equipe, devemos sempre nos questionar: como podemos cumprir a missão para a qual somos chamados, sempre inspirados pelo exemplo de Maria?

Maria, revestida da Palavra, tinha não só a abertura à inspiração do Espírito Santo, mas também a força e o caráter de uma mulher de ação, exemplo de discipulado para todos nós e modelo a ser seguido em nosso mundo contemporâneo. Os acontecimentos das Bodas de Caná nos dão uma visão do vínculo de Maria com seu filho Jesus, vínculo marcado por compreensão, confiança, misericórdia e compaixão.

Por isso enfatizamos que este Tema de Estudo é desenvolvido em torno das virtudes (não necessariamente as virtudes teologais, mas entendendo o termo em seu sentido amplo derivado de *virtus*, força, vigor), das atitudes e dos ensinamentos de Maria, tendo como pano de fundo a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, e alguns textos do Padre Caffarel. O objetivo é de permanecer em comunhão com as reflexões e orientações atuais do Santo Padre e da Igreja.

Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco utiliza como perspectiva de fundo a Parábola do Bom Samaritano, afirmando que esta história se repete ainda hoje, e em tantos lugares do mundo, onde faltam moradia, educação, saúde, diálogo, alimentação, emprego, cuidado com a Criação, liberdade, promoção e proteção dos direitos humanos. Com relação aos cuidados da pessoa caída, existem apenas dois personagens na parábola: (FT, 70)

- Aqueles que cuidam dos outros em seus sofrimentos e
- Aqueles que passam ao largo dos outros em suas necessidades. Com quem nos identificamos? O que fazer? O que nos pede o Evangelho?

Precisamos nos preocupar em compartilhar o que temos, o que é “nosso”, com quem tem necessidade, com quem a falta de vinho lhe tira ou fere sua dignidade de pessoa humana.

Ao assumirmos o desafio de servir e ser misericordiosos com os que nos rodeiam, lembremo-nos das palavras do Papa Francisco ao Movimento das Equipes de Nossa Senhora:

[...] “Com efeito, gostaria de insistir sobre este papel missionário das Equipes de Nossa Senhora. Cada casal comprometido recebe certamente muito de quanto vive na própria equipe, e a sua vida conjugal se aprofunda e se aperfeiçoa graças à espiritualidade do Movimento. Mas, depois de ter recebido de Cristo e da Igreja, o cristão é irresistivelmente enviado para fora a fim de testemunhar e transmitir aquilo que recebeu. [...]

Os casais e as famílias cristãs encontram-se muitas vezes em melhores condições para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortalecer e encorajar. Aquilo que viveis no casal e na família – acompanhado pelo carisma próprio do vosso Movimento –, esta alegria profunda e insubstituível que o Senhor vos faz experimentar na intimidade doméstica entre as alegrias e as dores, na felicidade da presença do vosso cônjuge, no crescimento das vossas crianças, na fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isto deve ser testemunhado, anunciado, comunicado fora para que outros, por sua vez, sigam este caminho. Portanto encorajo, em primeiro lugar, todos os casais a pôr em prática e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade que as Equipes de Nossa Senhora seguem.” [...]

“Exorto-vos também a continuar a estar próximos das famílias feridas, que hoje são tão numerosas, devido à falta de trabalho, à pobreza, a um problema de saúde, a um luto, à preocupação causada por uma criança, ao desequilíbrio provocado por uma distância ou uma ausência, a um clima de violência. Devemos ter a coragem de entrar em contacto com estas famílias, de modo discreto, mas generoso, material, humana ou espiritualmente, nas circunstâncias em que são vulneráveis.”²

2. Papa Francisco. Discurso aos participantes no Encontro de Casais Regionais, promovido pelo Movimento das Equipes de Nossa Senhora. Sala Clementina, 10 de setembro de 2015, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150910_equipas-notre-dame.html

Siglas

AG	<i>Ad Gentes</i>
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
AS	<i>Admirabile Signum</i>
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CL	<i>Christifideles Laici</i>
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
DCE	<i>Deus Caritas est</i>
EG	<i>Evangeli Gaudium</i>
FC	<i>Familiaris Consortio</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GE	<i>Gravissimum Educationis</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
MM	<i>Misericordia et Misera</i>
PC	<i>Patris Corde</i>
RM	<i>Redemptoris Mater</i>
RVM	<i>Rosarium Virginis Mariae</i>

Estrutura Geral

São propostas nove reuniões para este Tema de Estudo.

A seguir, apresentamos um breve esboço de cada reunião com os objetivos e referências bíblicas que podem ser utilizadas pela equipe de base. Lembramos novamente que a expressão utilizada “virtude” não se refere às virtudes capitais e teológicas propriamente, mas a expressão é tomada em sentido amplo.

Reuniões	Objetivos gerais	Referências Bíblicas
Reunião 1: Eles não têm mais vinho	<p>Entender o que pode significar a “falta do vinho” nas diversas realidades que nos cercam.</p> <p>A pedagogia de Maria para discernir o que se pode fazer em resposta às diferentes realidades onde “falta o vinho”.</p> <p>Exercitar a virtude da SOLIDARIEDADE que a mãe de Jesus demonstrou nas Bodas de Caná.</p>	Jo 2,1-11
Reunião 2: Eles não têm mais casa	<p>Entender o que significa a “falta de vinho” para muitas pessoas e famílias que não possuem uma moradia digna.</p> <p>Conhecer a criatividade de Maria Santíssima e São José diante da adversidade de não encontrarem um lugar na casa para o nascimento de seu filho Jesus.</p> <p>Exercitar a virtude da HUMILDADE que a mãe de Jesus demonstrou acolhendo essa realidade e confiando na Providência.</p>	Lc 2,1-7

Reuniões	Objetivos gerais	Referências Bíblicas
<p>Reunião 3: Eles não têm mais pátria</p>	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que foram forçados a abandonar sua pátria.</p> <p>Entender que, no plano de Deus, não há lugar para a indiferença porque todos somos irmãos e irmãs.</p> <p>Exercitar a virtude da RESILIÊNCIA de Maria Santíssima.</p>	<p>Mt 2,13-18</p>
<p>Reunião 4: Eles não têm mais educação</p>	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que não têm acesso à educação de qualidade (humana, na fé e formal).</p> <p>Entender a importância de uma educação integral que contemple ao mesmo tempo conhecimento técnico e valores humanos e cristãos; valorizando a formação permanente como elemento fundamental do amadurecimento espiritual como pessoa e casal.</p> <p>Exercitar a virtude da DISPOSIÇÃO de Maria como mãe e educadora de seu filho e da comunidade cristã.</p>	<p>Lc 2,46-52</p>
<p>Reunião 5: Eles não têm mais saúde</p>	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que enfrentam situações de enfermidade ou de doença.</p> <p>Entender a situação das pessoas que vivem sem as condições sanitárias mínimas e sem acesso à saúde (alimentação, saneamento, cuidados médicos).</p> <p>Exercitar a virtude da DISPONIBILIDADE de Maria para ir ao encontro de sua prima Isabel para ampará-la em suas necessidades.</p>	<p>Lc 1, 35-45</p>

Reuniões	Objetivos gerais	Referências Bíblicas
Reunião 6: Eles não têm mais diálogo	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” quando não existe o diálogo nos relacionamentos conjugais, familiares e na convivência social.</p> <p>Entender o mal que os radicalismos e polarizações provocam e como destroem a capacidade para o diálogo e a fraternidade.</p> <p>Exercitar as virtudes da ESCUTA e do DIÁLOGO de Maria em sua sensibilidade humana.</p>	<p>Lc 1,26-38</p>
Reunião 7: Eles não têm mais companhia	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que vivem ou se sentem sós.</p> <p>Entender a diferença entre solidão e solitude.</p> <p>Exercitar a virtude da SERENIDADE de Maria diante da Paixão de Cristo e da Cruz.</p>	<p>Jo 19,25-30</p>
Reunião 8: Eles não têm mais respeito à Criação	<p>Conhecer o que significa a “falta de vinho” quando não existe a responsabilidade de todos no cuidado com a Casa Comum.</p> <p>Entender que a espiritualidade deve nos guiar no caminho de cuidar e cultivar a terra na perspectiva de Gênesis 1.</p> <p>Exercitar a virtude da PERSEVERANÇA de Maria na defesa da vida em todas as suas manifestações e situações em que é ameaçada.</p>	<p>Ap 12,1-4</p>
Reunião DE BALANÇO: O vinho novo	<p>Identificar que milagres do “vinho novo” aconteceram em sua equipe ao longo deste ano.</p> <p>Perceber as situações em que não fizemos tudo o que Jesus no disse neste ano.</p> <p>Comprometer-se, inspirado nas virtudes da CONFIANÇA e da ESPERANÇA de Maria no Espírito Santo, a colaborar na transformação das realidades em que “conhecemos” a “falta de vinho”.</p>	<p>At 1,12-14 At 2,1-4</p>

Estrutura de cada reunião

1. Objetivos

Este Tema de Estudo fornece alguns objetivos para serem vividos e alcançados em cada reunião. Cada objetivo está dentro do quadro de referência proposto: “*Servir a exemplo de Maria*”.

Estes objetivos visam fortalecer a unidade de nosso Movimento em nível internacional no estudo deste tema. Isto não significa, contudo, que o tema deva ser tratado da mesma forma por todas as equipes de base. A riqueza desta unidade provém precisamente de sua diversidade, pois cada país ou Super-Região está inserido em um determinado contexto cultural, social, econômico e religioso. Mas, em Deus somos um; daí a importância de o Movimento adotar o mesmo tema para todas as equipes de base.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

A introdução fornece uma primeira aproximação com o tema de reflexão proposto para cada reunião, em consonância com os objetivos estabelecidos. Todos os casais, mas com a atenção especial do Casal Responsável de Equipe, devem considerar cuidadosamente estas ideias antes de cada reunião.

2.2. A Palavra de Deus

O texto bíblico de cada reunião está relacionado ao tema proposto e sugere-se aos equipistas, como ponto de partida para sua participação na reunião, fazer, se possível, a leitura orante da Palavra de Deus (*Lectio Divina*).

Os quatro momentos ou degraus da Leitura Orante da Palavra de Deus são:

- a) **Leitura:** ler e refletir atentamente familiarizando-se com o texto bíblico.
- b) **Meditação:** descobrir pela reflexão interior o que Deus tem a me dizer.

- c) **Oração:** expressar em oração a Deus aquilo que surge em nosso coração como resposta ou inquietação provocada pela palavra.
- d) **Contemplação:** comunhão amorosa e silenciosa com Deus.
- e) **Ação:** pôr em prática o que a Palavra de Deus me inspirou, descobrindo um “jeito novo” de ser e de assumir a vida (compromisso transformador), especialmente naquele mês.

O texto bíblico é seguido de uma pequena explicação, para que possamos compreender com fé e sabedoria o significado do texto, auxiliando-nos na realização do 1º passo (Leitura), guiando assim nosso caminho de espiritualidade e de santidade.

2.3. Textos para reflexão

São oferecidos diversos textos para aprofundamento da reflexão sobre o tema proposto. São do Papa Francisco, do Pe. Henri Caffarel e extratos de outros documentos que ajudarão para facilitar a resposta das perguntas. A própria equipe de base, se quiser, pode propor outros textos que considerar importantes para aprofundar a troca de ideias no momento do Tema de Estudo.

2.4. Depoimento de um equipista

Sempre é apresentado um pequeno testemunho de algum membro das Equipes de Nossa Senhora da Super-Região Oceania, relacionado com o tema da reunião.

2.5. Questões para o Dever de Sentar-se

Para o Dever de Sentar-se, que deve ser feito antes da reunião mensal, são apresentadas pistas relacionadas ao tema da reunião ajudando o casal a aprofundar no relacionamento e no diálogo conjugal aquela temática. São pistas adicionais às questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço, normalmente relacionadas à virtude de Maria, considerada em cada reunião.

3. A Reunião Mensal da Equipe

Segundo o *Guia das Equipes de Nossa Senhora* (GENS), uma reunião de equipe é “o ápice da vida desta pequena comunidade, pela presença de Cristo Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um

como ele é”, com tudo o que ele tem de bom e mau, e disposto a ajudá-lo a tornar-se o que ele quer ser.¹

É bom lembrar que a reunião de equipe é composta de cinco partes, cuja ordem pode ser mudada para se adequar à vida da própria equipe, mas sem remover nenhuma delas:

- Acolhimento e refeição.
- Coparticipação (colocar em comum).
- Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração.
- Partilha dos Pontos Concretos de Esforço.
- Estudo ou troca de ideias sobre o Tema de Estudo.

3.1. Acolhimento e refeição

Cada reunião começa, desde a chegada de cada casal e do Sacerdote Conselheiro ou Acompanhante Espiritual, com a prática da hospitalidade e do acolhimento pelo casal que recebe os equipistas em sua casa, que pode ser seguida por uma oração.

No roteiro de cada reunião é sugerida uma oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que pode ser adotada pela equipe. Trata-se da Oração ao Criador, e tem por objetivo manter a unidade com o espírito da Carta Encíclica, síntese do que se busca com este Tema de Estudo.

A refeição é um momento especial dentro da reunião tendo o sentido do Ágape das primeiras comunidades, quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

3.2. Coparticipação (colocar em comum)

Este é um momento essencial para que os casais possam se conhecer melhor e viver concretamente ajuda mútua oferecendo o precioso auxílio fraterno, pondo em comum suas vidas.

Num momento em que mais do que nunca precisamos de um diálogo pacífico e acolhedor entre os casais, sugere-se que neste momento os casais relatem eventos importantes ocorridos desde a última

1. ENS – SRB. *Guia das Equipes de Nossa Senhora*, 2021, A reunião mensal da equipe, p. 48.

reunião, confrontando a realidade da vida com o Evangelho e percebendo fatos e eventos que produziram melhor compreensão e crescimento na vida em Cristo.

3.3. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Este momento começa com a reflexão ou meditação sobre a passagem bíblica proposta para cada reunião, que cada casal pode preparar com antecedência, tendo em vista aprofundar sua experiência com Deus e revestir-se de Sua Palavra, a exemplo de Maria.

A oração de meditação pessoal e/ou do casal sobre a passagem bíblica pode ser seguida da Oração Litúrgica ou de outras orações que a equipe de base considerar apropriadas para aquele momento.

Para a Oração Litúrgica sugere-se o Salmo Responsorial da missa do dia, como forma da “pequena ecclesia” – equipe de base – integrar-se à grande Igreja.

3.4. Partilha dos Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos Pontos Concretos de Esforço deve se desenvolver em um clima de espiritualidade e de escuta fraterna, cheio de caridade e de apoio mútuo durante a reunião.

Não deve ser esquecido que os Pontos Concretos de Esforço devem ser todos vividos ao longo do mês e, em algumas reuniões, pode ser destacado um PCE específico, que o tema da reunião inspire para ser vivido com mais intensidade.

3.5. Perguntas para o Tema de Estudo

“O tema do estudo é um meio de aprofundar ainda mais a nossa fé.”²

Tendo isto em mente e a busca da santidade no nosso cotidiano, este é um momento de troca de ideias utilizando todas ou algumas perguntas sugeridas para cada reunião de equipe.

2. ENS – SRB. *Guia das Equipes de Nossa Senhora*, 2021, A reunião mensal da equipe, p. 53.

Deve-se notar que as perguntas são destinadas a todos os equipistas, provenientes de culturas diferentes, e, portanto, podem ser adaptadas e até alteradas de acordo com o desejo da equipe, com a ajuda do Sacerdote Conselheiro ou Acompanhante Espiritual.

É de se salientar que esta reflexão também é feita à luz dos desafios e das atitudes de Maria apresentadas no início de cada reunião.

3.6. Orações finais

No final de cada reunião reza-se o *Magnificat* (na intenção de todos os equipistas do mundo) e também pode ser rezada a oração pela canonização do Pe. Henri Caffarel. A equipe também pode colocar, a seu critério, estas orações em outros momentos da reunião



Imagens

que expressam fortes sentimentos...

O tema deste ano nos apresenta Maria, nossa mãe, aquela que cuida de todos nós para que o vinho não venha a faltar na festa das Bodas de Caná. Vamos poder constatar, no estudo, que há um pedido implícito para que nos conscientizemos de que a falta de vinho acaba por enfraquecer nossa missão cristã nos questionando: como posso ir de onde estou para onde quero ou preciso estar. *O universo confiou a cada um de nós um pedacinho dele próprio que nos cabe cuidar (Jean Ives Leloup)*. Um universo mais intuitivo, uma reeducação do olhar de nossa humanidade, uma transformação cultural, educacional, entendendo o ser humano como um fio particular na teia da vida. Separamo-nos e nos colocamos fora da natureza, distanciamo-nos do outro e perdemos a noção do todo, destruimos nosso meio ambiente e nos relacionamos em partes. Um conceito de saúde e bem-estar individual e social requer uma mudança radical de paradigmas onde cabe também uma reeducação do olhar de nossa humanidade porque não somos apenas natureza mas também espírito. As imagens artísticas aqui selecionadas para cada reunião nos proporcionam momentos em que podemos vivenciar uma perfeita fusão dos cenários em seus contextos sociais, que nos dão indícios de como estamos em nosso mundo, com imagens que provocam nossas consciências. Consciência esta que necessita reverenciar a natureza nos fazendo perceber que somos um todo e que a partir dessas constatações devemos exercitar a nossa espiritualidade individual e em casal e assim contribuir para uma transformação coletiva, por meio de nossas ações, trazendo as marcas dessa espiritualidade para o convívio social.

Uma das perdas que a sociedade moderna sente de forma visível é a do sentido de comunidade, por isso precisamos nos transformar em guias facilitadores e nos acompanharmos uns aos outros na busca de



novos caminhos, para que se operem transformações significativas não só em nossas vidas, mas também junto aos que caminham ao nosso lado, buscando no interior de cada um a força ética capaz de reorganizar nossa visão de mundo.

Não é difícil de constatar que as ameaças da instabilidade da época em que vivemos formam um ser humano mais rígido e inflexível e conseqüentemente menos criativo, e o ser humano com redução dessa característica deixa de exercitar todo seu potencial e perde sua vitalidade.

Acreditamos na relevância das imagens artísticas, pois o processo oferece ao ser humano a sutileza das vivências do cotidiano que podem ser reproduzidas, recriadas e devolvidas à sociedade não em linguagem verbal mas em imagens que nos fazem repensar nosso envolvimento com o mundo.

Tomemos consciência de que em cada reunião haverá falta do vinho nas diversas atividades que nos conduzem até Maria, nos afastando de nossa missão, precisamos, entretanto, compreender que no plano de Deus não há lugar para indiferenças com os que já não têm mais casa, saúde e companhia e que a sustentação de um diálogo aberto e de cura possibilite o desejo de mudanças nas realidades que nos cercam. Podemos criar e recriar com movimentos próprios um pensamento ecologizado, lembrando-nos sempre de que a organização da natureza é o nosso modelo, e quando surgir a pergunta: em que momento eu posso agir? que a resposta seja “no aqui e agora”...

Maria Alice e Ivahy Barcellos
Eq. 3 B SP Cap. II – Província Sul 1
Nova Bandeira Editora



Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682)

Conhecido por suas obras religiosas, Murillo é talvez o pintor que melhor representou o barroco espanhol. Nascido em Sevilha, Espanha, muito cedo ficou órfão, passando a ser criado por sua irmã. Estima-se que tenha começado seus estudos artísticos aos 17 anos de idade, sob a orientação de um parente de sua mãe. Logo cedo seus trabalhos já demonstravam uma abordagem

A Festa das Bodas de Caná
Barber Institute of Fine Arts, Reino Unido



fortemente realista. Desenvolveu grande parte de seu trabalho, ou os mais importantes, em obras religiosas católica-romanas, tendo como elementos mais conhecidos e característicos de suas pinturas: a elegância e a beleza das figuras femininas, os anjos e a notável fusão da realidade com o mundo espiritual. Morreu em Sevilha aos 64 anos. O grande talento de Murillo para a pintura dramática é evidente nesta obra espetacular aqui representada, que além do seu principal foco na transformação da água em vinho também podemos perceber a figura de Maria logo atrás de Jesus, que se dispôs a interferir junto a seu filho na solução da falta de vinho.



Reunião 1

Eles não têm mais vinho

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Entender o que pode significar a “falta do vinho” nas diversas realidades que nos cercam.
- Conhecer a pedagogia de Maria para discernir o que se pode fazer em resposta às diferentes realidades onde “falta o vinho”.
- Exercitar a virtude da SOLIDARIEDADE que a mãe de Jesus demonstrou nas Bodas de Caná.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Para dizer a frase “*Eles não têm mais vinho*”, é preciso estar presente onde ele (vinho) realmente falta e perceber a sua falta. Ora, “e a mãe de Jesus estava ali” (Jo 2,1), estava presente na festa de casamento em Caná da Galileia (Jo 2,1-11). Ela percebeu que o vinho tinha acabado e entendeu o transtorno e vergonha que isso seria para o jovem casal e sua família em seu dia muito especial. Com plena confiança em seu Filho, Maria disse aos que estavam servindo: “*Fazei tudo o que ele vos disser*”.

A mãe de Jesus conhecia bem seu filho e sabia que ele seria um amigo solidário, que responderia às necessidades daquele casal naquela situação. Ela interferiu e intercedeu para que a alegria e o êxito daquelas bodas continuassem, neste contexto Jesus realiza seu primeiro sinal, satisfazendo as expectativas humanas e conduzindo seus discípulos a acreditarem nele.

Como diz o Papa Francisco: “Como é possível celebrar as núpcias e festejar se falta o vinho que exprime a abundância do banquete e a alegria da festa? Imaginem terminar uma festa de casamento bebendo chá! Seria uma vergonha! O vinho é necessário para a festa”.¹

Aqui se coloca um grande desafio: é importante estar lá, na festa de casamento, e observar com atenção; é preciso estar atento às necessidades daquela realidade onde nos encontramos.

Como podemos saber o que falta a nós como casal, à nossa família, à nossa comunidade eclesial, à nossa equipe de base, aos nossos colegas de trabalho, aos nossos vizinhos, às pessoas que não têm moradia, ou trabalho, ou saúde, ou educação ou são migrantes se não estamos junto a estas realidades e situações de necessidades da pessoa humana?

Como podemos saber o que falta, se não sabemos nos fazer presentes nestas realidades, se não sabemos nos colocar no lugar do outro que necessita de alguma coisa fundamental para sua dignidade humana, se não sabemos ouvir sem julgar, se não sabemos compreender, sorrir, vibrar e chorar junto com o outro?

No episódio das Bodas de Caná, o evangelista São João apresenta uma intervenção de Maria na vida pública de Jesus e põe em relevo a sua cooperação na missão do Filho.

O relato deste Evangelho é um convite para que todos possamos pensar de que forma o nosso caminho de serviço (ou nossa missão) tem possibilitado que Jesus realize, por meio de nossa colaboração e solidariedade, os seus sinais.

Nossa sociedade, nossos dias, são, com frequência, aparentes festas, com aparentes alegrias, mas onde costuma faltar o essencial. Jesus nos oferece o que é importante: a proximidade, o amor, o respeito, a misericórdia, a compaixão... Para que isso se torne real e possível, Jesus conta com o nosso auxílio, a nossa cooperação, a nossa solidariedade, o nosso serviço generoso e nossa capacidade de partilha.

De fato, o poder das intercessões de Maria tem sido salientado por muitos ao longo de toda a história da cristandade. Ela é conhecida

1. Papa Francisco. Audiência Geral, Praça São Pedro, quarta-feira, 8 de junho de 2016, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2016/documents/papa-francesco_20160608_udienza-generale.html

como a primeira dos discípulos; um caminho de discipulado que começou com a sua resposta voluntária e generosa ao Anjo Gabriel: *“Faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1,38).

O seu serviço foi o de uma mãe que cuidava profundamente do seu Filho. Ao longo de sua vida, ela o apoiou para continuar a sua missão até sua morte na cruz (Jo 19,23-27). Depois de sua morte, Maria fez o que pôde para apoiar os discípulos, e permaneceu com eles (At 1,14).

Podemos assim imaginar como Maria, durante toda a sua vida, foi um suporte constante e confiável aos outros em seu tempo de necessidade, especialmente quando *“eles não tinham mais vinho”*.

2.2. Seguindo os passos de Maria: solidariedade

O que é este “estar lá” para nós como casal cristão e pertencente às Equipes de Nossa Senhora? É verdade que este “estar lá” depende muito de cada pessoa, de cada casal e de cada família, e das etapas de suas vidas.

- “Estar lá” quando o cônjuge precisa de amor, presença, carinho.
- “Estar lá” quando um casal necessita de nosso apoio, acolhida, generosidade.
- “Estar lá” quando nossos filhos precisam de nossa atenção, cuidado.
- “Estar lá” com nossos pais quando envelhecem.
- “Estar lá” na nossa paróquia contribuindo em alguma pastoral.
- “Estar lá” onde os valores do casamento e da família estão sendo rejeitados.
- “Estar lá” a serviço do setor, da região em nosso Movimento.

Contudo, e quando a realidade exige nossa presença e ação na sociedade?

- “Estar lá” quando encontramos uma pessoa ou família sem um lar, sem uma casa ou sem um abrigo para morar.
- “Estar lá” quando nos deparamos com um migrante ou um refugiado nos pedindo ajuda.
- “Estar lá” onde vemos crianças, jovens e adultos sem uma educação básica de qualidade e sem acesso aos materiais escolares necessários.

- “Estar lá” quando encontramos pessoas com sua saúde comprometida e sem ter sua dignidade respeitada.
- “Estar lá” onde pessoas demandam uma atitude de escuta, abertura e acolhida.
- “Estar lá” quando vemos pessoas que vivem sozinhas, na solidão ou em diferentes formas de abandono.
- “Estar lá” onde a vida na Terra está sendo ameaçada e destruída.
- “Estar lá” onde o outro necessita de nós, e nós necessitamos dele.

Este “estar lá” é também um convite para desenvolver e viver em nossa existência o que o Papa Francisco chama de “a arte do acompanhamento”, que se caracteriza pela delicadeza com que podemos nos aproximar do solo sagrado do outro, tornando-o nosso sem invadi-lo, sem nos impormos, sem nos sentirmos superiores, mas com um profundo e humilde senso de compaixão e misericórdia.

Nós podemos seguir o exemplo de Maria. Para isso, é necessário que compreendamos claramente a importância e o poder do acolhimento e da solidariedade, da compaixão e da misericórdia, compartilhando amor e mostrando apoio por meio de ações simples e concretas.

O Papa Francisco reflete sobre esta importante qualidade de Maria:² “Se imitarmos Maria, não podemos ficar de braços cruzados, apenas nos queixando, ou talvez evitando as dificuldades para que outros façam o que é nossa responsabilidade. Não se trata de grandes coisas, mas de fazer tudo com ternura e misericórdia”.

Quando os casais se amam, alimentam-se e se sustentam um ao outro e aos seus filhos, para viver “a vida em abundância” (Jo 10,10); refletem assim a unidade e a beleza do amor profundo de Deus pelo ser humano.

A dignidade dos casais como sinal de amor é importante para a Igreja e para a sociedade. São Paulo descreve o amor e a unidade do casal

2. Papa Francisco. Mensagem ao presidente da Conferência Episcopal de Cuba, por ocasião da Festa da Virgem da Caridade do Cobre. Vaticano, 8 de setembro de 2014, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140908_messaggio-conferenza-episcopale-cubana.html

como um sinal do amor de Cristo pela Igreja (Ef 5,21-33). É um sinal visível do amor de Deus que existe desde toda a eternidade.

Como casais, este amor nos desafia a sermos solidários, generosos e amorosos com todos. Aprendemos sobre essas qualidades com nossos pais e outras pessoas importantes em nossa formação: avós, professores, trabalhadores remunerados e voluntários que doam seu tempo e esforço para o testemunho e transmissão destes valores humanos e cristãos.

Através do amor, da generosidade e da solidariedade, os casais podem colaborar no cuidado de pessoas em todas as realidades de angústia e necessidade, “onde falta o vinho”: pessoas que vivem na pobreza, no desabrigo, no meio do horror da violência familiar e comunitária, no meio dos refugiados e onde acontecem tantos desastres ambientais.

Nossa reunião mensal de equipe se realiza nesta dinâmica de ser e viver em comunidade para que nós, e aqueles que nos rodeiam, não fiquemos nos sentindo vazios e abandonados, mas nos sintamos fortalecidos para partilhar o que somos e o que temos com generosidade, solidariedade e amor.

2.3. A Palavra de Deus (Jo 2,1-11)

“No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava ali. Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento. Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm vinho!’ Jesus lhe respondeu: ‘O que há entre mim e ti, ó mulher? A minha hora ainda não chegou’.

Sua mãe disse aos que serviam: ‘Fazei tudo o que ele vos disser!’ Havia ali seis talhas de pedra, contendo duas ou três medidas, para os ritos judaicos de purificação. Jesus ordenou: ‘Enchei as talhas de água!’ E elas as encheram até em cima. Então disse: ‘Agora, tirai e levai ao mestre de cerimônias’. E eles levaram. O mestre de cerimônias provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era, embora o soubessem os serventes que haviam tirado a água. Então chamou o noivo e disse-lhe: ‘Todo mundo serve primeiro o vinho bom e quando os convidados já beberam bastante, o inferior. Tu guardaste

o vinho bom até agora'. Foi este o início dos sinais que Jesus fez em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.”

Estamos diante do primeiro sinal de Jesus Cristo. Depois de apresentar a origem divina do homem de Nazaré, o Verbo que se fez carne, depois de contar o testemunho do Batista sobre ele e de narrar o chamado dos seus primeiros discípulos, o Evangelista João apresenta o primeiro grande sinal do Filho de Deus. Só que esse sinal é escandalosamente diverso daquilo que esperávamos. Consiste em proporcionar mais de 600 litros de bom vinho para uma festança.

Convenhamos: com todos os problemas de fome que existiam e ainda existem no mundo, sem tocar no grave problema do alcoolismo, é legítimo se perguntar se ele não poderia ter feito qualquer coisa de mais útil? O que teria dito o Batista, o asceta do deserto, diante de um sinal como esse?

Essa interrogação nos permite concluir que, certamente, o quarto evangelista tem um objetivo muito maior ao descrever esse como o primeiro sinal de Jesus. A importância do vinho numa festa de casamento na época de Jesus nos ajuda a entender qual é esse objetivo. O vinho era um elemento de alegria e satisfação. A falta dele não acabaria com a festa, é verdade, mas limitaria demasiadamente o sucesso dela e, conseqüentemente, deixaria naqueles noivos um sentimento de frustração para toda a sua vida. E mais, o vinho simboliza aquilo de bom que Israel (comparada a uma videira plantada por Deus) realiza em sua vida quando vive a fidelidade da aliança com seu divino esposo e Senhor.

Maria percebe isso, interpela e apresenta a Jesus o fato e ele, mesmo com o que parece certa relutância no primeiro momento, soluciona o problema realizando um “sinal”.

Importante dizer que ele não realiza sozinho esse sinal; conta com o apoio das pessoas presentes dispostas a servir. Então, temos Maria que percebe e intercede; os presentes (os que serviam) que colaboram e Jesus que realiza o sinal. Será que isso só nos serve de uma recordação piedosa de Jesus num casamento em Caná da Galileia? Seria esperar muito pouco de João Evangelista, que faz questão de nomear como “sinal” e não como milagre o que Jesus realizou.

Esse significativo primeiro “sinal” de Caná chega até nós no contexto de um mundo desencantado pela “falta de vinho”, em que as alianças são frágeis ou fragilizadas e incapazes de produzir aquilo que se propõe. E são muitos os aspectos dessa falta de vinho na festa da vida. Falta o vinho da dignidade humana, dos direitos sociais, da valorização da Casa Comum, entre tantos outros.

O tipo de vinho a faltar pode até ter modificado de acordo com os novos contextos e situações humanas, mas não os protagonistas. Maria continua solidariamente intercedendo; Jesus que é o mesmo “ontem, hoje e sempre” continua pronto para agir e nós somos os participantes dessa festa da humanidade chamados a servir, e assim responsáveis por colaborar com Jesus a continuar mudando a tristeza e decepção em alegria e esperança.

Confiemos a Maria, exemplo de solidariedade guiada pela fé, todas as angústias e as esperanças daqueles que “não têm mais vinho”; peça-mos que ela nos infunda a coragem para invocarmos o Espírito Santo, artífice da unidade da Igreja e entre os homens, para ajudarmos na construção de um mundo de justiça, paz, fraternidade e solidariedade.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O tema da solidariedade é um dos mais importantes destacados pelo Papa Francisco nestes últimos anos. Os números 114-116 da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT) são dedicados a uma reflexão profunda sobre o significado e o alcance da solidariedade em nossos dias. Diz o Papa:

“Quero destacar a solidariedade, que como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte de uma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de caráter educativo e formativo. Penso, em primeiro lugar, nas famílias, chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos.

Quanto aos educadores e formadores que têm a difícil tarefa de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, devem estar cientes de que a sua responsabilidade envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade. [...] Também os agentes culturais e dos meios de comunicação social têm responsabilidades no campo da educação e da formação, especialmente na sociedade atual, na qual difunde-se cada vez mais o acesso a instrumentos de informação e comunicação.” (FT, 114)

“Nestes momentos em que tudo parece diluir-se e perder consistência, faz-nos bem invocar a solidez, que deriva do fato de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura de um destino comum. A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, ‘em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo’. Nesta tarefa, cada um é capaz de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis [...]. O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente sua proximidade e, em alguns casos, até ‘padece’ com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas.” (FT, 115)

“Os menos favorecidos, em geral, praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido, ou pelo menos tem grande vontade de esquecer. Solidariedade é uma palavra que nem sempre agrada; diria que algumas vezes a transformamos em um palavrão, que não se pode dizer; mas é uma palavra que expressa muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos

destrutivos do império do dinheiro (...). A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem.” (FT, 116)

Portanto, a palavra “solidariedade” significa muito mais do que algumas ações esporádicas de generosidade. É muito mais, diz o Papa Francisco. Não é apenas uma questão de ajudar os outros: trata-se de justiça. Para ser solidária e dar frutos, a interdependência entre todos – ou todos se salvam, ou ninguém se salva! – precisa de raízes fortes no humano e na natureza criada por Deus; precisa de respeito pelos rostos e pela Terra.

Pe. Henri Caffarel³

Em um texto, intitulado “Ricos”, publicado na *Carta Mensal* francesa, de maio de 1948, Pe. Caffarel fala que as riquezas que recebemos – materiais ou espirituais – existem para serem partilhadas. Como Cristo, o cristão preocupa-se com os outros. Ele não se fecha em si mesmo para gozar egoisticamente do que possui, mas é aberto, acolhedor, solidário, atento aos outros. Ele vive e trabalha, em união com Cristo, “para a glória de Deus e a salvação do mundo”.

“Sob muitos aspectos, somos privilegiados – ainda que muitos de nós estejam hoje mais ameaçados do que antigamente pelo flagelo do desemprego e da precariedade. Se, contudo, nos sentimos seguros, sem ter o que temer, será que pensamos naqueles que não o estão?”

Em resposta ao meu editorial no *l’Anneau d’Or*, nº 20 (“*Inquietude*”), recebi a seguinte carta:

‘Sou a assinante passiva típica, a mãe-de-família-demasiadamente-ocupada-para-escrever! Desta vez, contudo, reagi energeticamente ao ler o seu artigo.

A sua falta de preocupação me preocupa, escrevia o senhor. Ora, a preocupação, e é essa a palavra correta, nos atormenta! O mundo aí está, em torno de nós, tão cheio de miséria, como poderíamos nos sentir em paz? Será que ainda há tanta gente vivendo feliz, satisfeita, em meio à sua

3. CAFFAREL, Henri. **Textos Escolhidos**, Cap. 8, p. 75-77. Super-Região Brasil, 2009.

comunidade familiar tranquila, onde nada falta, onde cada um se sente confortável entre pessoas que se amam e são agradavelmente 'bem-educadas'? Realmente, eu pensava que isso pertencia a outros tempos. Quanto a mim, é-me tão difícil preservar alguns momentos de paz e tranquilidade! Coloco, então, a cabeça entre as mãos e digo: "A minha situação social, a minha fortuna honestamente adquirida (e muito relativa), foi Deus que assim quis; aliás, sou generosa conforme as minhas possibilidades, etc., etc.," e continuo com um pouco de tranquilidade.

Mas não por muito tempo. Uma mendiga toca a campainha (com certeza é uma profissional, não lhe devo nada... Ah! Mas, e se ela tiver crianças famintas e geladas em sua casa?... As minhas estão tão felizes ao pé da lareira... Acaso será esse o plano da providência: a sua miséria? O meu conforto?) E fica tudo abalado... [...]

Temos consciência de sermos pouca coisa, pecadores, caprichosos, inquietos, indecisos, tristes por perceber o mal sem ter a coragem de remediá-lo. Agora, depois de ter tentado inquietar aqueles que estavam tranquilos, não poderia o senhor tentar apaziguar os inquietos? É tão pesada essa angústia! Seria tão cômodo permanecermos tranquilos!"

Como soa cristão esse comentário! Eis aí, expressa ao natural, essa inquietude que caracteriza o discípulo de Cristo. Diante da miséria do mundo, ele descobre a sua riqueza e se pergunta, inquieto: *por que eu, por que não eles?*

Como vocês são ricos, vocês a quem me dirijo! Ainda que não tenham fortuna material. Ricos de sua cultura, de sua educação, de seus contatos, de suas amizades, desse lar em que reina o amor. Ricos do bem infinitamente mais precioso: a fé, a graça...

E, em torno de vocês, uma pobreza terrível: corpos esfomeados, corações esfomeados, almas esfomeadas.

Estão, vocês atormentados pela pergunta: por que eu, por que não eles? Estão vocês atormentados pela vontade de partilhar? Vocês me dirão: 'Eles não me pedem nada'. Será? Vocês acreditam realmente que são eles os que devem tomar a iniciativa?"

2.5. Testemunho de um equipista

O testemunho a seguir nos mostra a importância de ter mente e coração abertos para compreender e valorizar os que nos cercam e de ser solidários com suas necessidades.

“Nosso relacionamento se desenvolveu e cresceu desde que nos conhecemos, três anos antes. Assim, mesmo tendo dívidas e muito poucos bens, decidimos nos casar logo após meu marido ter terminado seus estudos. Nossos pais estavam muito felizes com nossos planos de casamento e pagaram com prazer a recepção. Eu fiz meu próprio vestido de noiva e a recepção aconteceu nos jardins da casa de minha tia. Nossos pais pensavam que teríamos uma boa vida pela frente, embora estivéssemos começando com muito pouco. Nossos convidados também entenderam essa nossa vontade; por isso, ficamos muito satisfeitos em receber presentes práticos e úteis para a casa que estávamos montando juntos.

Começamos nossa vida de casados em um pequeno apartamento mobiliado. Mais tarde aceitamos a oferta de uma casa alugada perto do trabalho de meu marido, para que ele não tivesse que viajar tão longe, especialmente quando era chamado para trabalhar durante a noite. Só pudemos comprar um colchão, um refrigerador e um pouco mais. Comíamos nossas refeições sentados em cadeiras dobráveis em uma mesa de jogo de cartas.

A vida de casados era boa. Gostávamos de receber os pais de meu marido, em estilo piquenique, em nossa nova casa. Então, algum tempo depois, meus pais vieram nos visitar, pois sua casa ficava em outra parte do país. Eles puderam ver que éramos felizes juntos, mas também viram nossa casa escassamente mobiliada. Tentamos assegurar a eles que não nos importávamos de ter uma casa vazia e que víamos o mobiliário de nossa casa como um projeto a ser realizado a longo prazo. No entanto, eles estavam determinados a nos ajudar e, finalmente, fomos persuadidos a ir às compras com eles para adquirir alguns móveis e um tapete para nossa sala de estar. Ficamos impressionados com a generosidade deles, mas foi maravilhoso poder oferecer mais conforto em nossa casa quando hospedávamos nossas famílias e amigos.

Sempre que ouvimos a história da festa de casamento de Caná, nos lembramos do início de nossa vida matrimonial. De fato, nos vemos refletidos no casal recém-casado do Evangelho. Sem dúvida, imaginamos que o jovem casal ficou muito grato e totalmente impressionado pelo ato generoso e amoroso de Jesus, pois foi oferecido o melhor vinho para os convidados do casamento. Da mesma forma, ficamos impressionados com a generosidade de meus pais em nos ajudar, sem alarde, em nossa situação.

As ações de Maria na festa de casamento em Caná são um modelo poderoso para nós. Ao longo dos anos, houve muitas vezes em que tomamos consciência de que nossos filhos estavam lutando tanto financeiramente quanto de outras maneiras. Vimos suas necessidades e, assim como nossos pais, respondemos da melhor forma que pudemos, mesmo quando era difícil fazê-lo.

O exemplo da sensibilidade de Maria às necessidades dos outros é algo que sempre lembraremos. Estejamos confiantes de que podemos recorrer a ela sempre que estivermos vazios, ou quando nossos corações estiverem feridos. Ela intercederá em nosso favor junto ao nosso Deus.”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

- Como Maria nos inspira a sermos realmente discípulos missionários de seu Filho Jesus a exemplo dos serventes das Bodas de Caná?
- Como podemos, conjugalmente e em equipe, praticar a solidariedade de Maria em favor de outros casais de nossa comunidade paroquial ou diocesana para que se sintam bem acolhidos na Igreja?
- Quais são os desafios que temos que superar, individualmente e conjugalmente, para sermos mais solidários na sociedade com aqueles que “não têm mais vinho”?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

Papa Francisco diz, em uma de suas catequese, que no meio da crise, uma solidariedade guiada pela fé permite-nos traduzir o amor de Deus na nossa cultura globalizada, não construindo torres nem muros que dividem, e que depois desmoronam, mas tecendo comunidades e

apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos. E nisto ajuda a solidariedade.

“Faço uma pergunta”, continua o Papa:

1. Penso nas necessidades dos outros? Com quais ações respondo no meu coração?⁴
2. Como está o exercício da virtude da SOLIDARIEDADE, através da generosidade, solidariedade e amor, em relação um ao outro e para fora dos nossos círculos familiares e de amizades próximas?
3. Podemos partilhar algum testemunho acontecido em nossa vida em que fomos ou recebemos esta solidariedade um do outro e de pessoas fora daqueles círculos?

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal, o casal pode refletir um pouco sobre como mostra compaixão, generosidade e solidariedade aos outros: na vida conjugal, na própria casa ou na comunidade em geral, na equipe, no local de trabalho, ou outros ambientes.

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito de irmãos.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.

4. Papa Francisco. Audiência Geral. Catequese – “Curar o Mundo”: 5. A solidariedade e a virtude da fé. Pátio São Dâmaso, 2 de setembro de 2020, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documenti/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html

Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém!

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como vocês, individualmente e conjugalmente, foram encorajados a viver diferentes formas de solidariedade neste mês (Quais foram estas ações? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião:
João 2,1-11 (As Bodas de Caná).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isso:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Qual é o “vinho” que nos falta individualmente e como casal na vivência dos PCEs?
- Como ajudo meu cônjuge, a exemplo dos serventes do Evangelho, na prática dos Pontos Concretos de Esforço?
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém



Samuel Luke Fildes (1843-1927)

Samuel Luke Fildes, pintor e ilustrador britânico, nasceu em Liverpool, Inglaterra. Começou seus estudos no Mechanics Institute School of Art em Liverpool, logo ganhando uma bolsa de estudos que lhe permitiu estudar na South Kensington Art School, em Londres, e finalmente na Royal Academy. Luke Fildes tem uma extensa lista de quadros pintados ao longo de sua vida, mais de 78 obras conhecidas. No final da década de

Candidatos para Aceitação em Albergue
Collection Royal Holloway College, London



1860, já ganhava expressivos recursos como ilustrador para periódicos populares como a *Cornhill Magazine*, *Once a Week* e o jornal *The Graphic*, que estampavam em suas páginas a vida na Inglaterra de uma maneira clara e por vezes cruel, com ilustrações de cunho fortemente social. Certa ocasião, tendo sido solicitado a produzir uma ilustração para uma edição do jornal que abordava um artigo sobre a “Lei dos pobres sem abrigo”, Luke Fildes assim se expressou: “Eu estava em um jantar e vi um grupo de pessoas pobres solicitando licenças para acomodação em um abrigo temporário, e isso muito me emocionou e inspirou a pintar aquela situação”. A obra a qual se referia é a que reproduzimos aqui nesta dupla. Morreu em fevereiro de 1927.



Reunião 2

Eles não têm mais casa

1. Objetivos

são propostos aos equipistas:

- Entender o que significa a “falta de vinho” para muitas pessoas e famílias que não possuem uma moradia digna.
- Conhecer a criatividade de Maria Santíssima e São José diante da adversidade de não encontrarem um lugar na casa para o nascimento de seu filho Jesus.
- Exercitar a virtude da HUMILDADE que a mãe de Jesus demonstrou acolhendo essa realidade e confiando na Providência.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Na reunião anterior refletimos um pouco sobre a virtude da solidariedade. O Papa Francisco disse aos participantes do Encontro Mundial de Movimentos Populares, em outubro de 2014, que a solidariedade é muito mais do que alguns atos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade. É lutar contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, de terra e de moradia, da negação dos direitos sociais e trabalhistas legítimos. É enfrentar realidades que necessitam e podem ser transformadas por nós cristãos e cristãs. E continua o Papa:¹

1. Papa Francisco. Discurso aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 28 de outubro de 2014, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html

“Este encontro nosso responde a um anseio muito concreto, algo que qualquer pai, qualquer mãe quer para os seus filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais longe da maioria: **terra, teto e trabalho**. É estranho, mas, se eu falo disso para alguns, significa que o papa é comunista.

Não se entende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, teto e trabalho “isso pelo qual vocês lutam” são direitos sagrados. Reivindicar isso não é nada raro, é a doutrina social da Igreja. Vou me deter um pouco sobre cada um deles, porque vocês os escolheram como tema para este encontro. [...]

Em segundo lugar, **teto**. Eu disse e repito: uma casa para cada família. Nunca se deve esquecer de que Jesus nasceu em um estábulo, porque na hospedaria não havia lugar, que a sua família teve que abandonar o seu lar e fugir para o Egito, perseguida por Herodes. Hoje há tantas famílias sem moradia, ou porque nunca a tiveram, ou porque a perderam por diferentes motivos. Família e moradia andam de mãos dadas. Mas, além disso, um teto, para que seja um lar, tem uma dimensão comunitária: e é precisamente no bairro onde se começa a construir essa grande família da humanidade, a partir do mais imediato, a partir da convivência com os vizinhos”. [...]

Para aqueles que têm ou sempre tiveram uma casa para morar, pode ser difícil imaginar o que é ter perdido ou não ter um lugar fixo, seguro e saudável para viver e para oferecer aos seus amados. No entanto, os sem-teto ou os que não têm um abrigo ou uma casa representam um problema surpreendentemente bem diversificado em nossas sociedades.

Com base em relatórios, estima-se que 2% da população mundial não têm onde morar. Isto equivale a cerca de 150 milhões de pessoas vivendo nas ruas, em moradias temporárias, em campos de refugiados ou em alguma outra forma de moradia em condições precárias, transitórias e perigosas. De acordo com o movimento *Habitat for Humanity*, cerca de 1,6 bilhão, ou seja, mais de 20% da população mundial podem não ter moradia adequada.²

2. Gioietta Kuo. Yet another emerging global crisis- Homelessness. Publicado por The Millennium Alliance for Humanity and the Biosphere - MAHB, agosto de 2019. Acessado em 8 de dezembro de 2021, disponível em <https://mahb.stanford.edu/library-item/yet-another-emerging-global-crisis-homelessness/>.

As causas e consequências dos sem-teto são muitas e complexas, e levantam questões importantes para todos os cristãos, porque, como vimos acima, “*família e moradia andam de mãos dadas*”.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostrou em um de seus estudos que não existe um perfil único de pessoas sem-teto no mundo desenvolvido e em desenvolvimento, onde este problema é bastante comum. Podemos considerar alguns exemplos:³

- Pessoas e famílias desabrigadas por eventos nacionais ou regionais, tais como fome, guerra, perseguição religiosa e étnica.
- Pessoas e famílias que nasceram na pobreza intergeracional e estão presas a estruturas sociais que não lhes permitem melhorar a sua situação.
- Pessoas sem-teto morando nas ruas, e que são invisíveis para a sua comunidade.
- Pessoas com doenças e com deficiências físicas, normalmente rejeitadas pela família, amigos e empregadores, levando-as muitas vezes à dependência do álcool e de outras drogas.
- Pessoas e famílias sem-teto causado por eventos climáticos diversos.
- Pessoas que, em razão de uma perspectiva de liberdade e autonomia, preferem a situação de rua, mas necessitam de auxílio da sociedade para sua sobrevivência.

As pessoas que não têm casa ou um teto para viver são, por vezes, referidas em termos impessoais, como “os sem-abrigo”, “os pobres”, “as pessoas de rua” ou, pior ainda, como estatísticas e como um problema, e não como pessoas reais.

Devemos aprender a ser menos preconceituosos com as pessoas que estão desabrigadas, lembrando que elas têm nome, personalidade, coração e dignidade. Qualquer pessoa pode se tornar uma pessoa sem um lar, sem uma casa.

Poderíamos nos perguntar: diante desta situação, quem nos tornou responsável por estas pessoas ou pelos outros que não têm ligação

3. OECD. Homeless Population – Affordable Housing Database. Last Updated 27/5/2021. Acessado em 8 de dezembro de 2021, disponível em <https://www.oecd.org/housing/data/affordable-housing-database/>

direta conosco? A resposta é: Jesus. Ele colocou como critério para ser seu discípulo amar a todas as pessoas (até os inimigos), e ajudar as pessoas em suas necessidades (conforme as obras de caridade material em Mateus 25,35-45).

2.2. Seguindo os passos de Maria: humildade

Podemos nos perguntar: *como responderíamos ou como atenderíamos a uma família sem um lar cujos nomes são Maria e José, e cujo filho se chama Jesus?*

No relato do Evangelho de Lucas sobre o nascimento de Jesus, Maria e José experimentaram como era ser uma família desabrigada, pois um decreto do imperador Augusto ordenou que todos tinham que voltar à sua própria cidade para registrar-se em função do recenseamento que estava sendo feito.

Quando Maria e José chegam a Belém, Maria já estava pronta para dar à luz, mas não havia lugar para eles na hospedaria. No Evangelho de Lucas Jesus nasce em condições precárias, quase como um “sem-teto”. Não era assim que a chegada do Messias teria sido imaginada por seus pais e pelos líderes religiosos na época.

Podemos dizer que as circunstâncias daquele nascimento não diferem de muitas que encontramos ainda hoje. A questão é: procura-se esconder e até mesmo negar essa realidade.

Será que vemos os sem-teto como pessoas a serem evitadas, ou os olhamos com pena, ou que devem ser simplesmente objeto de nossa caridade? Será que, em vez disso, não deveríamos reconhecer a dignidade intrínseca a toda pessoa humana? Somos ou não somos todos irmãos?

O Papa Francisco, ao comentar sobre o valor do Presépio, nos convida a sentir e a tocar esta realidade das pessoas e famílias sem uma casa:⁴

“Ao entrar neste mundo, o Filho de Deus encontra lugar onde os animais vão comer. A palha torna-se a primeira enxerga para Aquele que Se há de revelar como ‘o pão vivo, o que desceu do céu’ (Jo 6,51). Uma simbologia que já Santo Agostinho, a par de outros Padres da Igreja, tinha entrevisto quando escreveu:

4. Papa Francisco. Carta Apostólica *Admirabile Signum*, sobre o significado e valor do Presépio. Dado em Grécio, no Santuário do Presépio, a 1º de dezembro de 2019, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html

'Deitado numa manjedoura, torna-Se nosso alimento'. Na realidade, o Presépio inclui vários mistérios da vida de Jesus, fazendo-os aparecer familiares à nossa vida diária. [...] (2,b)

[...] o Presépio é um convite a 'sentir', a 'tocar' a pobreza que escolheu, para Si mesmo, o Filho de Deus na sua encarnação, tornando-se assim, implicitamente, um apelo para O seguirmos pelo caminho da humildade, da pobreza, do despojamento, que parte da manjedoura de Belém e leva até a Cruz, e um apelo ainda a encontrá-Lo e a servi-Lo, com misericórdia, nos irmãos e irmãs mais necessitados". [...] (3,d)

Maria nos ensina, ao dar à luz o Divino Redentor dos homens numa estrebaria, que a virtude da humildade nos aproxima do essencial: Jesus Cristo, e nele nos irmana a todos numa igualdade fundamental.

A Igreja é convocada a estar nas periferias – materiais e existenciais – para cuidar de quem tem sua dignidade comprometida, sem preconceitos, sem medos, sem proselitismo, mas disposta a testemunhar que todos somos irmãos.

2.3. A Palavra de Deus (Lc 2,1-7)

"Naqueles dias foi publicado um decreto do Imperador Augusto ordenando o recenseamento do mundo inteiro. Esse primeiro recenseamento aconteceu quando Quirino era governador da Síria. Todos iam registrar-se, cada um em sua própria cidade. Também José " que era da casa e linhagem de Davi – subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Quando estavam ali, completaram-se os dias de ela dar à luz. Ela deu à luz o seu filho, o seu primogênito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria."

Se o filho de Deus viesse com poder, no fulgor de sua glória, certamente não encontraria a rejeição; é muito provável que todos o teriam, necessariamente, acolhido. Mas talvez não seria apenas por seu ser e seu projeto, mas por outros interesses. Isto não seria adoração verdadeira, mas uma forma de idolatria. Ao Deus verdadeiro se deve adorar por ele mesmo e não para tentar manipulá-lo em razão de interesses próprios. Jesus, o Menino Deus, está, antes de tudo, ao lado

da pequena pedra que abate o ídolo (cf. Dn 2, 31-34). O sinal para reconhecê-lo será diferente: sua enorme grandeza será aquela do pequenino recém-nascido, o seu esplendor encantador será o frágil choro da criança que experimenta a adversidade fora do ventre da mãe e o seu aspecto tremendo daquele de um corpo trêmulo na manjedoura.

Numa manjedoura, sim, junto aos animais, justamente aí vem ao mundo o Verbo feito carne. José, Maria e Jesus marcam um antes e um depois da humanidade ao serem acolhidos num local destinado aos animais, pois não havia lugar para eles na casa (entre os seres humanos).

Essa chocante e incômoda cena é normativa para a nossa fé: é a porta de entrada para a “casa” onde ele mora e para poder conhecê-lo. Jesus nasce na situação de alguém sem teto humano. Procurá-lo hoje nos palácios, nos grandes centros de poder, nas altas rodas da sociedade é um enorme equívoco. Nos ambientes suntuosos e abastados encontraremos ídolos, mas não o Verbo que se fez carne.

Não percamos de vista Maria, a mulher humilde, que encarna em si mesma a vida de muitas mães que vivem sem teto nas grandes cidades, escondidas embaixo de viadutos, exploradas em ambientes rurais, expostas em zonas de conflitos.

O conforto dos nossos lares, a comodidade de nossos ambientes climatizados, a sofisticada estrutura dos hospitais podem nos cegar e nos anestésiar numa insensibilidade para perceber que muitas crianças, assim como Jesus que disse: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (cf. Mt 25,40), continuam sem teto no mundo dos arranha-céus e grandes condomínios.

Perceber que faltou para Jesus o “vinho do teto” não pode ser somente motivo de uma piedosa contemplação na época de Natal. O “vinho do teto” continua faltando e nos interpela. Vamos ao encontro das manjedouras de hoje; lá está nosso Deus, não os ídolos da sociedade; e façamos nossa parte para que todos, na festa da vida, tenham o direito ao vinho da moradia.

Ser devoto de Maria é imitar sua profunda humildade. Não existe devoção genuína à Nossa Senhora sem humildade. Os santos foram homens e mulheres que, a exemplo de Maria, vivenciaram em seu cotidiano a humildade.

Peçamos a Maria, a humilde serva do Senhor, que ao rezarmos o Magnificat nos encantemos em nosso coração com as passagens sobre a humildade: “porque olhou para a humildade de sua serva” e “eleva os humildes”.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O texto, a seguir, é extraído do discurso do Papa Francisco aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em outubro de 2014.⁵

Ele nos desafia a sairmos de nós mesmos para acolher os outros, e a não usarmos de eufemismos para esconder a realidade dos que não têm uma moradia digna, dos que sofrem e que não têm sua dignidade respeitada por diferentes interesses econômicos, sociais ou políticos.

[...] “Hoje vivemos em cidades imensas que se mostram modernas, orgulhosas e até vaidosas. Cidades que oferecem numerosos prazeres e bem-estar para uma minoria feliz, mas nega-se uma casa a milhares de vizinhos e irmãos nossos, até crianças, e chamamos-lhes, elegantemente, ‘pessoas sem-abrigo’. É curioso como abundam os eufemismos no mundo das injustiças. Não se usam as palavras exatas, e procura-se a realidade no eufemismo. Uma pessoa, uma pessoa segregada, uma pessoa excluída, que está a sofrer devido à miséria, à fome, é uma pessoa desabrigada; expressão elegante, não é? Procura sempre; poderia estar errado nalguns casos, mas em geral por detrás de um eufemismo esconde-se um delito.

Vivemos em cidades que constroem torres, centros comerciais, fazem negócios imobiliários, mas abandonam uma parte de si às margens, nas periferias. Como faz mal ouvir que as povoações pobres são marginalizadas ou, pior ainda, que as querem deslocar! São cruéis as imagens dos despejos, das máquinas que abatem baracas, imagens tão parecidas com as da guerra. E hoje vê-se isto!

Sabeis que nos bairros populares onde muitos de vós viveis subsistem valores já esquecidos nos centros enriquecidos. Estas povoações são abençoadas por uma rica cultura popular; ali o espaço público não é apenas um lugar de trânsito, mas uma extensão

5. Papa Francisco. Discurso aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 28 de outubro de 2014, p. 12-14, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html

da própria casa, um lugar no qual se geram vínculos com a vizinhança. Como são bonitas as cidades que superam a desconfiança doentia, integram os diversos e fazem desta integração um novo fator de progresso! Como são bonitas as cidades que, também no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!

Por isso, nem desenraizamento nem marginalização: é preciso seguir a linha da integração urbana! Esta expressão deve substituir completamente a palavra desenraizamento, agora, mas também aqueles projetos que pretendem envernizar de novo os bairros pobres, embelezar as periferias e 'disfarçar' as feridas sociais em vez de as curar, promovendo uma integração autêntica e respeitadora. É uma espécie de arquitetura de aparência, não é? E vai nesta direção. Continuemos a trabalhar para que todas as famílias tenham uma casa e todos os bairros tenham uma infraestrutura adequada com esgoto, luz, gás, estradas asfaltadas, escolas, hospitais, centros de urgência, círculos desportivos e todas as coisas que criam vínculos e unem, acesso à saúde – já o disse –, à educação e à segurança da propriedade.”

Pe. Henri Caffarel

Em seu livro *Recebe Maria como tua Esposa*, Pe. Caffarel descreve o caminho de Maria e José rumo a Belém. Um caminho que fazem juntos, encontrando todo tipo de dificuldade, que eles aceitam, humildemente, diante das circunstâncias, para que seu filho Jesus nasça com a segurança que lhes foi possível encontrar e oferecer a ele.⁶

“A vida seguia, contemplativa e ativa, na casa de Nazaré. Aproximava-se o fim da gravidez, e tudo fazia prever que o filho seria recebido em meio às humildes e doces coisas preparadas para ele, que lançaria seus primeiros olhares sobre as paredes desta casa onde o amor de seus pais havia construído um lar.

E bruscamente, inesperadamente, o golpe do destino. 'Naqueles dias foi promulgado um decreto de César Augusto, determinando o recenseamento do mundo inteiro'. [...]

6. CAFFAREL, Henri. *Recebe Maria como tua Esposa*. Ed. Santuário, p. 62-66, 2009.

E os dois obedecem. Maria estaria obrigada a fazer o recenseamento? Isso não é certo. Mas ela não quer deixar José. Depois de terem esperado tão longamente juntos, poderiam estar separados na chegada do menino? É a dois que eles vão tomar o caminho. [...]

Eles chegam a Belém extenuados de cansaço; aparentemente não conhecem ninguém que possa dar acolhida; José se detém então diante da hospedaria, espécie de caravanchá: um quadrilátero a céu aberto onde se amontoam os animais, rodeado por um alpendre de madeira para abrigar as pessoas. Mas, 'não havia lugar para eles na hospedaria' (Lc 2,7). Sem dúvida, o recenseamento havia atraído muita gente; mas é para eles que não há lugar; os mais ricos encontraram alojamento. O estado de Maria não inspirava senão piedade, e os hoteleiros não gostam de acolher nem os nascimentos nem as mortes. Quaisquer que sejam as boas razões (sempre há boas razões!), 'Ele veio para os seus, e os seus não o receberam' (Jo 1,11).

Maria e José vão em frente. A intenção de Deus é ainda mais incompreensível do que eles pensam. Quer Ele, será, que a criança nasça num desnudamento total? Eles se abandonam a essa vontade que os dirige, mas uma espécie de grande violência de amor se apodera deles por este pequenino que não tem nada daquilo que os outros têm – nada, senão o amor de seu pai e de sua mãe. Esse amor deve preencher tudo, bastar a tudo.

Alguém indicou, não longe dali, uma gruta escavada no flanco de um rochedo; ela servia, ou havia servido, de estábulo, e podia abrigar os 'vagabundos'. José amontoa a palha para que Maria possa ali se deitar; ajudada por José, Maria desce com dificuldade de sua montaria empoeirada; deixa-se deslizar para o chão; José olha ao seu redor: onde colocarão o menino para que fique ao abrigo do frio? Num canto, a meia-altura, uma manjedoura para o gado, metade talhada na rocha, metade moldada na argila... Uma braça da palha mais macia, os panos por precaução trazidos na bagagem formam uma espécie de berço.

Casa de Nazaré, casa tão amorosamente preparada, como estás longe! Mas, uma vez que o Pai quis assim, que seja feito como Ele quer. Nada resta senão esperar..."

2.5. Testemunho de um equipista

Este testemunho nos mostra como são importantes o diálogo e a cooperação entre as religiões e Igrejas para a construção de um futuro melhor e para trazer esperança para as pessoas necessitadas.

“Em 2019, ouvimos falar de uma nova iniciativa, em Bendigo (uma cidade no estado australiano de Victoria), a respeito de um abrigo noturno de inverno para pessoas sem moradia. O conceito tinha sido iniciado no Reino Unido por Igrejas Cristãs, em cooperação com as comunidades locais. A sua utilização deveria ser feita nas noites de inverno, de junho a agosto, utilizando acomodações em igrejas. A ideia era fornecer comida, abrigo e dignidade. O programa está agora no seu terceiro ano.

Envolver-se nesta iniciativa significava tornar-se companheiro de caminhada com os sem-abrigo: ouvir as suas histórias, ouvir com interesse, servir e partilhar refeições. Contudo, nós também éramos companheiros de caminhada com outros voluntários.

Em muitos aspectos, nós mesmos fomos abençoados. Ajudou-nos a perceber o quanto Deus nos tinha dado: amor, perdão, família e bênçãos abundantes. Aprendemos também como traumas não resolvidos impactam a vida das pessoas. Um ou dois traumas podem levar a nos tornar desabrigados, a ter problemas de saúde mental, vícios e muito mais. Fomos atraídos para a vida dos nossos hóspedes e suas experiências.

À medida que os hóspedes foram desenvolvendo um sentimento de esperança, alguns puderam se mudar para alguma forma de acomodação mais permanente, e alguns optaram por buscar ajuda. Eles desenvolveram juntos um sentido de comunidade.

Fomos enriquecidos pelo grupo ecumênico que evoluiu e se tornou humilde com a generosidade de pessoas que acreditaram no programa, e a mostraram cozinhando refeições ou doando fundos, suprimentos práticos, presentes e muito mais.”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na edição nº 14 do Vídeo do Papa, de 2 de fevereiro de 2017,⁷ o Papa Francisco pede em favor das pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade e desamparo. Assim afirma:

“Vivemos em cidades que constroem torres (prédios), centros comerciais, fazem negócios imobiliários, mas abandonam uma parte de si mesmas nas margens, nas periferias”, comparando a realidade de uns e de outros nas sociedades modernas.

“Como consequência desta situação, grandes massas da população se veem excluídas, marginalizadas: sem trabalho, sem horizontes, sem saída. Não os abandonem!

Peçam comigo por todos os que vivem na provação, que estão esgotados, sobretudo os pobres, os refugiados e os marginalizados, para que encontrem acolhimento e apoio nas nossas comunidades.”

Depois destas palavras e apelo do Papa Francisco, dedique algum tempo para refletir à luz das questões propostas:

- Qual foi nossa reação ao videoclipe do Papa Francisco?
- Como nos sentimos e como respondemos quando vemos alguém sem um lugar seguro para morar?
- Temos preconceito em relação às pessoas que moram nas ruas? Qual é o sentimento que brota quando nos aproximamos dessas pessoas? O que realmente pensamos sobre elas?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

“No Presépio, os pobres e os simples nos lembram que Deus Se faz homem para aqueles que mais sentem a necessidade do seu amor e pedem a sua proximidade. Jesus, ‘manso e humilde de coração’, nasceu pobre, levou uma vida simples, para nos ensinar a identificar e a viver do essencial. Do Presépio surge,

7. A equipe que quiser pode acompanhar estas palavras do Papa Francisco pelo link <https://thepopevideo.org/acolher-os-necessitados/?lang=pt-br>

clara, a mensagem de que não podemos nos deixar iludir pela riqueza e por tantas propostas efêmeras de felicidade.”⁸

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, nos perguntemos sobre nossa capacidade de viver apenas com o “essencial” em nossa casa, abrigando nossa família e amigos.

- O que é realmente essencial para construirmos uma vida conjugal, familiar e eclesial dentro do nosso projeto de vida? Nosso projeto de vida está em sintonia com as propostas de Jesus?
- O que você (meu cônjuge) considera essencial para vivermos bem e cumprirmos nossa missão no lar, na Igreja e na sociedade?

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,

8. Papa Francisco. Carta Apostólica *Admirabile Signum*, n. 6, b, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/pa-pa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html

para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns, de esperanças compartilhadas. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como vocês foram um sinal da presença de Deus para os membros de sua equipe, desde a última vez que todos se encontraram.
- Coparticipe como vocês, individualmente e conjugalmente, foram encorajados a viver diferentes formas de acolhimento neste mês (Quais foram estas ações? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta a meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião: Lucas 2,1-7 (O nascimento de Jesus).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e

com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreatada, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês? Qual foi este “mais esforço”?
- Partilhe como os PCEs os ajudaram a viver a virtude da humildade, a exemplo de Maria.

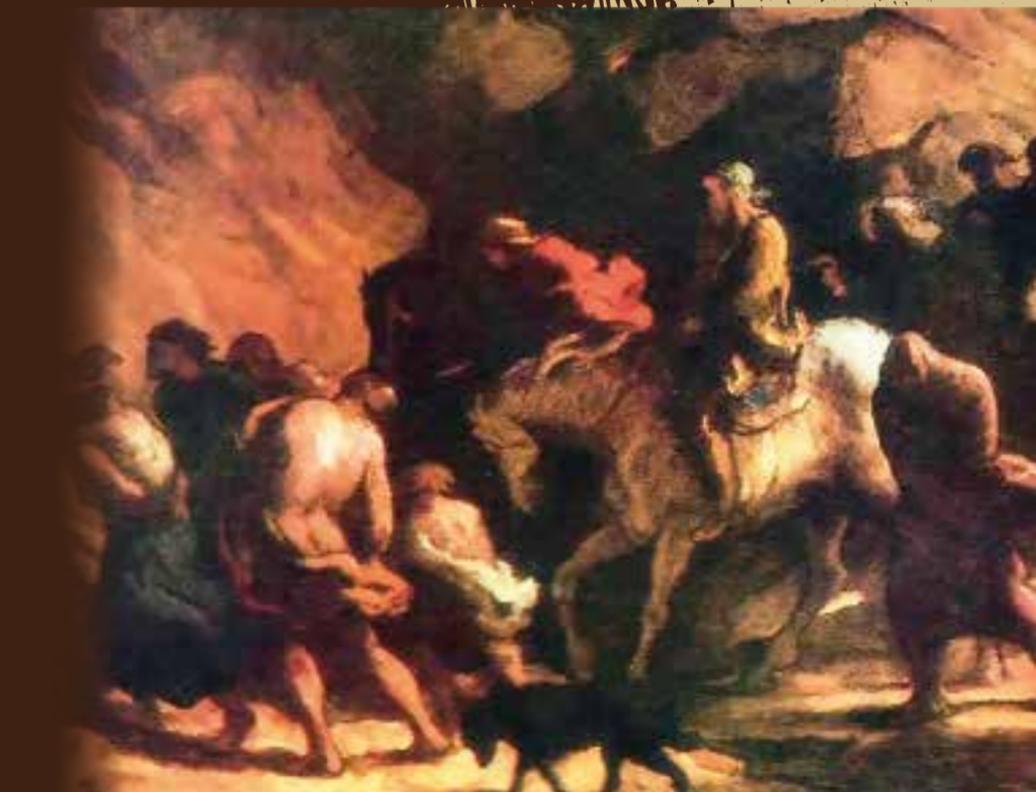
3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

Oração para a Canonização do Pe. Henri Caffarel. Vide página 41

Magnificat.



Honoré-Victorin Daumier (1808-1879)

Pintor francês nascido em Marselha, de uma família extremamente pobre. O jovem Daumier precisou começar a trabalhar muito cedo mas, felizmente, o seu extraordinário talento para desenhar logo foi descoberto e encorajado a se desenvolver. Como desenhava muito bem, era litógrafo e escultor, e também conseguiu uma posição como caricaturista na revista satírica parisiense *La Caricature*. Considerado em seu tempo como o “Michelangelo da caricatura política”, foi um dos mais importantes representantes da tendência realista que dominou a pintura francesa no

Os Fugitivos ou Emigrantes
Museu de Bellas Artes de Paris



século XIX. Seu principal meio de expressão foi a litografia, produzindo cerca de quatro mil peças, a maior parte delas de conteúdo satírico social e político, o que lhe rendeu seis meses de prisão por uma sátira atribuída a Luís Filipe I, então rei da França em 1832.

A pintura aqui representada foi produzida logo após a revolução operária de junho de 1848, quando o governo de Luís Filipe I reagiu com forte repressão, prisões e deportações para a Argélia. Tais eventos inspiraram Daumier nesta pintura, que consegue transmitir nesta cena o desespero e a angústia através dessa simples composição horizontal de tons amarelos e marrons. Uma paisagem de dunas é atravessada por uma coluna de figuras humanas em movimento claramente de fuga, explorando fortemente a técnica do claro-escuro, fato que intensifica o drama da obra.



Reunião 3

Eles não têm mais pátria

1. Objetivos

São proposto aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que foram forçados a abandonar sua pátria.
- Entender que, no plano de Deus, não há lugar para a indiferença porque todos somos irmãos e irmãs.
- Exercitar a virtude da RESILIÊNCIA de Maria Santíssima.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

O relatório de agosto de 2021 do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados¹ aponta que, ao final do ano anterior, existiam 20,7 milhões de refugiados em todo o mundo e mais de 48 milhões de pessoas deslocadas dentro de seus próprios países devido a situações de conflito e violência. Ainda conforme o relatório, estimam-se em 4,2 milhões o número de pessoas apátridas, ou seja, que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país.

Esses números nos permitem ter uma ideia da dimensão da crise humanitária envolvendo migrantes e refugiados em todo o mundo. No entanto, precisamos ir além e perceber que, por trás desses números, existem vidas reais, famílias inteiras submetidas ao sofrimento e situações de risco. Neste contexto, não são poucos os que perdem a vida.

1. Report of the United Nations High Commissioner for Refugees, disponível em <https://digitallibrary.un.org/record/3942822?ln=en>. Acessado em 6/12/2021.

Na primeira viagem do seu pontificado, o Papa Francisco viajou de barco até a ilha de Lampedusa, a terra mais próxima para muitos que fogem do Norte da África. O Papa Francisco ficou horrorizado com o número de pessoas que haviam morrido nesta tentativa de travessia. Lançou uma coroa de flores ao mar para honrar os que tinham perecido, visitou as pessoas que estavam detidas na ilha e rezou com elas sobre um altar feito de madeira de barcos naufragados.

Para o Papa Francisco, os barcos eram um símbolo da falta de justiça e de compaixão. Para ele, o problema não se reduzia à questão dos traficantes de pessoas ou da proteção de fronteiras. O problema central era a indiferença e a falta de valor dado àquelas vidas humanas.

Provocou nossas consciências ao dizer que ‘...caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!’²

Oito anos depois, em sua viagem ao Chipre e Grécia, o Papa constata que pouca coisa havia mudado na questão migratória e, veementemente, pede que assumamos as histórias e dramas dos refugiados.³

Como devemos nós, que somos cristãos, responder às pessoas que buscam proteção contra a violência e a perseguição? Ao responder a esta pergunta, somos guiados pela Escritura e pela Doutrina Social da Igreja (DSI).

Podemos começar com o Antigo Testamento, onde são estabelecidos o respeito e o cuidado que devem ser dados aos desconhecidos, aos estrangeiros. A lei apelava aos membros do Povo de Deus a demonstrar compaixão e solidariedade para com os desconhecidos. No livro do Levítico encontramos a seguinte exortação:

“Quando um estranho peregrinar contigo na tua terra, não lhe farás mal. O estrangeiro que peregrinar convosco será para vós

2. Papa Francisco. Homilia da Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios em sua viagem à Lampedusa (Itália), Campo Desportivo “Arena”, na localidade Salina, 8 de julho de 2013, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html

3. Papa Francisco. Discurso aos refugiados, Mytilene, 5 de dezembro de 2021, disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211205-grecia-rifugiati.html>

como o nativo entre vós; e vós o amareis como a vós mesmos, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o Senhor teu Deus” (Lev. 19,33-34).

Não é por acaso, portanto, que Jesus coloca o acolhimento ao forasteiro como uma das boas obras consideradas no julgamento final:

“Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a Criação do mundo! Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa” (Mt 25,34-35).

2.2. Seguindo os passos de Maria: resiliência

Na narrativa da infância de Jesus, o evangelista Mateus nos mostra a Sagrada Família obrigada a deixar sua terra natal para escapar da perseguição e do massacre ordenados por Herodes, refugiando-se no Egito; de lá só retornam quando não mais havia perigo (Mt 2,13-19).

Que trauma deve isto ter causado à família? Ser desenraizada, fugir apenas com as poucas coisas que podiam carregar. Será que tinham um burro para ajudar a carregar os seus poucos pertences ou para carregar a mãe e o bebê? Onde é que eles encontraram abrigo? As noites no deserto são frias e os dias quentes. Alguém pelo caminho lhes ofereceu água, comida ou abrigo? Não sabemos se eles viajaram sozinhos ou num grupo pequeno, mas certamente não poderiam ter ficado em contato com seus familiares em casa.

Do que podemos ter certeza, porém, é que Maria e José aceitaram e confiaram na Palavra de Deus e levaram a criança para a segurança do Egito, apesar de todas as dificuldades que isso representava, mesmo não sabendo o que iriam encontrar pelo caminho, nem onde iriam parar, nem quanto tempo levariam para regressar. Partiram guiados pela fé e pela esperança de salvar o menino.

Se quisermos seguir o exemplo de Maria, também nós devemos estar preparados para confiar na Palavra de Deus e sair da nossa “zona de conforto”, para nos arriscar e fazer o que sabemos ser correto e necessário. Tal confiança nos torna resilientes nas adversidades e capazes de enfrentá-las com serenidade.

“O Evangelho não dá informações relativas ao tempo que Maria, José e o Menino permaneceram no Egito. Mas, certamente, tiveram de comer, encontrar uma casa, um emprego. Não é preciso muita imaginação para preencher o silêncio do Evangelho a tal respeito. A Sagrada Família teve que enfrentar problemas concretos, como todas as outras famílias, como muitos dos nossos irmãos migrantes que ainda hoje arriscam a vida acoitados pelas desventuras e a fome.”⁴

Maria e José viveram sua experiência em terra estrangeira com confiança e paciência, numa atitude de escuta à Palavra de Deus que lhes mostraria o caminho e a forma de agir.

Podemos imaginar que estes pais tão abertos à Palavra de Deus, assim como a experiência de conviver com outra cultura e de serem acolhidos por outra cultura em seu momento de necessidade, devem ter ajudado Jesus a desenvolver seu acolhimento e compreensão com a necessidade do que viviam à margem da sociedade.

2.3. A Palavra de Deus (Mt 2,13-18)

“Depois que os magos se retiraram, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José e disse-lhe: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo’. José levantou-se, de noite, com o menino e a mãe, e retirou-se para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes. Assim se cumpriu o que fora dito pelo Senhor, por meio do profeta: ‘Do Egito chamei o meu filho’. Herodes, então, ao perceber que fora enganado pelos magos enfureceu-se e mandou matar, em Belém e em toda a circunvizinhança, todos os meninos abaixo de dois anos, de acordo com o tempo indicado pelos magos. Assim se cumpriu o que fora dito por meio do profeta Jeremias: ‘Uma voz foi ouvida em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem’.”

4. Papa Francisco. Carta Apostólica *Patris Corde*, n. 5, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html

José é um sonhador. Sonho é geralmente sinônimo de irrealidade; tanto é assim que o sonhador é tido como alguém que vive alienado e contemplando um mundo fantasioso. Quando estamos dormindo, quantas vezes acordamos subitamente, no meio da noite, envoltos em situações inusitadas, desconexas e confusas. Geralmente, no dia seguinte, não nos recordamos delas, justamente porque não retratam o mundo real que vivemos.

Essa passagem bíblica nos fala de um sonho, mas de um sonho diferente. O sonho de José é o sonho de Deus! É o sonho da Vida! A ordem é clara: levanta-te. Não é um simples despertar sonolento, cheio de ecos confusos. É colocar-se de pé, em prontidão. E deve ser assim, porque o sonho de José é um sonho vital, pois a morte se aproxima.

Contemplar a agonia de José com a mensagem do anjo nos remete imediatamente aos sentimentos de Maria. Ela foi acordada no meio da noite por seu esposo que, ofegante, deve ter transmitido a ela as palavras do anjo. Com certeza, isso gerou legítimo temor, susto e medo, entre tantos outros sentimentos cabíveis no coração de uma mãe.

Podemos imaginar que a primeira reação dela, própria do instinto materno, deva ter sido abraçar com força seu filho contra o peito. Que cena significativa para ser meditada e contemplada!

E foi assim que eles se partiram para o Egito. Essa é outra cena forte. Imaginar uma decisão tomada às pressas, no meio da noite, abandonando sua pátria, seus parentes, seus amigos; na verdade, toda uma vida construída ao longo de anos. A fé no sonho de Deus exigiu de José coragem e de Maria, além disso, resiliência. Quanta adaptação foi exigida em meio a tantas adversidades!

Como deve ter sido a vida de refugiada? Agora não é a casa que falta, é a pátria. Agora o desafio não é encontrar uma manjedoura, mas sobreviver numa pátria estrangeira.

São muitas as mulheres que hoje estão contempladas na experiência existencial de Nossa Senhora. Sua resiliência encontra eco no atual drama de inúmeros refugiados e refugiadas. São caminhadas interrompidas por falta de força, barcos que não chegam aos seus destinos, vidas que se perdem ao longo do caminho. E, se chegam ao destino, quanto desafio numa terra estrangeira! Quanta lembrança da pátria deixada para trás!

Em Nossa Senhora do Desterro contemplemos o rosto de tantas mulheres que, com seus filhos agarrados ao peito, fugindo da morte, buscam as incertezas de uma terra estrangeira como única esperança de vida. Maria, senhora da resiliência, rogai por nós!

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O Papa Francisco tem mostrado uma profunda preocupação com os migrantes e refugiados. Aqui foram selecionadas algumas de suas palavras sobre esta questão.

“Quando o próximo é uma pessoa migrante, sobrevêm desafios complexos. O ideal seria, sem dúvida, tornar desnecessárias as migrações e, para isso, o caminho é criar reais possibilidades de viver e crescer com dignidade nos países de origem, a fim de se poder encontrar lá as condições para o próprio desenvolvimento integral. Mas, enquanto não houver sérios progressos nesta linha, é nosso dever respeitar o direito que tem todo ser humano de encontrar um lugar onde possa não apenas satisfazer as necessidades básicas dele e da sua família, mas também realizar-se plenamente como pessoa. Os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: **acolher, proteger, promover e integrar**. Com efeito, ‘não se trata de impor do alto programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respectivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las em nome da fraternidade humana’.” (FT, 129)

“Quase todos os dias, a televisão e os jornais dão notícias de refugiados que fogem da fome, da guerra e de outros perigos graves, em busca de segurança e de uma vida digna para si e para as suas famílias. Em cada um deles está presente Jesus, forçado – como no tempo de Herodes – a fugir para se salvar. Nos seus rostos, somos chamados a reconhecer o rosto de Cristo faminto, sedento, nu, doente,

forasteiro e encarcerado que nos interpela. Se O reconhecermos, seremos nós a agradecer-Lhe por O termos podido encontrar, amar e servir.”⁵

É o ideal da nova Jerusalém, onde todos os povos se encontram unidos, em paz e concórdia, celebrando a bondade de Deus e as maravilhas da Criação. Mas, para alcançar este ideal, devemos todos empenhar-nos por derrubar os muros que nos separam e construir pontes que favoreçam a cultura do encontro, cientes da profunda interconexão que existe entre nós. Nesta perspectiva, as migrações contemporâneas oferecem-nos a oportunidade de superar os nossos medos para nos deixarmos enriquecer pela diversidade do dom de cada um. Então, se quisermos, poderemos transformar as fronteiras em lugares privilegiados de encontro, onde possa florescer o milagre de um nós cada vez maior.⁶

Estamos na época dos muros e do arame farpado. Claro, compreendem-se os medos e inseguranças, as dificuldades e perigos. Fazem-se sentir o cansaço e a frustração, agravados pelas crises econômica e pandêmica, mas não é erguendo barreiras que se resolvem os problemas e se melhora a convivência. Antes, pelo contrário, é unindo as forças para cuidar dos outros segundo as possibilidades reais de cada um e no respeito da legalidade, colocando sempre em primeiro lugar o valor incancelável da vida de cada homem, de cada mulher, de toda a pessoa.⁷

A própria Mãe de Deus experimentou as dificuldades do exílio, acompanhou amorosamente a viagem do seu Filho ao Calvário

5. Papa Francisco. Mensagem para o 106º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2020, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html
6. Papa Francisco. Mensagem para o 107º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2021, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20210503_world-migrants-day-2021.html
7. Papa Francisco. Discurso aos refugiados, Mytilene, 5 de dezembro de 2021, disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211205-grecia-rifugiati.html>

e agora partilha eternamente a sua glória. À sua materna intercessão confiamos a esperança de todos os migrantes e refugiados do mundo e as aspirações das comunidades que os acolhem, para que, respondendo ao mandamento supremo do Senhor, todos possamos aprender a amar o outro, o estrangeiro, como a nós mesmos.”⁸

Pe. Henri Caffarel

Os textos do Pe. Caffarel nos apresentam duas perspectivas: a primeira é a de quem chega em um local desconhecido, para quem um gesto amigo faz toda diferença.

“Quando, à chegada numa cidade desconhecida (ao porto, à estação, ao aeroporto), ninguém nos espera, somos naturalmente tomados por uma sensação de tristeza. Se, ao contrário, um rosto alegre nos acolhe, se mãos se estendem para nós, logo nos sentimos maravilhosamente reconfortados, livres da cruel impressão de estarmos desorientados, perdidos. Que importam, então, os costumes, a língua, toda essa enorme cidade desconcertante? Suportamos muito bem sermos estrangeiros para todos, desde que sejamos um amigo para alguém.”⁹

A segunda perspectiva nos leva a considerar nossa união com Deus, que nos infunde amor e esperança, capazes de criar gestos de solidariedade.

“Acabo de falar-lhe do cristão que vive da esperança, como se estivesse isolado, mas ele está imerso na Criação imensa, sabe-o, querendo ser solidário com todos os seres. Ouve o gemido surdo das criaturas, de quem São Paulo nos diz que aspiram a participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus; também lhes empresta o Seu coração e a Sua voz para que nele o gemido deles se torne esperança.

8. Papa Francisco. Mensagem para o 104º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2018, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html

9. CAFFAREL, Henri. **Presença de Deus: Cem Cartas sobre a Oração**. São Paulo: Edições Loyola, 1980. “Sois esperados”, p. 9.

É sobretudo aos homens, seus irmãos, que ele se sente unido: a todos os pobres da terra em busca de pão, de um teto, de uma pátria, de um pouco de amor e de estima e, muitas vezes sem o saberem, de um Deus; também a todos os ricos cujo poder, fortuna e prazeres não teriam este sabor de decepção se não aspirassem a uma felicidade absoluta. Existe no meio de todos aqueles a quem falta a verdadeira esperança o irmão em quem os desejos, os desesperos, as decepções deles se transformam em oração de esperança”.¹⁰

2.5. Depoimento de um equipista

“Desde agosto de 2012, as pessoas que chegam por botes, em busca de asilo na Austrália, são enviadas para acampamentos nas ilhas de Nauru e Manus, aguardando a definição de seu processo. A não ser que sejam considerados refugiados, estas pessoas não são estabelecidas na Austrália.

Através do grupo de justiça social de nossa paróquia, tomamos conhecimento da possibilidade de apoiar diretamente as pessoas que estavam em busca de asilo e que estavam detidas nas ilhas. Já apoiávamos o trabalho coordenado por uma freira da ordem das Brigidinas¹¹, que organiza grupos para oferecer algum suporte religioso ou comunitário a esses homens. Durante vários anos contribuimos com pacotes de alimentos, roupas, crédito telefônico e mensagens de apoio. Num Natal, um de nosso grupo obteve autorização para visitar o centro de detenção. Preparamos biscoitos caseiros e o grupo de artesanato paroquial enviou pequenos presentes e cartões com mensagens de apoio. Gradualmente, com o envolvimento da organização São Vicente de Paulo, a comunidade local das ilhas foi também dando apoio aos homens detidos.

Em meio a graves problemas de saúde, físicos e mentais, vários dos homens acabaram sendo liberados com vistos de trânsito, sem nenhum apoio; esperava-se que encontrassem

10. CAFFAREL, Henri. **Presença de Deus**: Cem cartas sobre a Oração. São Paulo: Edições Loyola, 1980 “A esperança não decepciona”, p. 182-185.

11. Brigidine Asylum Seekers Project (BASP), disponível em <https://basp.org.au/you-can-help/>

moradia e trabalho em uma época de graves restrições causadas pela Covid. O nosso grupo paroquial convidou para que um ou dois deles se mudassem para a nossa vizinhança. Acolhemos um deles (a quem chamaremos N) em outubro de 2020. Com a ajuda de agências locais, o apoiamos na obtenção de assistência médica, na procura de alojamento, formação e trabalho, e ajudando-o a obter a carteira de motorista. Nos tornamos amigos.

Temos sido constantemente tocados pelo amável e sincero agradecimento que recebemos de N. Seu entusiasmo em aprender e tentar construir uma vida aqui, apesar dos acontecimentos, foi surpreendente para nós. Só desejamos poder ajudar e dar mais segurança ao seu futuro, pois ele deve encontrar um terceiro país para aceitá-lo permanentemente. Recentemente, em um testemunho nas missas dominicais da nossa paróquia, ele agradeceu àqueles que tinham enviado mensagens de apoio e bens materiais para os detidos. 'Deu-nos esperança quando ninguém parecia preocupar-se conosco'."

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

- O “estrangeiro” pode ser entendido como todo aquele que não faz parte de nossa família ou círculo de amizades. Nessa perspectiva, vocês se consideram vizinhos bons e acolhedores?
- Como respondemos ao apelo do Papa Francisco na *Fratelli Tutti* para acolher o “estrangeiro” de forma incondicional, “sem contar os custos”?
- Às vezes, se comprometer com uma causa pode acarretar ser rejeitado pelos outros. Tivemos este tipo de experiência quando acolhemos alguém considerado à margem da sociedade? Como lidamos com isso?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

O Papa Francisco nos diz:

“Compreendo que alguns tenham dúvidas e sintam medo diante das pessoas migrantes; compreendo isso como um aspecto

do instinto natural de autodefesa. Mas também é verdade que uma pessoa e um povo só são fecundos se souberem criativamente integrar no seu seio a abertura aos outros." (FT, 41)

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, nos perguntemos sobre nossa capacidade de acolher as pessoas vindas de outras culturas. Qual é a nossa perspectiva sobre os estrangeiros que vêm em busca de melhores condições de vida?

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito de irmãos.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém!

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um

profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês que foram significativas na vida individual ou do casal que os ajudaram a confrontar sua realidade particular com a realidade apresentada no Evangelho.
- Vocês têm conhecimento da situação de migração no Brasil e em sua realidade local? Vocês já tiveram experiência de realizar alguma ação em favor dos migrantes existentes em sua realidade (Quais foram as ações? Em favor de quem elas foram realizadas?). O que isto significou para vocês?

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião: Mateus 2,13-18 (A fuga para o Egito).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Como ajudei ou ajudo meu cônjuge na prática dos Pontos Concretos de Esforço?

- “Já não sois hóspedes nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19). O pecado nos exila. Como os Pontos Concretos de Esforço os têm ajudado a voltar ao convívio de Deus e a nos libertarmos dos males e consequências do pecado?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém

Nikolay Bogdanov-Belsky (1868-1945)

O russo Nicolay Bogdanov-Belsky era um filho ilegítimo. Viveu em uma família de camponeses, estudou em escola da aldeia de Tatevo e sempre foi atraído por assuntos ligados a sociedade, pessoas, crianças e grupos humanos.

De 1894 a 1895, intensificou seus estudos de pintura na Academia Russa de Belas Artes e também na Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou. Logo a partir de 1890 juntou-se a outros pintores, participando de exposições de artista de rua e tornando-se membro de uma sociedade que era voltada para os interesses desses pintores. Esses artistas ambulantes trabalhavam em condições difíceis diante de um poder político despótico na época, suas obras defendiam causas democráticas que geralmente eram contra a ordem estabelecida, tendo sido recusadas, em diferentes locais para exposições. Entre 1870 e 1880, a Academia entrou em conflito aberto com eles na "Revolta dos Quatorze". Na mesma época constituiu-se o "Artel des Artistes" primeira instituição independente na história das artes plásticas da Rússia, que foi o prelúdio desse conflito que se abria. Obras foram proibidas: entre elas, as pinturas de Nikolay.

Ao longo de sua carreira artística Nikolay pintou principalmente obras do gênero, especialmente ligadas à educação de crianças camponesas, como pode ser observado pela reprodução ao lado do menino que sonha, na porta da sala de aula, em poder fazer parte desse ambiente de estudo e formação.

Tornou-se pedagogo e acadêmico em 1903. Foi membro ativo da Academia de Artes em 1914.

A arte realista, gênero preferido por Nikolay, foi fortemente desfavorecida pela União Soviética, em função da conturbada situação de seu país, obrigando o artista a se mudar para Riga em 1921 e em seguida para Berlim, em função da ocupação soviética dos Estados Bálticos. Foi morto em 1945 como resultado de um bombardeio aliado na 2ª Grande Guerra Mundial.





Reunião 4

Eles não têm mais educação

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que não têm acesso à educação de qualidade (humana, na fé e formal).
- Entender a importância de uma educação integral que contemple ao mesmo tempo conhecimento técnico e valores humanos e cristãos, valorizando a formação permanente como elemento fundamental do amadurecimento espiritual como pessoa e casal.
- Exercitar a virtude da DISPOSIÇÃO de Maria como mãe e educadora de seu filho e da comunidade cristã.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Em 1948, as Nações Unidas aprovaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O Artigo 26 desta Declaração começa com uma proposição muito clara e simples: “Toda pessoa tem direito à educação”.

Esta Declaração forneceu aos líderes mundiais um guia bem concreto sobre os princípios que todos os países deveriam alcançar. No entanto, mesmo após as décadas que se seguiram a essa Declaração, a realidade tem sido desalentadora. Uma educação básica e de qualidade ainda falta em muitos países, apesar das contínuas preocupações levantadas por lideranças de direitos humanos.

O Concílio Vaticano II, em sua declaração sobre a educação cristã, reafirma este Direito Universal à Educação de todos os homens, de qualquer origem, condição e idade, visto ser parte da dignidade da pessoa.

O Sagrado Concílio ressalta o progresso das várias ciências, e de que elas devem ajudar no desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais de crianças, jovens e adolescentes, para que possam tomar parte na vida social munidos dos instrumentos necessários e oportunos, e assim sejam capazes de se inserir ativamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, abrindo-se ao diálogo com os outros e cooperando com o bem comum de todos.

Por isso, o documento conciliar

“[...] pede insistentemente a todos os que governam os povos ou orientam a educação, para que providenciem que a juventude nunca seja privada deste sagrado direito. Exorta, porém, os filhos da Igreja a que colaborem generosamente em todo o campo da educação, sobretudo com a intenção de que se possam estender o mais depressa possível a todos e em toda a parte os justos benefícios da educação e da instrução”.¹

A educação, portanto, é aquela oferecida nos âmbitos escolar, familiar e social, uma vez que a educação da pessoa é dever da família, do Estado e da sociedade.

Nelson Mandela, por exemplo, faz alusão ao importante papel da educação como um mecanismo de mudança da sociedade. Diz ele:²

“A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo.”

1. Papa Paulo VI, *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã. Roma, 28 de outubro de 1965, n. 1, sobre o Direito à Educação, disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html
2. Nelson Mandela Foundation. Lighting your way to a better future. *Planetarium*, University of the Witwatersrand, Johannesburg, África do Sul, 16 de julho de 2003. Acessado em 8 de dezembro de 2021, disponível em http://db.nelsonmandela.org/speeches/pub_view.asp?pg=item&itemID=NMS909

Mahatma Gandhi observou:³

“Por educação, refiro-me a um desenho completo do melhor da criança e do homem – corpo, mente e espírito. A alfabetização não é o fim da educação ou mesmo o começo.”

Essas formas de compreender a educação são acompanhadas por uma mensagem bastante sutil, de que o propósito da educação deve ser muito mais do que apenas “ir à escola”, ou somente receber alguma instrução formal. A educação precisa desenvolver a pessoa de forma integral, e a missão da família é preponderante e insubstituível neste sentido.

A educação deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa humana, compreendido em sua totalidade – sob os aspectos físico, psíquico, cognitivo, afetivo, moral, ético, estético, cultural, espiritual e pessoal.

O Papa Francisco tem sido um dos líderes de um novo Pacto Educativo Global, para que se promova uma educação capaz de dialogar sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos em uma mudança capaz de amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.

O objetivo deste Pacto é:⁴

“Reavivar o compromisso em prol e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão, convidando todos a unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes, e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.”

3. Education and Peace: A Gandhian Perspective. Acessado em 8 de dezembro de 2021. disponível em https://www.mkgandhi.org/articles/education_peace.htm
4. Papa Francisco. Discurso no Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”. Sala Clementina, 5 de outubro de 2021, 3º parágrafo, disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>

A preocupação do Papa Francisco diante da atual realidade educacional no mundo enfatiza a necessidade de unir esforços para alcançar uma aliança educacional ampla, que ofereça uma formação integral que conduza ao conhecer-se a si mesmo, ao próprio irmão, à Criação e ao Transcendente, pois “não podemos esconder às novas gerações as verdades que dão sentido à vida”.

Como casais equipistas, temos uma missão educacional intransferível, pois pelo nosso testemunho e ação somos responsáveis pela transmissão dos valores humanos e cristãos, a começar pela nossa família, e para aqueles que não têm a graça de receber uma herança de fé desde criança em seu ambiente familiar.

Como nos diz o livro dos Provérbios: “Ensine o adolescente quanto ao caminho a seguir; e ele não se desviará, mesmo quando envelhecer” (Pr 22,6).

Também, como equipistas, temos à mão um grande tesouro, uma escola de formação permanente, seja para aprofundar o conhecimento de nossa fé, seja para praticar o discernimento humano e cristão, que move tanto a razão quanto o coração na busca de uma mais estreita coerência entre a fé e a vida, para a vivência da espiritualidade conjugal que nos conduza à verdadeira santidade.

A pedagogia proposta pelas ENS nos oferece um conjunto de instrumentos de formação para nos ajudar no caminho para a santidade no e pelo casamento, mas sem ignorar os contextos onde o sacramento do matrimônio se concretiza. Não podemos nos esquecer que ao buscarmos a santidade no matrimônio e pelo matrimônio também seremos tocados por outros elementos próprios da missão dos batizados no mundo.

2.2. Seguindo os passos de Maria: educadora

O conceito de formação deriva da palavra latina *formatio*. Trata-se da ação e do efeito de “formar ou de se formar”: dar forma a alguém ou alguma coisa.

A formação também se refere ao modo como uma pessoa foi criada desde sua infância e adolescência, isto é, ao tipo de educação que recebeu para se tornar uma pessoa com maturidade e independência. Neste contexto, educação é o processo contínuo de desenvolvimento

das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade e no seu próprio grupo social.

Nossa formação como pessoa começa desde o início de nossa vida, passando pela infância, quando grande parte desta nossa formação e educação vem através da família, de nossos pais, avós e outros familiares.

E como Maria e José ajudaram no crescimento de Jesus? Em sabedoria, idade e graça. Podemos ver que Maria e José viveram todos os acontecimentos da vida familiar com seu Filho.

Assim, podemos olhar para Maria e José como modelos de pais educadores, que protegem e acompanham Jesus no seu caminho de crescimento e desenvolvimento, “em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

Ele era o Filho de Deus, mas veio ao mundo nascido de uma mulher. Ele foi alimentado pelo amor e pela proteção de Maria e José, como um bebê e como uma criança. Foi Maria quem forneceu a Jesus os primeiros fundamentos da educação. Ela com certeza ensinou e transmitiu ao seu jovem filho os fundamentos humanos e religiosos que o ajudaram a se tornar um ser humano acessível e amoroso, que se preocupa profundamente com todos e especialmente com os mais pobres.

Também podemos refletir sobre a própria formação e aprendizado de Maria desde criança, quando foi fielmente instruída por seus próprios pais. Foi através de sua educação que ela começou a desenvolver seu profundo relacionamento com Deus e a compreender Sua vontade.

Maria recebe a importante missão de ser a mãe do Messias, de educá-lo humanamente auxiliada por José. Ao pronunciar seu “Sim”, ela inicia um processo pedagógico de amadurecimento progressivo de sua fé, tornando-se a primeira discípula de seu Filho Jesus. Nesse processo, Deus concede a Maria as graças necessárias para compreender de forma confiante as promessas que realizaria por meio de Jesus, ela que se fez serva do Senhor.

A resposta de Maria definiu o rumo de eventos futuros desconhecidos para ela na época, mas o impacto do seu “Sim” continua a ter uma influência definitiva e frutuosa na vida das pessoas até os dias de

hoje. Sua livre aceitação de ser a Mãe do Filho de Deus levou Maria a um caminho de profunda aprendizagem e transformação pessoal, enquanto permanecia com Jesus através dos acontecimentos-chave de sua vida. Maria se deixa educar por Deus.

O desafio para cada um de nós como cristãos, em nossas circunstâncias pessoais, é não ter medo de dizer “sim” e nos deixarmos educar por Deus, porque a confiança e entrega está no coração de quem possui muita fé nos desígnios e na vontade de Deus.

Hoje, o exemplo de Maria continua a inspirar os casais, que são os primeiros mestres ou educadores de seus filhos no seu processo e caminho de crescimento e desenvolvimento integral. Mas, para serem bons mestres, os casais também precisam cuidar de sua própria formação e desenvolvimento, principalmente da fé e da moral.

A sabedoria do educador está, sobretudo, em saber escutar e, como Maria, guardar no coração este aprendizado que vem da vida e do convívio com os próprios filhos e com outras pessoas. Educação não é despejar conhecimentos sobre as pessoas, mas ajudá-las a se desenvolverem e crescerem no conhecimento para que elas sejam “elas mesmas”, seres únicos à imagem de Deus.

Maria, como Mãe educadora da fé, cuida para que o Evangelho de seu Filho penetre em nós, modelando nossas vidas a cada dia e produzindo em nós frutos de santidade. Precisamos que ela seja cada vez mais a pedagoga do Evangelho para acompanhar e formar os casais e famílias de nosso tempo.

2.3. A Palavra de Deus (Lc 2,46-52)

“Depois de três dias o encontraram no templo, sentado entre os mestres ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos os que ouviam o menino ficavam extasiados com sua inteligência e suas respostas. Quando o viram, seus pais ficaram admirados, e sua mãe lhe disse: Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu andávamos angustiados à tua procura. Ele respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é do meu pai? Eles, porém, não entenderam o que ele lhes havia dito.

Jesus desceu, então, com seus pais para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens.”

A cena para nossa meditação está contextualizada na perspectiva das peregrinações religiosas que eram feitas anualmente para Jerusalém. Jesus se insere na obediência de sua família à Lei do Senhor.

Terminados os dias da festa, a família de Nazaré retorna para casa. Maria, num determinado momento, mesmo imaginando que o menino estivesse com seus parentes em outro ponto da caravana, que eram enormes na época de Jesus, resolve procurá-lo e não o encontra. Retornam, Maria e José, para Jerusalém e lá está ele, o adolescente Jesus no Templo, junto aos mestres.

Qualquer mãe ao meditar essa passagem consegue intuir facilmente os sentimentos de Maria nessa hora. É tão impactante a possibilidade da perda de seu filho, que Maria, a mulher do silêncio, toma a palavra nessa ocasião: “...teu pai e eu andávamos angustiados à tua procura!”.

Aqui temos a primeira lição. Maria tem a missão de educar seu filho e não de dominá-lo. Qualquer mãe teria o desejo de uma repreensão mais rude, contudo ela sabe que o processo educativo passa pela consciência formada no respeito e não pelo constrangimento violento da punição.

De volta a Nazaré, a escritura diz que Jesus “ia crescendo em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens”. Aqui temos uma descrição perfeita do objetivo da educação que Maria busca oferecer ao seu filho. Diante de Deus e diante dos homens significa dizer que a educação deve ser integral. Maria educa Jesus integralmente. Sabe que o conhecimento diante dos homens só será completo quando os valores diante de Deus forem assimilados verdadeiramente.

É muito comum encontrarmos famílias que se esforçam em todos os sentidos para dar aos seus filhos uma educação de excelência. E isso é correto. O problema é que o sonho de cursar uma universidade importante faz com que as preocupações estejam voltadas aos conteúdos técnicos e ao sucesso profissional, e isso, muitas vezes, acaba deixando de lado valores humanos e cristãos essenciais.

Formamos uma geração capacitada para gerenciar grandes empreendimentos; contudo, frágil e vulnerável nas mais básicas relações humanas. Homens e mulheres realizados profissionalmente, mas infelizes e incompletos nos simples e essenciais aspectos da vida.

Diante de Deus e dos Homens! Aqui a opção é integral. Alcançar o conhecimento técnico da melhor qualidade possível, principalmente para os mais vulneráveis da sociedade que precisam do Estado para alcançar esse objetivo. Mas, simultaneamente, devemos priorizar a formação humana e da fé, pilares onde se assenta o conhecimento técnico e que são responsáveis pela realização ou frustração da vida.

Que Maria, senhora educadora, interceda para que tenhamos sempre a possibilidade de uma educação integral.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O Papa Francisco fala claramente sobre a importância de ter um equilíbrio da educação no desenvolvimento de uma criança. Ela deve incluir aspectos morais, espirituais e sociais da vida. Ele continua a discutir a importância da educação para tirar as pessoas da pobreza, para que elas possam moldar seu próprio futuro. Ele também fala da subsidiariedade, um princípio fundamental que exige que as decisões sejam tomadas pelas pessoas mais próximas e mais afetadas pelas questões e preocupações da comunidade e, por isso, mais capazes de dar os encaminhamentos necessários.

[...] “Penso em primeiro lugar nas famílias, chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos. Quanto aos educadores e formadores que têm a difícil tarefa de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, devem estar cientes de que a sua responsabilidade envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, respeito mútuo e

solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade. () Também os agentes culturais e dos meios de comunicação social têm responsabilidades no campo da educação e da formação, especialmente na sociedade atual onde se vai difundindo cada vez mais o acesso a instrumentos de informação e comunicação.” (FT, 114)

“Alguns nascem em famílias com boas condições econômicas, recebem boa educação, crescem bem alimentados, ou possuem por natureza notáveis capacidades. Seguramente não precisarão de um Estado ativo, e apenas pedirão liberdade. Mas, obviamente, não se aplica a mesma regra a uma pessoa com deficiência, a alguém que nasceu em um lar extremamente pobre, a alguém que cresceu com uma educação de baixa qualidade e com reduzidas possibilidades para cuidar adequadamente das suas enfermidades. Se a sociedade se reger primariamente pelos critérios da liberdade de mercado e da eficiência, não há lugar para tais pessoas, e a fraternidade não passará de uma palavra romântica.” (FT, 109)

“Esta caridade, coração do espírito da política, é sempre um amor preferencial pelos últimos, que subjaz a todas as ações realizadas em seu favor. Só com um olhar, cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade. Um tal olhar é o núcleo do autêntico espírito da política. [...] Por exemplo, ‘não se pode enfrentar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que só tranquilizam e transformam os pobres em seres domesticados e inofensivos. Como é triste ver que, por detrás de presumíveis obras altruístas, o outro é reduzido à passividade’. O necessário é haver distintos canais de expressão e participação social. *A educação está ao serviço deste caminho*, para que cada ser humano possa ser artífice do seu destino. Demonstra aqui o seu valor o princípio de subsidiariedade, inseparável do princípio de solidariedade.” (FT, 187)

Pe. Henri Caffarel

O Padre Caffarel, em muitas de suas reflexões, fala da importância dos pais como os primeiros educadores de seus filhos (uma vez que, pelo sacramento do matrimônio, aceitar gerar e educar os filhos), e os desafia a considerar o quanto amam seus filhos. Insiste na recomendação de que os pais não devem cessar de “gerar” e de “educar” seus filhos. A educação consiste em fazer crescer esta pessoa que foi gerada, em que há uma infinitude de ordem humana e uma infinitude divina, produzida pela graça do batismo.

“Ele não é pai somente quando toma a iniciativa de chamar à vida um ser imortal. Dia após dia deverá continuar a dar a vida ao seu filho. A educação é uma criação prolongada. Depois de ter engendrado um corpo, o pai deve despertar para a vida uma inteligência, um coração, uma consciência. É uma obra de longo alcance. Cada dia ele se perguntará: ‘Sou verdadeiramente pai? Meus exemplos, minhas palavras, minhas censuras, meus perdões, minhas exigências, meus conselhos, são criadores?’

O que vale dizer para ele, perguntar-se se permanece bem vivo, porque só a vida é criadora de vida. Só se dá a vida dando a sua vida. Tantos pais parecem ignorá-lo; eles se contentam, qual o escultor que maneja o seu cinzel, de talhar por fora um ser a quem chamam seu filho: não é isso a educação, não é assim que se dá a vida.

Mas o pai não é o único a empreender e a conduzir a bom termo essa obra de educação. A mãe está ao seu lado. Para o desenvolvimento, como para o nascimento da criança, são precisos os dois, unidos no amor. É o grande segredo da educação. A íntima colaboração do pai e da mãe é a condição do seu êxito. Seu amor mútuo é o pão cotidiano da criança; privado dele, haverá como que um gemido no fundo de seu ser, o queixume de um coração que morre de fome.”⁵

“Sois inquietos por vossos filhos? Não vos pergunto se estais descontentes com eles, mas convosco. Ante vossos fracassos

5. CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. Capítulo III – Fecundidade do Amor, “Vocação de Pai”, p. 69-76. Edições Loyola, 1991.

em matéria de educação, qual é o vosso primeiro movimento? Lançar a responsabilidade sobre eles ou vos acusardes culpados? Não estimais com demasiada facilidade que fizestes tudo? Enquanto não tiverdes orado “ com a veemência de um coração que nada desanima –, enquanto não tiverdes feito penitência, não podeis dizer que fizestes tudo: não fizestes grande coisa.”⁶

Pe. Caffarel tinha uma grande preocupação com a seguinte questão: “amais verdadeiramente os vossos filhos?” O que podemos responder como pais cristãos?

“Ser competente é ainda amar a Deus. Aquele que mais o ama não é ‘aquele que diz: Senhor, Senhor...’, mas aquele que faz a sua vontade e colabora em sua obra. Porque Deus quis ter necessidade do concurso dos homens: a terra só produzirá seus frutos com o trabalho do lavrador, a criança não se tornará um homem sem a educação. Mas, sem competência, lavradores ou pais não serão mais que medíocres colaboradores.”⁷

“Os pais, surpreendidos, gemerão, acusarão de ingratos os filhos; ou talvez compreenderão, mas demasiado tarde, que seus filhos tinham tudo... menos o essencial: um amor verdadeiro. Porque amar o filho não é antes de tudo mimá-lo, satisfazer-lhe os desejos, mas sim compreendê-lo, fazer expandir sua personalidade.

Vós sois cristãos. O que importa não é somente amar os vossos filhos, mas amá-los cristãmente. E isto é algo mais que ensinar-lhes algumas virtudes, algumas práticas religiosas, uma doce piedade precoce.

É preciso compreender e ajudá-los a compreender o apelo de Cristo. Ajudá-los a se tornarem cristãos adultos, para que respondam a esse apelo pelo dom alegre de sua jovem liberdade

6. CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. Capítulo VII “ A Serviço dos Homens, “Vossa ausência de inquietude me inquieta”, p. 151-152. Edições Loyola, 1991.

7. CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. Capítulo VII – A Serviço dos Homens, “O dever de competência”, p. 145-147. Edições Loyola, 1991.

conquistada, e se atirem à grande aventura da vida bem decididos a não inverter a ordem de valores de seu Mestre.”⁸

Maria cooperou plenamente com Deus neste amor e trouxe à luz o Filho de Deus. Seu papel de educá-lo e guiá-lo foi um ato de amor totalmente gratuito. Maria cresceu na sua compreensão sobre seu filho Jesus e sobre a missão dele e a sua missão própria, ao mesmo tempo em que desvendou os mistérios revelados a ela e acompanhou Jesus através dos acontecimentos de sua vida.

2.5. Depoimento de um equipista

Neste depoimento percebemos claramente a ênfase dada à capacitação profissional de pessoas que trabalham na área da saúde e que foram decisivas para curar e salvar a vida dos filhos.

“A educação surgiu como um dom maravilhoso em nossa história familiar. Sem este dom, teríamos perdido nossos dois filhos em um curto espaço de tempo. Não tenho certeza de como teria lidado com a gravidade desses dias. Entretanto, uma coisa eu sei: meu relacionamento com Maria se tornou mais próximo e mais forte.

Nossa jornada como família está longe de ter sido fácil. Um filho foi diagnosticado com câncer aos 20 anos de idade e outro filho sofreu um AVC aos 16 anos de idade. Ambos foram eventos que mudaram nossas vidas.

Como pais, sempre rezamos a Deus para que nossos filhos tivessem uma boa saúde. Lembro-me de rezar por isso durante toda a vida, mas, no momento dos diagnósticos médicos, também rezei para ter força de estar ali com meus filhos doentes. De repente, pude compreender muito mais Maria. Ver o filho dela durante a crucificação era insuportável, mas ela tinha que confiar que Deus iria prevalecer neste acontecimento traumático. O meu marido e eu tivemos que fazer o mesmo.

No caso de nosso filho mais velho, a quimioterapia e radioterapia foram intensas: sete meses de tratamento que desfiguraram

8. CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. Capítulo III – Fecundidade do Amor, “Amais os vossos filhos?”, p. 65-67. Edições Loyola, 1991.

um belo jovem no auge de sua vida. Com a queda de cabelo e o corpo emagrecido, confiamos nosso filho aos cuidados de Deus e de Maria.

As equipes eram cruciais para nós como casal. Os membros de nossa equipe se mantiveram em contato quando fomos atropelados pelas circunstâncias e as hospitalizações foram necessárias. Eles deixavam comida, mantinham contato conosco e ofereciam um ombro para chorar. Sou grata por termos entrado nas equipes em 2000, pois os equipistas têm sido nossa força através de suas orações e cuidados.

Contudo, não fomos capazes de prever uma crise familiar mais grave. Em 2013, nosso filho mais novo, de 16 anos de idade, sofreu uma hemorragia cerebral que resultou em um derrame. Quando ele veio nos procurar à uma hora da manhã, eu sabia intuitivamente que ele estava tendo um grave episódio médico. Durante a minha chamada para o serviço de ambulância clamei a Deus para salvá-lo.

Com efeito, todos os que lhe salvaram a vida estavam disponíveis quando precisamos deles, desde os agentes da ambulância que reconheceram os seus sintomas em casa, ao neurocirurgião que operou o seu cérebro, ao pessoal da Unidade de Cuidados Intensivos que monitorou a sua recuperação.

Hoje, nosso filho tem 24 anos e é nossa dádiva; já não encaramos a vida e a saúde como garantidas, mas damos graças a Deus pela segunda oportunidade que tivemos com o 'renascimento' de nossos dois filhos.

Há muito mais que precisamos descobrir através da educação e o futuro promete grandes avanços no campo das curas médicas. Deus nos presenteou para aprender e nós nos maravilhamos com o quanto já sabemos.

Devemos continuar a desenvolver a educação para que todos possam ter acesso a ela e se beneficiar do bem que dela provém. O dom da educação salvou dois dos meus filhos. Que ela continue a inspirar as pessoas a melhorar vidas. Rezamos para que a educação seja usada para bons propósitos, tal como Deus quis."

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

- Que desafios vocês encontram ou encontraram no processo educativo de vossos filhos?
- Existem desigualdades educacionais em seu país? Como vocês avaliam os motivos de algumas pessoas terem acesso à educação integral e de qualidade, e outras não?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

“Os pais necessitam também da escola para assegurar uma instrução de base aos seus filhos, mas a formação moral deles nunca a podem delegar totalmente. O desenvolvimento afetivo e ético de uma pessoa requer uma experiência fundamental: crer que os próprios pais são dignos de confiança. Isto constitui uma responsabilidade educativa: com o carinho e o testemunho, gerar confiança nos filhos, inspirar-lhes um respeito amoroso. Quando um filho deixa de sentir que é precioso para seus pais, embora imperfeito, ou deixa de notar que nutrem uma sincera preocupação por ele, isto cria feridas profundas que causam muitas dificuldades no seu amadurecimento. Esta ausência, este abandono afetivo provoca um sofrimento mais profundo do que a eventual correção recebida por uma má ação.” (AL, 263)

O Papa Francisco tanto quanto o Pe. Caffarel falam do importante papel dos pais e da família na educação e no desenvolvimento integral dos filhos.

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, devemos refletir sobre a educação que demos ou estamos dando a nossos filhos.

- Nesta etapa da vida de nossos filhos consideramos que sua vivência manifesta frutos de uma educação integral?

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração

proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.

Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como vocês, individualmente e conjugalmente, foram encorajados a viver, neste mês, a virtude de ser “educador” ou “educadora” (Quais foram estas ações? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião:
Lucas 2,46-52.

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreaajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês? Como você tem ajudado seu cônjuge nesta caminhada espiritual?
- Entendemos a prática dos PCEs como uma forma de sermos educados e nos educarmos para respondermos as exigências da vida conjugal?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização de Pe. Henri Caffarel. Vide página 73
- *Magnificat*.



Edvard Munch (1863-1944)

Edvard Munch foi um pintor e gravador norueguês, nascido em Loten, Noruega. Filho de um médico do Exército, sofreu sucessivas perdas em sua vida. Ficou órfão de mãe aos 5 anos. Sem a mãe, apego-se à irmã Sophie, um ano mais velha, que era sua alegria, até ela ficar tuberculosa e morrer aos 15 anos. Nos anos seguintes, Munch perdeu o pai, e viu outra irmã, doente mental, ser internada em um hospital psiquiátrico, onde passaria toda a vida.

Edvard Munch ficou aos cuidados de uma tia, que o matriculou numa escola de desenho em Oslo em 1880. Começou a pintar retratos, entretanto as marcas deixadas por suas perdas familiares se tornaram os temas recorrentes em suas obras. Suas pinturas receberam a influência dos pós-impressionistas, mas não tardou a criar um estilo pessoal, baseado em acentuar as linhas de expressão para exteriorizar as sensações de angústia e solidão do ser humano. Na Alemanha, entre 1892 e 1908, Munch passou a fazer parte da vanguarda intelectual de Berlim.

De uma série de pinturas e gravuras destacam-se, entre outras, *A Menina Doente*, aqui reproduzida, que retrata sua irmã Sophie no leito de morte.

Continuando no mesmo tema de desespero e solidão, pintou a obra que o notabilizou, *O Grito* (1893), feita em quatro versões, que estão no Museu da Noruega. Edvard Munch faleceu em Oslo, no dia 23 de janeiro de 1944, época em que a Noruega estava sob ocupação alemã.



Reunião 5

Eles não têm mais saúde

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que enfrentam situações de enfermidade ou de doença.
- Entender a situação das pessoas que vivem sem as condições sanitárias mínimas e sem acesso a saúde (alimentação, saneamento, cuidados médicos).
- Exercitar a virtude da DISPONIBILIDADE de Maria para ir ao encontro de sua prima Isabel para ampará-la em suas necessidades.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Quando falamos em sermos pessoas “saudáveis”, normalmente pensamos na nossa saúde física. No entanto, viver uma vida saudável implica muito mais do que isso. Para sermos saudáveis, precisamos considerar o nosso corpo, a nossa mente e a nossa vida espiritual.

Este é um entendimento antigo que podemos encontrar até no Antigo Testamento. Por exemplo, o livro do Levítico contém instruções sobre diversos aspectos da vida, que podem ser consideradas boas recomendações em questão de higiene e saúde que adquirem conotação de vivência da fé e da religião.

A Organização Mundial da Saúde compreende a saúde em sentido mais amplo, não se restringindo à ausência de enfermidades, mas apresenta um estado de completo bem-estar físico, mental, espiritual

e social. Assim, para que haja saúde, é necessário um ambiente saudável do ponto de vista ecológico, social, alimentar, mental e espiritual.

Precisamos dar atenção a todas estas questões e mantê-las em equilíbrio se quisermos viver uma vida plena. Entretanto, é crescente a preocupação de que nosso mundo tenha perdido sua compreensão nesta relação e conexão entre a saúde do corpo, da mente e do espírito. Hoje, tendemos a compartimentar estas dimensões e acreditamos que podemos atendê-las separadamente.

Apesar das riquezas do nosso mundo moderno, há uma crescente falta de saúde, incluindo a desnutrição, as doenças evitáveis, a saúde mental, a falta de cuidados com os idosos e deficientes, e até mesmo com a saúde do nosso planeta.

A doença não discrimina ninguém e atinge a todos: ricos, pobres, crianças, jovens, idosos. Embora isso seja verdade, não significa que todos tenham as mesmas condições para cultivar sua saúde e buscar a cura de suas enfermidades. Vivemos em um mundo de desigualdades, onde:

- A saúde é influenciada mais pela economia e pelas decisões geopolíticas do que pelas necessidades da comunidade humana.
- Há comida suficiente produzida pelas nações do mundo para alimentar a todos, mas muitas pessoas ainda morrem de fome.
- O acesso à educação sanitária e às vacinas e medicamentos é determinado não pela necessidade, mas pela capacidade de um país de pagar por elas.
- As questões de saúde mental são muitas vezes escondidas da comunidade e carecem de tratamento.

Estima-se que 4,3 bilhões de pessoas não tenham acesso adequado a serviços de saúde, o que representa pouco mais da metade da população mundial.¹

O Papa Francisco alerta que essas desigualdades na saúde devem ser enfrentadas em nosso mundo moderno.

1. Organização Mundial da Saúde. Ver, disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/self-care-health-interventions>.

“Muitas vezes, enquanto continuamos com nossas disputas semânticas ou ideológicas, permitimos que nossos irmãos e irmãs morram de fome e sede, sem abrigo ou acesso a cuidados de saúde. [...] Estas coisas são essenciais; não podem mais ser adiadas.” (FT, 189)

No entanto, é preciso ir além e pensar nos doentes “como pessoas, e não como números”.² O enfermo tem um rosto e uma história, experimenta o sofrimento, a vulnerabilidade, as incertezas e também os medos. Em seus milagres, Jesus mostrou que não bastava curar as enfermidades físicas, mas que era igualmente importante restaurar a pessoa em plenitude, na totalidade do seu ser. Na história da cura do paraplégico, Jesus pergunta: “O que é mais fácil dizer ao paraplégico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, pega a tua maca e anda?’” (Mc 2,9).

Somos chamados a nos aproximar e acompanhar os enfermos em sua trajetória na busca da sua recuperação integral. Como nos diz o Papa Francisco:

“A proximidade é um bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença. Enquanto cristãos, vivemos uma tal proximidade como expressão do amor de Jesus Cristo, o bom Samaritano, que, compadecido, se fez próximo de todo o ser humano, ferido pelo pecado. Unidos a Ele pela ação do Espírito Santo, somos chamados a ser misericordiosos como o Pai e a amar, de modo especial, os irmãos doentes, frágeis e atribulados.”³

2.2. Seguindo os passos de Maria: disponibilidade

Olhando a vida de Maria, percebemos sua perfeita disponibilidade aos planos de Deus. Ela, que se abriu à ação do Espírito Santo na encarnação do Verbo, manifesta sua disponibilidade também no acolhimento

2. Papa Francisco. Discurso à Associação Católica de Agentes no Campo da Saúde, 17 de maio de 2019, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190517_acos.html
3. Papa Francisco. Mensagem para o XXIX Dia Mundial do Doente, 2021, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20201220_giornata-malato.html

do inesperado no nascimento de Jesus numa estrebaria ou na fuga para o Egito. Esta virtude ainda esteve presente quando os caminhos de Jesus pareciam estranhos para ela, como no reencontro do Menino no templo e na sua vida pública. Por fim, a disponibilidade de permanecer como Mãe da Igreja, nos guiando e acompanhando com sua intercessão e nos inspirando com seus exemplos.

Podemos perceber que sua abertura a Deus é a fonte de sua disponibilidade e cuidado com a humanidade. Na Anunciação, Maria se definiu como “serva do Senhor”, primeira discípula do seu Filho, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate de muitos” (Mt 20,28).⁴

Na narrativa das Bodas de Caná conhecemos esta disponibilidade de Maria. Sua sensibilidade permitiu-lhe perceber a falta do vinho; mas ela não se limitou a isso; também se manifestou como verdadeira “serva do Senhor” pondo-se em ação a favor dos outros que estavam necessitados. Mas talvez a cena que mais nos mostre a disponibilidade de Maria seja a da Visitação Plena do Espírito Santo, a Mãe do Verbo parte, sem demora, ao encontro de sua prima Isabel, colocando-se a serviço dela em suas necessidades.

Esta disponibilidade de Maria representa um gesto de entrega total, de perfeita submissão à vontade de Deus. Podemos nos perguntar: como Maria adquiriu tão grande virtude? Foi, sem dúvida, a ação da Graça de Deus que, encontrando nela abertura total, a dotou desta virtude especial para que pudesse cumprir sua vocação singular de Mãe do Filho de Deus. Deus deu-lhe uma graça especial, o privilégio da sua Imaculada Conceição.

Sem este esvaziamento, esta humilhação, este abaixar-se e colocar-se totalmente disponível para a ação de Deus, nada poderia ter sido feito a partir de Maria.

Portanto, a contemplação da vida de Maria nos apresenta um modelo da “arte do acompanhamento”, a que somos também chamados a realizar em relação àqueles que estão fragilizados em sua condição de saúde.

4. Papa João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, n. 41, disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html

2.3. A Palavra de Deus (Lc 1, 35-45)

“O anjo respondeu: ‘O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice; já está no sexto mês aquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível’. Então Maria disse: ‘*Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra*’. E o anjo saiu da sua presença.

Naqueles dias, Maria levantou-se e foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá. Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança saltou de alegria em seu ventre. Isabel ficou repleta de Espírito Santo e, com voz forte, exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Como me acontece que a mãe do meu Senhor venha a mim? Logo que ressoou aos meus ouvidos a tua saudação, a criança pulou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada aquela que acreditou, porque se cumprirá o que lhe foi dito da parte do Senhor’.”

Maria, dizendo “Sim” a Deus, acolheu em seu seio o Verbo que se fez carne. “*Eis aqui a serva*”, assim Maria se declarou diante do Senhor, porque está disposta a obedecer, a deixar espaço à Palavra de Deus, a deixá-la viver e crescer em si, até encher toda a sua vida: pertence totalmente a Ele. É nessa condição que ela recebe a notícia que sua prima Isabel, de idade avançada, também estava grávida. A resposta de Maria, servidora e disponível, cheia do Espírito de Deus, não poderia ser outra: coloca-se a caminho. Caminho para onde? Caminho do serviço!

É verdade que a gravidez não é uma doença ou uma enfermidade. Mas é verdade também que ela, ainda nos dias de hoje, exige cuidados especiais quando a idade é avançada. Imaginemos isso na época de Jesus. Maria coloca-se disponível para servir. Encontra Isabel e fica com ela três meses. Supera suas próprias dificuldades para antecipar aquilo que seu Filho, que estava sendo gestado no seu ventre, afirmaria anos depois: estava doente e cuidaste de mim (cf. Mt 25,36).

Acontecimentos inesperados e surpreendentes que debilitam temporariamente as pessoas, deixando-as mais frágeis, podem acontecer a qualquer momento da vida. Pode ser uma gravidez de risco, um acidente inesperado, uma grave enfermidade, um endividamento, uma decepção, e tantas outras situações inusitadas escancaram a dependência e impotência do ser humano. Dependência, na verdade, de um sistema de saúde digno que consiga responder à demanda imediata com qualidade e eficiência; dependência de pessoas dispostas a ajudar em situações até então simples e corriqueiras da vida; dependência da presença disponível e solidária, capaz de uma palavra consoladora.

Maria percorreu uma enorme distância para ser essa presença. Não podia ser diferente; foi a coerência com a palavra de Deus que habitava nela. E nós? Diante da Palavra que nos interpela cotidianamente, como nos colocamos frente aos enfermos?

Vale notar que muitas vezes os que precisam de nossa disponibilidade não estão a mais de 100 quilômetros como estava Isabel de Maria. Muitas vezes quem precisa de ajuda está ao nosso lado, dividindo conosco o mesmo teto.

Que Maria, senhora da disponibilidade, interceda por nós de forma que sejamos mais sensíveis àqueles que precisam de nós.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O Papa Francisco nos desafia a olhar além de nós mesmos, a mostrar compaixão pela saúde e bem-estar dos outros. Também é um chamado a construirmos um mundo em que as injustiças no campo da saúde sejam superadas.

“Digamos que crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas. Habitua-mos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima” (...) (FT, 64)

“Além disso, como estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos

problemas alheios. São sintomas de uma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento.” (FT, 65)

“Contudo, rapidamente esquecemos as lições da história, ‘mestra da vida’. Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta. No fim, oxalá já não existam ‘os outros’, mas apenas um ‘nós’. Oxalá não seja mais um grave episódio da história, cuja lição não fomos capazes de aprender. Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano. Oxalá não seja inútil tanto sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre das fronteiras que criamos.” (FT, 35)

“... penso em tantos irmãos e irmãs de todo o mundo sem possibilidades de acesso aos cuidados médicos, porque vivem na pobreza. Por isso, dirijo-me às instituições sanitárias e aos governos de todos os países do mundo, pedindo-lhes que não sobreponham o aspecto econômico ao da justiça social.”⁵

“Estamos cada vez mais conscientes de que muitos males poderiam ser evitados, se se prestasse mais atenção ao estilo de vida que assumimos e à cultura que promovemos. Prevenir significa ter uma visão clarividente do ser humano e do ambiente no qual vive. Significa pensar em uma cultura de equilíbrio, em que todos os fatores essenciais – educação, atividade física, dieta, salvaguarda do meio ambiente, observância dos ‘códigos de saúde’ derivantes das práticas religiosas, diagnósticos precoces e orientados, e outros ainda — podem ajudar-nos a viver melhor e com menos riscos para a saúde.”⁶

5. Papa Francisco. Mensagem para o XXVIII Dia Mundial do Doente, 11 de fevereiro de 2020, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html
6. Papa Francisco. Discurso aos participantes da Conferência Internacional Unite To Cure, 28 de abril de 2018, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/april/documents/papa-francesco_20180428_conferenza-pcc.html

Pe. Henri Caffarel

Para o Pe. Caffarel, uma alma sadia é parte integrante da saúde geral da pessoa. Ele nos fala de como a “anemia espiritual” afeta aqueles que não alimentam sua fé.

“[...] Refiro-me ao equilíbrio que, pouco a pouco, se instaura naqueles que rezam. Equilíbrio não somente espiritual, mas da personalidade inteira, de todo o organismo. Nada há de admirar que o espírito humano se revigore no contato com o Espírito de Deus, que o organismo, que não jaz ao lado do espírito, mas está imbuído dele, recobre vitalidade e equilíbrio quando o espírito se fortifica. A saúde da alma é condição da saúde psíquica e da saúde corporal, o que é ainda mais incontestável do que o inverso. Face a essas considerações, portanto, eu volto ao meu diagnóstico: grande parte de doentes orgânicos ou psíquicos são predominantemente doentes da alma, da alma subalimentada, da alma desligada de seus mananciais de vida.”⁷

Padre Caffarel também nos adverte a não nos deixarmos levar pelo comodismo:

“Hoje, nas nossas grandes nações ocidentais, precisa-se procurar a miséria para encontrá-la. Ela existe, sem dúvida, mas tão ciosamente afastada do nosso caminho! Fundam-se hospitais e asilos para socorrer doentes e deficientes, mas também para que a vista deles não crie o risco de insinuar um escrúpulo em nossa ânsia de conforto, não nos impeça de dormir. Uma “sociedade de consumo” sente-se na obrigação de proscreever o espetáculo do sofrimento, da miséria, e da morte. Por isso, se nós quisermos permanecer na verdade do nosso planeta, precisamos não nos manter tempo demais isolados da miséria, não tapar os ouvidos à pergunta patética e salutar que o espetáculo do mal e da morte nos faz.”⁸

7. CAFFAREL, Henri. **Novas Cartas sobre a Oração**. “A seminaristas”, p. 83-87. Ed. Loyola, 1980.

8. CAFFAREL, Henri. **Novas Cartas sobre a Oração**. “Um grande livro de meditação”, p. 73-76. Ed. Loyola, 1980.

2.5. Depoimento de um equipista

Este depoimento fala de um casal, profundamente abalado pela doença, mas que não deixa abalar sua fé e sua espiritualidade, contando com o apoio da família e de sua equipe de base.

“Fui diagnosticada com câncer da mama em março. Seguiu-se uma cirurgia, quimioterapia e radioterapia com a duração de oito meses. Depois, no dia seguinte ao meu primeiro *check-up* trimestral, o meu marido, Greg, foi diagnosticado com leucemia mieloide aguda.

Isto colocou nossa família de volta no carrossel, começando com a quimioterapia e um transplante de medula óssea e, depois, lidando com a multidão de complicações devido a um sistema imunológico deprimido. Inicialmente o diagnóstico colocou-nos num estado de choque, mas depois o nosso estoico histórico familiar entrou em ação.

Greg e eu tivemos uma experiência única. Em menos de 12 meses, ambos tínhamos sido diagnosticados com câncer e, portanto, ambos se tornaram um paciente e um cuidador. Acredito que falo por nós dois quando digo que, como paciente, você se sente calmo, concentrado e controlado. No entanto, como cuidador, você se sente impotente, incapaz de curar ou ajudar na dor do outro, totalmente fora de controle. Como paciente e cuidador fomos capazes de nos apoiar e compreender verdadeiramente um ao outro; conseqüentemente, proporcionando a única coisa necessária para toda a vida – a esperança.

A espiritualidade de Greg aumentou nos 11 meses e meio de sua doença. Durante este tempo, ele encontrou conforto em algumas das práticas com as quais cresceu, como o Rosário e as Novenas. Ambos lidamos com a situação voltando-nos para a nossa fé, pedindo ajuda ao Espírito Santo, e isto foi respondido dando-nos forças para lidar com a situação.

Mas, numa situação como a nossa, não podíamos dar conta sozinhos. A nossa equipe tem-nos apoiado constantemente e continua a estar ao meu lado na minha jornada. Como equipe, enfrentamos muitas batalhas juntos. E só posso esperar que eu

também tenha dado o amor, o apoio e a amizade que eles me deram no meu tempo de necessidade.

Greg faleceu em fevereiro, menos de dois anos depois do meu diagnóstico.

Hoje tenho a minha saúde, os meus filhos e os meus netos, e o meu mundo está fluindo bem. E por causa do amor que partilhamos, tenho sido capaz de superar a perda física de Greg e de me tornar ainda mais consciente do amor, da família e dos amigos, ainda mais grata pela minha fé, e mais apreciadora da minha existência.

O maior dom foi ter o Greg comigo durante 26 anos e agora tenho-o a olhar por mim para o resto da minha vida.”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

- O seu estilo de vida e de sua família “ alimentação, prática de esporte, lazer etc. – favorece uma vida saudável?
- Apresente exemplos de desigualdades na saúde em sua própria cidade ou localidade. Como esta realidade os interpela como casal? Qual tem sido a sua resposta?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

“O tempo gasto junto do doente é um tempo santo [...] Com fé viva, peçamos ao Espírito Santo que nos conceda a graça de compreender o valor do acompanhamento, muitas vezes silencioso, que nos leva a dedicar tempo a estas irmãs e a estes irmãos que, graças à nossa proximidade e ao nosso afeto, se sentem mais amados e confortados.”⁹

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, o casal pode refletir sobre sua disponibilidade para servir e apoiar seus familiares e amigos doentes.

9. Papa Francisco. Mensagem para o XXIII Dia Mundial do Doente, 2015, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo

algun tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.

- Coparticipe experiências relacionadas a doenças e enfermidades vividas em casal. Busque apresentar o significado desses acontecimentos para sua vida e para seu crescimento humano e espiritual.

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião: Lucas 1,35-45 (A visita de Maria a sua prima Isabel).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais são os Pontos Concretos de Esforço que exigem “mais esforço” de nossa parte?
- Os Pontos Concretos de Esforço têm sido, para vocês, um remédio preventivo para combater o estado de “anemia espiritual”?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização de Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém



Quarto em New York

Sheldon Museum of Art, University of Nebraska

Edward Hopper (1882-1967)

Edward Hopper foi um importante pintor modernista, ilustrador e artista gráfico do século XX. É considerado um dos grandes artistas plásticos do Realismo norte-americano.

Estudou, no começo do século XX, na Escola de Artes de New York, e entre 1906 e 1910 fez três viagens a Paris, com o objetivo de complementar seus conhecimentos artísticos. Na capital francesa, recebeu grande influência do movimento impressionista. Fez suas primeiras gravuras em 1915, ano em que seu trabalho começou a ganhar reconhecimento no meio artístico.

Em 1933, aconteceu a primeira retrospectiva artística de Hopper no Museu de Arte Moderna de New York.

As principais características de seu estilo artístico revelam-se na pintura de pessoas sozinhas, principalmente em locais públicos. Essas pessoas geralmente são retratadas com expressões de pensamento e profundidade psicológica.

Quarto em New York, obra aqui reproduzida, é uma de suas principais, apresenta uma cena bem característica de um casal sem diálogo, que pode ser observado pelos gestos introspectivos da mulher, que aparentemente toca uma nota no piano ao seu lado. Parece que ela está sentada ali há algum tempo, apenas “bicando” o teclado. Enquanto isso, o homem, completamente entrincheirado em seu jornal, demonstra ter chegado em casa do trabalho.

Ambos parecem separados. Os ombros da mulher estão ligeiramente afastados de seu ponto de interesse, o piano. Seus joelhos e pernas estão apontando para o homem, assim como seus ombros e cabeça todos voltados para a mesma direção. Ela parece estar interessada no piano, mas apenas superficialmente. Sua linguagem corporal a denuncia.

Hopper faleceu aos 84 anos, na cidade de New York, em 15 de maio de 1967.





Reunião 6

Eles não têm mais diálogo

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” quando não existe o diálogo nos relacionamentos conjugais, familiares e na convivência social.
- Entender o mal que os radicalismos e polarizações provocam e como destroem a capacidade para o diálogo e a fraternidade.
- Exercitar as virtudes da ESCUTA e do DIÁLOGO de Maria em sua sensibilidade humana.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o Papa Francisco lançou as bases da proposta para uma nova convivência social, convidando-nos todos a sonhar juntos um mundo diferente, com mais justiça e fraternidade.

O diálogo entre as pessoas de boa vontade é um dos pilares para o mundo alcançar a fraternidade, pois a vida é a arte do encontro com o outro.

Ao longo de sua Carta Encíclica, o Sucessor do Apóstolo Pedro nos apresenta as diferentes situações em que falta o diálogo, ou onde as pessoas não mais conseguem dialogar.

Por exemplo, quando as pessoas se sentam para escutar o outro, realidade característica de um encontro humano, o que acontece? Parece que vivemos em um mundo surdo, onde a velocidade do mundo moderno e o frenesi da vida nos impedem de escutar bem o que o outro diz. Às vezes, quando o outro está no meio do seu diálogo, já o interrompemos para replicar antes mesmo que ele tenha terminado de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta, diz o Papa. (FT, 48)

Outro fator que impede ou dificulta o diálogo entre as pessoas é a obsessão pelo acúmulo de informações, pela busca impaciente de notícias nas redes sociais, muitas vezes falsas. Isto faz com que nossas conversas girem sempre em torno das notícias mais recentes. Não se presta mais atenção prolongada e penetrante ao coração da vida, nem se reconhece o que é essencial para dar um sentido à existência. Assim, a liberdade transforma-se na ilusão que nos vendem os meios de comunicação, confundindo-se com a liberdade de navegar frente a um visor. O problema é que um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais, diz o Papa. (FT, 50, 200)

Outro fator que impede o diálogo e cria intolerâncias é a falta de respeito pelas várias culturas que foram construídas ao longo dos séculos, o que pode acabar transformando nosso mundo em vítima de uma esclerose cultural. Por isso, precisamos comunicar, descobrir as riquezas de cada cultura, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Diz o Papa:

“Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias.” (FT, 134)

E continua mais adiante:

“Tal como não há diálogo com o outro sem identidade pessoal, assim também não há abertura entre povos senão a partir do amor à terra, ao povo, aos próprios traços culturais.” (FT, 143)

Outro fator importante que impede a fraternidade universal e a ênfase no bem comum das políticas públicas é a falta de diálogo na política, de um diálogo interdisciplinar para abordar os vários aspectos

da crise que se vive atualmente, capaz de superar pressões e inércias viciosas, que não levam às transformações necessárias de nossa sociedade. (FT, 177-182)

O que o Papa Francisco defende é “o diálogo social para uma nova cultura”, um diálogo que se preocupa com o bem comum de todos.

Defende:

[...] “O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura econômica e a cultura da família, e a cultura dos meios de comunicação.” (FT, 199)

O Papa Francisco costuma descrever nossa sociedade como uma sociedade onde “os tons de voz estão muito levantados”, “onde se grita em casa e na rua” e onde existe uma “violência verbal na hora de se expressar”. A consequência disto é que “esta violência cresce e se transforma em violência mundial”, de modo que hoje “estamos em guerra”. Ele chama esta realidade de uma “terceira guerra mundial”.

Usando como exemplo os debates políticos que já acompanhamos em campanhas eleitorais, onde quem está falando não pode e nem consegue terminar sua frase, diz que “vemos nos jornais como as pessoas se insultam mutuamente”. E conclui: “Nunca a política esteve tão baixa” e que assim “se perde o sentido da construção social, da convivência social, porque a convivência social se constrói com o diálogo”.

Papa Francisco disse que é necessário “baixar o tom, falar menos e escutar mais” e que há muitos “remédios contra a violência, mas o primeiro remédio é que, antes de discutir, é preciso dialogar”. “As guerras não começam fora; começam em nosso coração. Quando não sou capaz de me abrir aos demais, de respeitar os outros, de falar com o próximo, lá começa a guerra.”¹

1. Papa Francisco. Discurso por ocasião da visita à Universidade “Roma Tre”, 17 de fevereiro de 2017, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170217_universita-romatre.html

Não podermos nos esquecer que a prática do diálogo conjugal (Dever de Sentar-se) em nosso Movimento é uma característica marcante de sua pedagogia, pois representa um instrumento importante para ajudar os casais a crescer no amor ao seu cônjuge, a Deus e aos outros no seu caminho para a santidade.

2.2. Seguindo os passos de Maria: escuta e diálogo

Das atitudes ou virtudes fundamentais de Maria reconhecidas pela Igreja, encontramos sua capacidade de escutar, acolher e meditar a Palavra de Deus em seu coração. Isto podemos ver ao longo de diversas narrativas bíblicas (cf. Lc 2,19.39.51b), a ponto de se dizer que Maria também cresceu na fé, em sabedoria, graça e “estatura” espiritual ao longo de sua vida.

Para Maria, não se trata apenas de ouvir, mas de escutar para poder realizar prontamente em sua vida aquilo que escuta da parte de Deus. Por ter escutado, realiza uma adesão incondicional à vida de seu filho Jesus tornando-se depois de Maria, também sua primeira discípula.

Não por outras razões, temos em Maria um exemplo de discipulado e de crescimento na fé após o seu “Sim” firme e confiante a Deus que lhe interpela pelo anjo Gabriel. Maria é, assim, a primeira dentre aquelas e aquelas que “ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

A condição do diálogo é a capacidade de escuta, porque escutar o outro exige disponibilidade, paciência e atenção. Só quem sabe estar em silêncio como Maria sabe escutar.

Como diz o Papa Francisco,²

“não se pode escutar falando: boca fechada. Escutar Deus, escutar o irmão e a irmã que precisa de ajuda, escutar um amigo, um familiar. O próprio Deus é o exemplo mais excelente de escuta: todas as vezes que rezamos, Ele nos escuta, sem pedir nada e até nos precede e toma a iniciativa, atendendo os nossos pedidos de ajuda. A capacidade de escuta, da qual Deus é modelo, encoraja-nos a abater os muros das incompreensões,

2. Papa Francisco. Discurso aos voluntários do “Telefono Amico Itália”. Sala Clementina, 11 de março de 2017, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170311_volontari-telefono-amico.html

a criar pontes de comunicação, superando o isolamento e o fechamento no nosso pequeno mundo. Alguém dizia: para fazer a paz no mundo faltam ouvidos, faltam pessoas que saibam escutar, e a partir dali, depois vem o diálogo.”

Maria também é para nós um exemplo de quem sabe escutar o outro e caminhar ao seu lado em suas necessidades, como ela fez com os apóstolos depois de Pentecostes. Escutar e dialogar são dons de Deus, que nos permitem ser interpelados e, ao mesmo tempo, humanizar as relações entre as pessoas e superar mal-entendidos.

O diálogo não só aproxima as pessoas, mas também os corações, pois é dialogando que se criam a amizade, o companheirismo, um amor verdadeiro, o apreço pela pessoa, no entanto, para dialogar, é preciso silenciar e escutar.

Para a nossa relação conjugal, vamos pedir a Maria para que não nos falte a capacidade do silêncio e da escuta diante do cônjuge, pois esta virtude é a manifestação mais simples de caridade em relação ao nosso cônjuge. A partir da escuta se concretiza diálogo que permite conhecer e compreender as necessidades e exigências recíprocas, a fim de acolher no coração a vontade de Deus e estar disponível para realizá-la.

2.3. A Palavra de Deus (Lc 1,26-38)

“Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela perturbou-se com essas palavras e pôs-se a pensar no que significaria a saudação. O anjo, então, disse: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim”.

Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, se não conheço homem algum?”. O anjo respondeu: “O Espírito

Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice; já está no sexto mês aquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível”. Então Maria disse: *“Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”*. E o anjo saiu da sua presença.”

Maria nos dá um perfeito exemplo de escuta e diálogo no momento da Anunciação. Ao contemplar a cena de Nazaré encontramos uma jovem em sua casa num dia normal de sua vida; de repente uma presença e uma saudação: *“Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”*.

Sabemos que a vinda do Messias era esperada pelo povo de Israel. Mas sabemos também que muitos grupos judaicos tinham expectativas diversas e em modo de uma chegada de maneira triunfal. Deus, ao contrário, escolhe o processo humano dialogal para assim fazer-se, desde o início, plenamente humano e em diálogo com a humanidade.

Maria, como era de se esperar de uma jovem, ficou perturbada, confusa, pensativa a respeito da saudação. Mas, de maneira madura, inicia um maravilhoso processo de escuta e diálogo. Em sua humildade, Maria sente-se pequena, mas percebe que o mensageiro de Deus tem algo muito importante para lhe transmitir. Ela deseja servir a Deus com todo o seu coração e com toda a sua alma, mas quer entender, quer tomar uma decisão consciente, livre, e num processo de diálogo encontra as condições necessárias para isso.

O diálogo saudável pressupõe serenidade e respeitosa liberdade. Maria pergunta, interroga o anjo: *“Como acontecerá isso?”*.

Ela quer explicações que só podem ser dadas na escuta e no diálogo. O Arcanjo a tranquiliza e oferece uma palavra esclarecedora do modo que se dará o acontecimento. Maria, que conhece bem as profecias messiânicas, dentro desse processo dialogal, compreende que será a Mãe do Messias. Não demora em dar sua resposta, seu “Sim”, aderindo plenamente à Vontade de Deus: *“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”*.

A postura de Maria tem muito a nos ensinar. Particularmente, quando vivemos em tempos de incompreensões, polarizações e intolerâncias.

Maria, Senhora da escuta e do diálogo,

“abre os nossos ouvidos; faz com que saibamos ouvir a Palavra do teu Filho Jesus, no meio das mil palavras deste mundo; faz com que saibamos ouvir a realidade em que vivemos, cada pessoa que encontramos, especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade.”³

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, o sexto capítulo é dedicado ao tema do diálogo e da amizade social. A primeira preocupação do Papa é definir o que entendemos ou devemos entender por diálogo, ou com o verbo “dialogar”:

“Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo ‘dialogar’.”

E continua o Papa:

“Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não é noticiado como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma discreta, mas além do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor.” (FT, 198)

O Papa sustenta que o diálogo não pode ser confundido com uma troca febril de opiniões nas redes sociais (FT, 200), e que a falta de diálogo acontece porque e quando ninguém está preocupado com o bem comum, mas em obter vantagens pessoais ou impor o seu próprio modo de pensar. (FT 202)

Deste modo, o diálogo precisa ser construído juntos.

3. Papa Francisco. Recitação do Rosário, 31 de maio de 2013, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130531_conclusioni-mese-mariano.html.

“O diálogo social autêntico inclui a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, admitindo a possibilidade de que nele contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem uma contribuição a fazer, e é desejável que aprofunde e exponha sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. [...] Com efeito, ‘em um verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria. Deste modo, torna-se possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contato e sobretudo trabalhar e lutar juntos’. O debate público, se verdadeiramente der espaço a todos e não manipular nem ocultar informações, é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos, exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cômodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados. Pensemos que ‘as diferenças são criativas, criam tensão e, na resolução de uma tensão, está o progresso da humanidade’.” (FT, 203)

“Em uma sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para reconhecer aquilo o que sempre deve ser afirmado e respeitado e que vai além do consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa ser enriquecido e esclarecido por razões, argumentos racionais, perspectivas variadas, contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas. Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social [...]” (FT, 211)

“‘A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida’. Já várias vezes convidei a desenvolver uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque ‘o todo é superior à parte. O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem

integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças. Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa: ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes.” (FT, 215)

Pe. Henri Caffarel

A Comunicação⁴

“O amor entre o homem e a mulher, esse amor que se expressa em felicidade, é reciprocidade, diálogo, troca, comunicação total. Isto também é muito novo para aqueles que estão vivendo um amor jovem. [...]

[...] A solidão lhes dizia no negativo o que o amor lhes ensina hoje no positivo: que a comunicação é a lei profunda do ser, que a pessoa humana é “relacional”. O homem só existe com uma existência verdadeiramente pessoal na medida em que existe para outro – no forte sentido que os filósofos contemporâneos dão a esta expressão: existe para... De agora em diante, todos o dizem: ‘Eu existo, agora eu existo para você!’

Comunicar, comunicar através do espírito, de espírito em espírito, é uma experiência prodigiosa. Mas o homem é espírito encarnado. Esta comunicação se dá através de órgãos. Um olhar, um sorriso, uma pressão das mãos, o dom do corpo, tudo se torna um meio de comunicação. Atitudes e gestos, como as palavras, são carregados de significado. Mas o espírito deve estar presente em todas essas atividades corporais, deve deslizar nelas para transfigurá-las, deve garantir que elas não degenerem em hábitos, automatismos ou, o que seria pior, não sejam mais a expressão do instinto corporal sozinho.

[...] Não é apenas nas horas em que é fácil e encantador colocar todas as coisas em comum que é necessário se comunicar, mas ao longo da vida. E se no início nada parecia mais fácil

4. CAFFAREL, Henri. Le Mariage, Route vers Dieu. *L'Anneau d'Or*, numéro spécial 117-118, Mai-Août 1964, p. 179-200, *La communication*.

– era como um alívio – muito rapidamente se toma consciência de que a comunicação exigida pelo amor vai muito além de um pensamento. É muito mais do que conjugar o verbo ‘amar’, do que trocar emoções, sentimentos, pensamentos fáceis; é o seu ser mais profundo, o seu eu íntimo que deve ser revelado, e para fazer isso, deve-se descobri-lo como ele é, com suas riquezas e suas misérias. E não é apenas nos momentos em que é delicioso receber, mas a cada momento, que devemos acolher a presença, as palavras, o presente de outro.

Sim, a comunicação, mesmo entre aqueles que se amam, é difícil, às vezes cruel. Mas sua crueldade é a do educador que obriga um ser a se superar a si mesmo, a entregar todas as suas virtualidades. Quem aceita se comunicar, emerge no ser. Aqueles que se recusam a fazer isso se condenam à asfixia. De fato, somente o amor pode realizar o milagre de fazer com que essas pessoas emparedadas se comuniquem, pois o pecado pelo qual Adão se isolou da Criação, isolando-se de Deus [...].”

2.5. Depoimento de um equipista

Neste depoimento vemos claramente que uma inicial falta de diálogo, criando dificuldades e sofrimento, pode ser superada pela abertura dos corações a um diálogo respeitoso e amoroso.

“Sou a mais velha de quatro filhas, e assim que tive idade suficiente ajudava meu pai enquanto ele consertava algo em nossa casa ou construía algo no jardim, do lado de fora de nossa casa. Eu gostava de trabalhar com ele. Aprendi muitas habilidades práticas, enquanto ele explicava o que estava fazendo, e eu o observava usando ferramentas para completar o trabalho.

Ele contava histórias sobre sua própria infância em outro país, e eu ficava maravilhada com o que ele sabia fazer. Nosso tempo juntos era especial, e eu sabia que minha ajuda era apreciada. De fato, sei que esta experiência me influenciou a seguir a carreira que assumi depois que saí da escola.

Em anos posteriores, minhas irmãs compartilharam o papel de ajudantes de papai. Fiquei menos interessada em ser sua ajudante porque estava preocupada com minhas próprias ideias e

atividades. Com efeito, eu tinha que passar muito mais tempo nos trabalhos da escola e depois nos estudos universitários.

Quando adolescente, eu estava desenvolvendo algumas ideias sobre como eu queria viver minha vida, que eram diferentes dos pontos de vista que eu pensava que meu pai tinha. Começamos a discutir, e parecia que não podíamos concordar com nada. Teimosamente nos agarrávamos a nossas opiniões diferentes sobre tudo e, ao fazê-lo, causávamos muito estresse e raiva desnecessários em nossa casa. Esta tensão se agravou ao ponto de eu não querer falar com meu pai, e eu certamente não ouviria se ele tentasse ser gentil e amoroso comigo.

Um primo me falou de um trabalho que eu poderia fazer em outra cidade. Isso me pareceu uma grande oportunidade e talvez um caminho para me tornar mais independente e mais madura. Minha mãe estava entusiasmada por mim, mas meu pai não queria que eu fosse. Eu podia ver que ele estava preocupado com minha segurança, mas eu queria que ele confiasse em mim e se sentisse confortável com minha mudança para outra cidade.

Percebi que precisava começar a ouvir suas preocupações e, em seguida, assegurar a ele que eu as respeitava. Tivemos várias conversas nas quais ambos ouvimos atentamente um ao outro e compartilhamos nossas esperanças e preocupações. Depois disso, ele ficou feliz por eu ter assumido o cargo, e confortado por saber que eu começaria a viver com minha prima e sua família.

No Evangelho de Lucas ouvimos falar da visita de Maria a sua prima Isabel antes do nascimento de seus bebês. A leitura me chama a atenção de que, sem ouvir, não pode haver diálogo. Isabel ouviu a saudação de Maria e ela respondeu com entusiasmo e amor dizendo: 'Abençoada seiais vós entre as mulheres e bendito seja o fruto de vosso ventre'.

A relação de Maria com Isabel, que é descrita nesta leitura, é um poderoso lembrete de que o diálogo verdadeiro e amoroso só pode ser alcançado se ouvirmos com um coração aberto e confiante.

Meu pai e eu aprendemos esta lição da maneira mais difícil. Nós sofremos sem necessidade em nossos corações e causamos transtornos desnecessários em nossa família, porque éramos teimosos demais para ouvir um ao outro e respeitar nossas diferentes visões.

Agradeço a Deus por termos aprendido a ouvir um ao outro e, ao fazê-lo, curar nosso relacionamento.”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

O diálogo é um dom gratuito que preserva as belas coisas que temos em comum com os outros. Ele nutre nossa capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz, pensa, faz. Neste sentido, podemos refletir a partir das seguintes questões:

- Existem barreiras dentro de nossa família que restringem um diálogo aberto e sincero entre o casal e com os filhos? Quais identificamos?
- Existem barreiras dentro de nossa equipe que ainda restringem um diálogo aberto, sincero e construtivo, que poderia promover melhor a entreeajuda e o crescimento espiritual e humano de todos? Quais identificamos?
- Numa sociedade dividida e polarizada, quais os desafios para ser testemunha da escuta e do diálogo seguindo o exemplo de Maria?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

“O diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer uma longa e diligente aprendizagem. Homens e mulheres, adultos e jovens têm maneiras diversas de se comunicar, usam linguagens diferentes, regem-se por códigos distintos. O modo de perguntar, a forma de responder, o tom usado, o momento escolhido e muitos outros fatores podem condicionar a comunicação. Além disso, é sempre necessário cultivar algumas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico.” (AL, 136)

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar:

- Conversem sobre como o diálogo os ajudou em situações de crise.
- Recordem momentos em que a ausência do diálogo foi danosa ao relacionamento de vocês.
- Reflitam sobre a qualidade do diálogo do casal.

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um

profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena ecclesia, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como vocês, individualmente e conjugalmente, foram encorajados a viver diferentes formas de escuta e de diálogo neste mês (Quais foram estas formas? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião: Lucas 1,26-38 (O anúncio do nascimento de Jesus).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês?

- Partilhe como os PCEs ajudaram a viver as virtudes da escuta e do diálogo a exemplo de Maria.

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém



O Menino de Colete Vermelho
Fundação Emil G. Burhrie, Zurique / Suíça

Paul Cézanne (1839-1906)

Cézanne nasceu na cidade francesa de Aix-en-Provence, e aos 10 anos de idade já tinha aulas de desenho, entretanto, por determinação de seu pai, um banqueiro, teve que entrar para a faculdade de Direito.

Ao se mudar para Paris em 1861, encorajado por seu amigo Émile Zola, inscreveu-se na Escola de Belas Artes. Contudo, não foi aceito e por isso retornou à sua cidade natal. Ali permaneceu somente um ano, pois decidiu voltar a Paris. Candidatou-se para a *Académie Suisse*, decidido a ser pintor, onde conheceu diversos artistas do movimento impressionista: Renoir, Monet e Pissarro.

Sua postura de rejeição aos padrões acadêmicos da época não era demonstrada em seus primeiros trabalhos, pintando telas com escuros românticos e muitas vezes usando espátula que resultava em espessas camadas de cores sobrepostas, logo tornando-se o pintor que muitos consideram um pioneiro das pinceladas abertas, característica marcante da Arte Moderna na pintura. É visto como um gênio por colocar na tela o que realmente os seus olhos veem na natureza.

Cézanne pintou quatro retratos a óleo do *Jovem de Colete Vermelho*, aqui representado ao lado. Todos em diferentes poses, sendo este o mais famoso dos quatro que retrata o menino em uma pose sentado, melancólico, com o cotovelo sobre uma mesa e a cabeça apoiada na mão, sugerindo um sentimento de solidão e ausência de alguém. É considerada a pintura mais valiosa de toda a coleção do pintor.



Reunião 7

Eles não têm mais companhia

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” para aqueles que vivem ou se sentem sós.
- Entender a diferença entre solidão e solitude.
- Exercitar a virtude da SERENIDADE de Maria diante da Paixão de Cristo e da Cruz.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

“Estar só” e “se sentir só” são coisas bem diferentes. Em alguns idiomas existem até palavras diferentes para expressar os sentimentos destas duas experiências.

- “Estar só” descreve uma ação deliberada e consciente para viver uma experiência positiva em vista de uma compreensão de si e ou de alguma realidade ou mesmo de busca de um tipo de encontro mais profundo. Por exemplo, buscar o silêncio, refletir, meditar ou rezar. É o que, em algumas culturas latinas, recebe o nome de “solitude”.
- “Se sentir só” descreve emoções negativas de estar sozinho devido ao isolamento e à separação, se apresentando como uma “angústia da alma”. É o verdadeiro significado da palavra “solidão”.

A partir dessas ideias podemos perceber que é possível estar só sem que, necessariamente, sintamos solidão. Buscar a solitude pode ser um exercício importante em nossa caminhada espiritual e para nosso equilíbrio emocional mesmo vivendo em casal e em família.

Jesus compreendia bem o valor de passar o tempo em solitude para a contemplação silenciosa. A Escritura é rica nestes exemplos:

- “Bem cedo, levantando-se antes do amanhecer, Jesus saiu e foi a um lugar deserto e lá ficou em oração” (Mc 1,35).
- “Tendo ouvido isso, Jesus retirou-se dali e foi, de barco, a um lugar deserto, à parte” (Mt 14,13).
- “Jesus foi à montanha para orar, e passou a noite em oração a Deus” (Lc 6,12).

Ao mesmo tempo, percebemos que podemos estar cercados de pessoas ou superconectados pelas redes sociais e, ainda assim, sentirmos uma solidão profunda, por ausência de verdadeiras relações humanas.

“Uma das pobrezaas mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão. Vistas bem as coisas, as outras pobrezaas, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. As pobrezaas frequentemente nascem da recusa do amor de Deus, de uma originária e trágica reclusão do homem em si próprio, que pensa que se basta a si mesmo ou então que é só um fato insignificante e passageiro, um ‘estrangeiro’ num universo formado por acaso. O homem aliena-se quando fica sozinho ou se afasta da realidade, quando renuncia a pensar e a crer num fundamento. A humanidade inteira aliena-se quando se entrega a projetos unicamente humanos, a ideologias e a falsas utopias. A humanidade aparece, hoje, muito mais interativa do que no passado: esta maior proximidade deve transformar-se em verdadeira comunhão. O desenvolvimento dos povos depende sobretudo do reconhecimento que são uma só família, a qual colabora em verdadeira

comunhão e é formada por sujeitos que não se limitam a viver uns ao lado dos outros.”¹

Santa Teresa de Calcutá, a partir de sua experiência de ajudar os pobres, famintos e doentes nas ruas da Índia, que foram abandonados e não tinham família, percebeu que o maior sofrimento do ser humano é estar sozinho, sentir-se abandonado, mal-amado ou não ter ninguém. *“Há uma fome terrível por amor.”*²

Considere como Jesus se sentiu sozinho durante a sua agonia no Jardim do Getsêmani e quando Pedro o negou três vezes. Imagine os sentimentos de solidão que o fizeram gritar: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Na cruz, Jesus *“prova os nossos piores estados de ânimo: o falimento, a rejeição geral, a traição do amigo e até o abandono de Deus. Experimenta na sua carne as nossas contradições mais dilacerantes e, assim, as redime e transforma”*.³

O distanciamento social decorrente da pandemia da Covid-19 causou e continua causando a experiência da solidão em muitos países. Pessoas que antes, talvez, nunca tivessem conhecido a solidão, experimentaram repentinamente a desconexão da família, dos amigos e da sua comunidade paroquial. A tecnologia tornou-se a forma de nos ligarmos aos outros. Em muitos lugares, até a participação na Missa só era possível on-line. O isolamento social, embora cientificamente recomendado em dado momento, mostrou também seus efeitos negativos sobre a saúde das pessoas.

Mas não se pode deixar de reconhecer que foi também um tempo para refletir sobre coisas que realmente importam na nossa vida. Muitos acharam uma oportunidade valiosa para desacelerar e concentrar-se mais na sua vida espiritual, através da contemplação e do

1. Papa Bento XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade, n. 53, disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html
2. Santa Madre Tereza de Calcutá. **A Call to Mercy: Hearts to Love, Hands to Serve**. Image, 2016.
3. Papa Francisco. Celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, Basílica de São Pedro, 28 de março de 2021, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210328_omelia-palme.html

silêncio, como forma de repousar na presença de Deus e de escutar com o coração. Encontraram a solidão e não solidão.

Pertencer às Equipes de Nossa Senhora dá-nos a oportunidade de evitar a solidão e ensina-nos também a abraçar a solidão. Oferece-nos uma comunidade de pessoas que partilham as nossas alegrias e as nossas lutas, que partilham a mesma busca. A equipe se torna como uma família para nós. Como qualquer família, precisamos ser sensíveis às necessidades de outros membros de nossa equipe. Como família no seio da Igreja, também precisamos lançar nosso olhar sobre os que sofrem de solidão ao nosso redor e oferecer nossa solidariedade e serviço.

2.2. Seguindo os passos de Maria: serenidade

Hoje, podemos aprender muito com o exemplo de Maria. Como ela, precisamos de períodos de solidão para compreender o mistério da mensagem de Deus em nossas vidas, mas também somos seres sociais que anseiam pela comunhão com os outros.

Maria também sabia o que era sentir-se sozinha. Consideremos os seus sentimentos no momento da Anunciação, quando ela tentou compreender a mensagem do anjo; ou quando ela e José perderam Jesus por três dias antes de encontrá-lo no Templo. Consideremos, especialmente, os seus sentimentos quando ela estava aos pés da Cruz, e recebe como filho o apóstolo João.

Contemplemos a serenidade que Nossa Senhora conserva diante da cruz. Sofria muito e as lágrimas lhe saíam dos olhos. Uma espada lhe transpassava a alma. Mas ela permaneceu senhora dessa tristeza, permaneceu plenamente ordenada a Deus, permaneceu serena. E isso fica bem claro, pois Nossa Senhora ficou de pé diante da cruz.

Aqueles de nós que conhecem a dor e a solidão de perder um filho, um cônjuge ou pais, ou mesmo um filho que cresceu e saiu de casa, devem ser consolados pelo exemplo de Maria.

Certamente, esta serenidade na solidão havia sido construída nos seus momentos de solidão. A Escritura nos mostra que Maria se fortaleceu através da contemplação silenciosa. Embora ela nem sempre entendesse claramente o plano de Deus, ela refletia sobre essas

coisas, enquanto esperava pacientemente que o plano de Deus fosse revelado, ela “guardava tudo em seu coração” (Lc 2,18-19; 51-52).

Rezemos à Virgem Serena para que nos alcance essa mansidão de alma em meio a todos os acontecimentos, tristezas e dificuldades da vida. Que sejamos orientados para Deus. Que nossas emoções sejam ordenadas conforme a razão e a fé, para nos ajudar na nossa santificação como casais e famílias. Que possamos alcançar a serenidade de Nossa Mãe Santíssima e aprender a “guardar no coração” o que Deus nos apresenta.

2.3. A Palavra de Deus (João 19, 25-30)

“Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’ Depois disse ao discípulo: *‘Eis tua mãe!’* A partir daquela hora, o discípulo a acolheu em sua casa. Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para que se cumprisse a Escritura, disse: ‘Tenho sede!’ Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Fixaram uma esponja embebida em vinagre num ramo de hisopo e a levaram à sua boca. Depois que tomou o vinagre, ele disse: ‘Está consumado’. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.”

Talvez estejamos diante de uma das cenas mais meditadas e contempladas da Sagrada Escritura. Nossa Senhora do Calvário manifesta uma das experiências mais profundas e inquietantes do ser humano: a impotência diante da morte.

Maria agora é uma mulher madura, bem diferente da jovem inexperiente de Nazaré, que ouviu o anúncio do anjo três décadas antes. Mesmo assim não deve ter sido fácil aceitar os braços de João, o discípulo amado, e não mais os do seu Filho; presenciar ser negado a Ele um pouco de água, que amenizaria os seus últimos sofrimentos e, por fim, assisti-lo inclinar a cabeça e balbuciar “tudo está consumado!”.

Aquele que Maria acolheu no seu ventre em Nazaré, que trouxe ao mundo na estrebaria de Belém, que aconchegou na manjedoura, que apertou junto ao peito na fuga para o Egito. Agora não pode ser nem acariciado no alto da cruz. Como enfrentar uma situação tão terrível? É possível algo fora do desespero?

Maria nos ensina que podemos enfrentá-la com serenidade, a partir de uma profunda intimidade com Deus. Ela permanece ali, de pé, junto à cruz, até a hora que desceram o corpo de seu Filho morto e o entregaram aos seus braços. Serena, ela o acolhe. Nem uma palavra nas Sagradas Escrituras aparece para expressar descontrole. No futuro a encontraremos caminhando com os discípulos, saudosa, mas serena.

São inúmeras as pessoas que passam pela mesma experiência. São inúmeros os cônjuges que depois de uma longa vida conjugal encontram-se sozinhos. Alguns surpreendidos por um acontecimento inusitado e repentino, outros desgastados após acompanhar uma longa enfermidade, mas todos marcados por um sentimento de impotência diante da finitude da vida que parece não ter sentido sem a pessoa amada ao seu lado. Pais que, contra a lógica da natureza, enterraram seus filhos, amigos que se separaram por doenças e acidentes inesperados, avós que os anos bem ou mal vividos naturalmente conduziram ao fim da caminhada na terra... Quanta dor!

Maria nos ensina a não negar a dor, a não desesperar, a não sermos insensíveis diante daquilo que só Deus poderá explicar.

Que a Senhora da serenidade nos ajude a encontrar essa virtude, principalmente no momento em que mais precisarmos dela, e assim continuar conduzindo nossa vida na direção do Pai.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

O Papa Francisco explora o sentido da família em diferentes contextos. Ele discute a pertença à unidade familiar, uma “família de famílias” na Igreja, e depois a família humana inteira.

[...] “Ninguém pode enfrentar a vida isolado ...); precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. [...] Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.” (FT, 8)

[...] “Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque ‘a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos’. Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência.” (FT, 12)

“A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria.” (EG, 1)

[...] “É verdade que muitas vezes somos sujeitos a dura prova, mas não deve jamais esmorecer a certeza de que o Senhor nos ama. A sua misericórdia expressa-se também na proximidade, no carinho e no apoio que muitos irmãos e irmãs podem oferecer quando sobrevêm os dias da tristeza e da aflição. Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que rompe o círculo de solidão onde muitas vezes se fica encerrado. (...)

Às vezes, poderá ser de grande ajuda também o silêncio; porque em certas ocasiões não há palavras para responder às perguntas de quem sofre. Mas, à falta da palavra, pode suprir a compaixão de quem está presente, próximo, ama e estende a mão. Não é verdade que o silêncio seja um ato de rendição; pelo contrário, é um momento de força e de amor. O próprio silêncio pertence à nossa linguagem de consolação, porque se transforma em um gesto concreto de partilha e participação no sofrimento do irmão.”⁴

Pe. Henri Caffarel

Para o Padre Caffarel, a oração é um tempo muito especial de encontro com Deus, especialmente a oração contemplativa. Ele nunca

4. Papa Francisco. Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*, no término do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, n. 13, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html

deixou de ensinar os outros a rezar e nem deixou de transmitir-lhes o que ele mesmo experimentou.

“Este Deus dentro de você não é um Deus silencioso: ele fala, mas para ouvi-lo você deve estar quieto. [...] Estar quieto é difícil em nosso mundo terrivelmente barulhento. [...] Ele conduz uma canção e dança agitada que perturba nossa oração. No entanto, o silêncio interior é possível. Para consegui-lo, é preciso treinar-se com paciência e gentileza... A escuta exige uma certa qualidade de silêncio, ou seja, o recolhimento. É uma atenção que está totalmente desperta, pronta para detectar a voz interior.”⁵

“Para o homem, é grande aflição poderem as pessoas queridas estar ausentes, desaparecer. Deus, ao contrário, está presente sempre e em toda a parte, livrando-nos definitivamente da solidão, caso o saibamos encontrar. Como Cristo, deveríamos poder afirmar: “Eu nunca estou só” (Jo 8,16-29; 16,32). Sempre temos a certeza de encontrá-lo aqui, dentro de nós e em qualquer lugar, a qualquer momento.”⁶

“Toda a vida familiar será animada por este impulso sacerdotal de que vos ocupais. Os trabalhos e os dias serão dominados pelo pensamento de Deus que é preciso honrar. [...] Todos os acontecimentos devem ser vividos sob esta ótica de louvor: os trabalhos, as refeições, o lazer, o repouso; e também estes ‘grandes momentos’ que são a expectativa e a espera de um filho e o seu nascimento, o casamento, a doença e a morte”.⁷

Estas palavras do Pe. Caffarel foram dirigidas às viúvas, mas todos podem encontrar ajuda nelas quando experimentam a dor da perda de uma pessoa querida:

“Não ignoro a profundidade do sacrifício que vos foi pedido, nem a vossa solidão, nem a vossa vida difícil, sobrecarregada de

5. CAFFAREL, Henri. *L'Anneau d'Or*, maio-agosto de 1957.

6. CAFFAREL, Henri. *Novas Cartas sobre a Oração*. “Na presença do Deus presente”, p. 12. Editora Loyola, 1980.

7. CAFFAREL, Henri. *Espiritualidade Conjugal: uma Palavra Suspeita*. “O sacerdócio do lar”, p. 119-121. Princia Editora, 2009.

trabalhos e cuidados. Mas é justamente por isso que não hesito em vos dizer: não permaneçais mergulhadas na dor, vós, cujo coração foi tão terrivelmente atingido. Abandonai, se ainda não o fizestes, o manto da tristeza. Deixai surgir em vós a alegria de Cristo!”⁸

2.5. Depoimento de um equipista

Este depoimento nos mostra a importância do apoio de outras pessoas em momento de doença e dificuldade, mas tendo a oração como condição para se sentir em paz e em segurança.

“A minha mulher foi diagnosticada com um câncer em junho de 2020. Estávamos casados e felizes há quase 50 anos e, até aquele momento, ambos gozávamos de boa saúde.

Lembro-me de a levar ao hospital na manhã da cirurgia e do momento difícil em que tive de a deixar na recepção, porque as regras devido à Covid não me permitiram ir mais além. O último abraço e fingir ser corajoso foram um teste. Eu me senti perdido e sozinho.

Retirei-me para a solidão do meu carro no estacionamento. Descobri que não conseguia rezar e, então, coloquei para tocar um CD do Rosário. Embora eu não conseguisse me concentrar nas palavras e temas do Terço, fui abençoado com uma sensação de paz e calma. As quatro horas passaram muito mais depressa do que eu esperava e admito que, por vezes, me deixei levar por um sono leve.

Quando me avisaram que podia ir à Unidade de Cuidados Intensivos para ver brevemente a minha mulher, fiquei espantado por encontrá-la acordada e sem dor e por admitir que ela se sentia segura e em paz. Que alívio!

Ela também me contou como ficou espantada com a calma que tinha sentido quando tive de deixá-la naquela manhã. Ela sentiu-se apoiada por tantas orações da nossa família e dos nossos amigos especiais nas equipas.

8. CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. “Eles são vencedores”, p. 164-166. Editora Loyola, 1980.

A semana seguinte foi lenta enquanto esperávamos pelos resultados da patologia. Quando os recebemos, juntamente com um comentário do cirurgião de que os resultados eram excelentes, ficamos muito aliviados e encorajados.

Esta experiência nos confirmou que não estamos sozinhos. No estacionamento, eu vivi a solidão – mas não o isolamento –, a sensação de solidão e de contemplação.

Somos muito gratos a Deus, à nossa família e aos amigos por nos apoiarem durante esta jornada, que de outra forma teria sido solitária.”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

- A solidão do envelhecimento é uma realidade presente em muitas vidas. Vocês a estão enfrentando de algum modo? Vocês vislumbram esta possibilidade no futuro? Quais são os seus sentimentos sobre isso? O que podem fazer para atenuar esta dificuldade?
- “É preciso não fugir da Cruz, mas permanecer lá, como fez a Virgem Mãe que, sofrendo juntamente com Jesus, recebeu a graça de esperar para além de toda a esperança” (Rm 4,18)⁹. Como esta palavra nos interpela?
- Na dinâmica da vida, experimentamos o desejo de estar sós (individualmente, conjugalmente e em família) em algumas situações e, também, de conviver com as outras pessoas. Como vocês equilibram estas duas necessidades?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

“Ter gestos de solicitude pelo outro e demonstrações de carinho. O amor supera as piores barreiras. Quando se pode amar alguém ou quando nos sentimos amados por essa pessoa, conseguimos entender melhor o que ela quer exprimir e fazer-nos compreender.” [...] (AL, 140)

9. Papa Francisco. Homilia na Santa Missa e Canonização dos Beatos Estanislau de Jesus Maria e Maria Elizabeth Hesselblad, em 5 de junho de 2016, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160605_omelia-canonizzazioni.html

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, reflitam como vocês têm vivenciado os momentos de solidão em sua vida conjugal.

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Comecemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito de irmãos.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém!

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena ecclesia, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a

valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipem as experiências nas quais sentiram a solidão como indivíduo, como casal ou como família.

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião: João 19,25-30.

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês?

- A vivência dos Pontos Concretos de Esforço os ajuda a desenvolver a serenidade diante das situações adversas, de sofrimento e de solidão?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito. Amém



A Ponte de Waterloo – Tempo Cinzento
Art Institute of Chicago

Oscar-Claude Monet (1840-1926)

Oscar-Claude Monet foi um pintor francês considerado um dos mais importantes pintores da escola Impressionista, termo que surgiu durante uma exposição realizada em 1874, no estúdio do fotógrafo parisiense Félix Nadar, onde um grupo de pintores partilhavam algumas técnicas, sendo uma delas muito criticada por retratar a “impressão” de uma cena e não a realidade. O título da obra, *Impressões, Nascer do Sol*, deu origem à Escola Impressionista.

Nascido em Paris, filho de um modesto comerciante, quando tinha cinco anos mudou-se com a família para Saint-Adresse, próximo ao porto de Le Havre, na Normandia. Monet desejava muito ser pintor, ao contrário de seu pai que o queria cuidando do comércio da família.

O interesse de Monet pela luz e pela cor surgiu nas gravuras japonesas de Hokusai e na pintura de Eugène Boudin, que o incentivou a praticar a pintura ao ar livre e se tornar um pintor paisagista, pouco comum na época.

Apesar do sucesso de algumas obras, Monet vivia em dificuldade financeira. Em 1874 voltou para Argenteuil, quando recebeu ajuda de Pissarro. Em uma casa alugada, ele pintou flores plantadas por ele, retratos dos amigos. Recebia visita de vários pintores e essa época foi o período mais fértil do Impressionismo. Em 1883, Monet mudou-se para Giverny a noroeste de Paris próximo ao rio Sena, onde construiu um magnífico jardim com lagos e plantas aquáticas, local que serviu de inspiração para belas pinturas, entre elas *O Jardim de Giverny*:

Uma série de pinturas impressionistas de Monet sobre Londres evidencia, segundo cientistas britânicos, que o artista, que fez três viagens à capital britânica, pintou vários quadros cujas cenas estão envoltas em névoa, o que já pode revelar um nível de poluição da cidade no início do século XX. A obra aqui representada é bem característica, com a observação dos cientistas especialmente pelas chaminés das fábricas, dispostas ao lado do rio e vistas por cima da ponte.





Reunião 8

Eles não têm mais respeito à Criação

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Conhecer o que significa a “falta de vinho” quando não existe a responsabilidade de todos no cuidado com a Casa Comum.
- Entender que a espiritualidade deve nos guiar no caminho de cuidar e cultivar a terra na perspectiva de Gênesis 1.
- Exercitar a virtude da PERSEVERANÇA de Maria na defesa da vida em todas as suas manifestações e situações em que é ameaçada.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da Casa Comum, o Papa Francisco apresenta alguns eixos que perpassam a encíclica inteira. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo; a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida. (LS, 16)

O Papa afirma que tudo está interligado ou conectado e que, portanto, o ser humano não está dissociado da Terra ou da natureza (“nós

mesmos somos terra”, conforme Gn 2,7); todos são partes de um mesmo todo. Destruir a natureza equivale a destruir o homem, de modo que não é possível falar em proteção ambiental sem que esta envolva também a proteção ao ser humano, em especial os mais pobres e vulneráveis.

É muito oportuno recordar o que o Papa diz a partir do livro do Gênesis:

“As narrações da criação no livro do Gênesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a Criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu também a natureza do mandato de ‘dominar’ a terra e de a ‘cultivar e guardar’. Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito [...]” (LS, 66)

Para o Papa, “*dominar a terra*” não é favorecer uma exploração selvagem, dominadora e destruidora. “Cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno. “Guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar, em uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Destruir a ordem natural repercute sobre todos os seres vivos e todos, conseqüentemente, sofrem as conseqüências. (LS, 67)

O Papa Francisco faz um grande apelo: esta terra clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. (LS, 2)

O ser humano está correndo o risco de destruir a natureza criada por Deus e de se destruir, por estilos de vida, de produção e de consumo que degradam o ambiente humano e natural.

Falando dos pecados contra a Criação, afirma o Papa:

“Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na Criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas úmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado. Porque um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus.” (LS, 8)

Por isso, temos de agir. Podemos sentir como se os nossos esforços solitários conseguissem pouco. No entanto, se agirmos todos juntos, e mudarmos como vivemos numa miríade de pequenas maneiras, podemos fazer a diferença. E podemos responsabilizar aqueles que nos representam – por meio dos nossos votos e pelas nossas vozes erguidas.

Nos recordemos que o Tema de Estudo anterior (2022) teve como pano de fundo a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, onde pudemos aprofundar nossa admiração e responsabilidade com o cuidado da Casa Comum.

Nesta reunião, o desafio é aprender com Maria como ser terra fértil, onde possam brotar muitos e bons frutos do amor de Deus. Como nos diz o Papa Francisco:

“Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida.” (EG, 286)

Maria, no canto do *Magnificat*, elevou um clamor ao Pai, que ainda hoje precisa ser dirigido por cada um de nós, para que todas as pessoas despertem para um verdadeiro e real compromisso com a Criação de Deus, com a vida e a dignidade do ser humano e de toda a Criação. É importante destacar que esse compromisso e missão é de todos nós.

2.2. Seguindo os passos de Maria: defensora da vida

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), do Concílio Vaticano II, afirma que a maternidade de Maria “na economia da graça” perdura

ininterruptamente, mesmo depois de sua Assunção aos céus. Assim, diz o Sagrado Concílio, por

“sua maternal caridade, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz pátria. Por isso, a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro, Medianeira.”¹

Isto nos dá a certeza de que Maria se preocupa com cada um de nós e cuida de cada um de seus filhos. Ela não quer que qualquer de seus filhos fique sem o vinho da vida, da dignidade humana, da educação de qualidade, da saúde, do emprego, da alimentação, do diálogo...

Ela se preocupa especialmente por aqueles desamparados, marginalizados, nossos irmãos mais pobres, aqueles que estão nas periferias existenciais, pois “no coração de Deus ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo “se fez pobre” (2Cor 8,9)”. (EG, 197)

Maria, como Mãe e defensora da vida e de toda Criação, conhece o coração e as necessidades de seus filhos e, por isso, ela é auxílio eficaz, em quem podemos confiar, pois simultaneamente ela intercede e aproxima de Cristo todos aqueles que a ela se confiam.

São João Paulo II, em uma de seus discursos, afirma que:²

“[...] à medida que com a graça do batismo se multiplicam em toda a parte os filhos da adoção divina, aparece também a mãe. Com efeito, a ti, Maria, o Filho de Deus e ao mesmo tempo filho teu, do alto da cruz indicou um homem e disse: “*Eis aí teu Filho*” (Jo 19,26). Naquele homem te confiou a cada homem, te confiou a todos. E tu, que no momento da anunciação,

1. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 62, disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html
2. Papa João Paulo II. Homilia pronunciada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, da Cidade do México, durante a Solene Concelebração com os participantes da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano reunido em Puebla, 27 de janeiro de 1979, disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790127_messico-guadalupe.html

nestas simples palavras: *“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1,38), concentraste todo o programa de tua vida, abraças a todos, te aproximas de todos, buscas maternalmente a todos. Deste modo se cumpre o que o último Concílio declarou a respeito de tua presença no mistério de Cristo e da Igreja. Perseveras de modo admirável no mistério de Cristo, teu Filho Unigênito, porque estás sempre onde estiverem os homens seus irmãos, onde está a Igreja.”

O olhar cristão sobre a vida e a Criação permite perceber seu valor transcendente, razão pela qual o grande amor de Deus “ autor e dono da vida – confere a cada homem e mulher uma dignidade infinita. Por isso o Pai Eterno nos deu também uma Mãe: a Mãe de seu próprio Filho. Nos concedeu uma Mãe que cuidasse de cada um de seus filhos com amor e carinho à altura do valor e da dignidade que temos para Ele.

Temos muitos exemplos e testemunhos de que Maria continua seu trabalho maternal de ouvir os apelos, as dores, as alegrias e as preocupações de todo o povo, e seu olhar materno, cheio de ternura e misericórdia, continua sendo dirigido principalmente aos mais sofridos, sendo uma presença amorosa e carinhosa.

Para nós das Equipes de Nossa Senhora, e para todos aqueles que trabalham em defesa da vida em todos seus aspectos, desde a fecundação até a morte natural, Maria é a inspiradora e a intercessora necessária. É a Mãe sempre atenta e atuante que nos convida a segui-la no exemplo de uma luta constante para defender a vida humana, e hoje, mais do que nunca, toda a Criação em nossa Casa Comum, que também continua sendo ameaçada de tantas formas diferentes.

2.3. A Palavra de Deus: Apocalipse 12,1-4

“Então apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dor, atormentada pelo trabalho do parto. Então apareceu outro sinal no céu: um grande dragão cor de fogo. Tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas. Sua cauda varreu a terça parte das estrelas do céu, atirando-as sobre a terra. O

dragão ficou parado diante da mulher que estava para dar à luz, pronto para devorar seu filho, logo que ela o desse à luz.”

O livro do Apocalipse desperta em muitas pessoas sentimentos de pavor e medo. Na verdade, essa é uma percepção completamente oposta da intenção do autor sagrado. Na passagem que estamos contemplando, encontramos um exemplo claro do caráter consolador, e não desesperador, do último livro da Sagrada Escritura.

Maria aparece aqui poderosa, vitoriosa. Vestida de sol e com a lua debaixo dos pés, pois ela é a Senhora de toda a Criação. Rainha do céu, ela está dignamente coroada de estrelas e reina soberana ao lado de seu filho Jesus. De lá ela intercede por nós junto a Ele. Da mesma maneira que gerou e cuidou do menino, ela cuida de toda a Criação.

O cuidado intercessor de Maria é essencial. A existência de um outro sinal narrado na passagem nos ajuda a entender essa importância.

A figura monstruosa do dragão cor de fogo com várias cabeças e chifres, que varre parte da terra com sua cauda, não é um animal mítico ou um personagem de desenhos infantis. O dragão é o mal que buscou tomar, dos braços de Maria, o menino Deus, e que hoje continua buscando destruir toda a sua obra.

O dragão continua aparecendo na ganância dos povos, no desrespeito ao meio ambiente, na falta de fraternidade, na fome, nas guerras, no desprezo com a vida humana ainda no ventre materno.

Recorrer a quem? A Maria, pois justamente ela, pela Graça e o auxílio Divino, vence o dragão.

Papa Francisco, na *Laudato Si'*, chama Nossa Senhora de “A Rainha de toda a Criação”. Diz ele:

“Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher ‘vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça’. Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a Criação.

No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da Criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que 'guardava' cuidadosamente, mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio." (LS, 241)

Que Nossa Senhora nos ensine a termos mais respeito com a obra da Criação.

2.4. Textos para reflexão

Papa Francisco

"Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos nos constituir como um 'nós' que habita a Casa Comum. Um tal cuidado não interessa aos poderes econômicos que necessitam de um ganho rápido. Frequentemente as vozes que se levantam em defesa do meio ambiente são silenciadas ou ridicularizadas, disfarçando de racionalidade o que não passa de interesses particulares. Nessa cultura que estamos desenvolvendo, vazia, fixada no imediato e sem um projeto comum, 'é possível que, perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações'." (FT, 17)

"Quando falamos em cuidar da Casa Comum, que é o planeta, fazemos apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas. De fato, se alguém tem água de sobra, mas poupa-a pensando na humanidade, é porque atingiu um nível moral que Lhe permite transcender-se a si mesmo e ao seu grupo de pertença. Isto é maravilhosamente humano! Requer-se esse mesmo comportamento para reconhecer os direitos de todo o ser humano, incluindo os nascidos fora das nossas próprias fronteiras." (FT, 117)

"O desenvolvimento não deve orientar-se para a acumulação sempre maior de poucos, mas há de assegurar 'os direitos

humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos'. O direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres; nem acima do respeito pelo ambiente, pois 'quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos'." (FT, 122)

"Dado que as condições para a proliferação de guerras estão sendo criadas novamente, lembro que 'a guerra é a negação de todos os direitos e uma agressão dramática ao meio ambiente. Se queremos um desenvolvimento humano integral autêntico para todos, é preciso continuar incansavelmente no esforço de evitar a guerra entre as nações e os povos. [...] A Carta das Nações Unidas, respeitada e aplicada com transparência e sinceridade, é um ponto de referência obrigatório de justiça e um veículo de paz. Mas isso pressupõe não disfarçar intenções ilícitas nem colocar os interesses particulares de um país ou grupo acima do bem comum mundial. Se a norma é considerada um instrumento que se usa quando resulta favorável e a ser evitada quando não o é, desencadeiam-se forças incontroláveis que prejudicam gravemente as sociedades, os mais frágeis, a fraternidade, o meio ambiente e os bens culturais, com prejuízos irrecuperáveis para a comunidade global.'" (FT, 257)

Pe. Henri Caffarel

Sociedade de consumo³

"Analisemos sumariamente a situação da humanidade que, para simplificar, dividirei em países ricos e países pobres.

Consideremos primeiro os 'países ricos'. A fim de assegurarem a sua própria prosperidade presente e futura, e a sua segurança, que eles sabem que é precária, têm eles gigantescas necessidades financeiras. Apostam, conseqüentemente, num crescimento acelerado e indefinido da produção, e, portanto, num correspondente aumento do consumo. A expressão 'sociedade de consumo' exprime bem a realidade. Produzir sempre mais,

3. CAFFAREL, Henri. **5 Encontros sobre a Oração Interior**, Quinto Encontro, "Rezar ou perecer – sociedade de consumo", p. 88-90. Editora Loyola, 1991.

consumir sempre mais, é a implacável lei a que se escravizaram os países ricos. No fim do ano cada país proclama como um título de glória: a produção aumentou em 5, 10, 15%. E se, ao invés, se verifica uma recessão, é logo o pesadelo, a maldição, o pânico que os governos se aplicam alternadamente a adormentar ou a excitar, conforme os interesses do momento.

E como é preciso sobretudo que os múltiplos apetites dos consumidores não percam a sua avidez, diligenciam os 'países ricos' por mobilizar a mídia e a publicidade, cuidadosamente combinados, a fim de entreter e exacerbar os apetites dos consumidores. Ao mesmo tempo em que os governos pregam a austeridade para tranquilizarem a consciência a baixo custo. E, de fato, a bulimia dos consumidores não cessa de crescer: 'um efeito de alçaprema' se produz: a roda só gira num sentido.

Mas a produção supõe recursos naturais. Por isso os "países ricos" empreenderam a exploração do planeta. Seria mais justo dizer: saquearam o planeta. Lançaram-se na aventura como se os recursos naturais fossem inesgotáveis. E eis que desde há pouco descobrem que o petróleo, os minerais preciosos se esgotam, que a própria água potável arrisca-se a faltar, e entram em pânico à ideia de um racionamento das matérias-primas que lhes comprometeria a produção. Adivinha-se sem dificuldade que eles procuram os meios de se apoderarem desses recursos naturais de que têm uma necessidade vital: e estronda a ameaça de guerra.

De sua parte os 'países pobres' tornam-se conscientes de que as suas riquezas naturais ensejaram aos 'países ricos' um extraordinário acréscimo de seu nível de vida, enquanto eles permaneceram, não raro, numa extrema miséria e nela se mantêm cada vez mais se nada mudar. Revoltam-se. Estrondeia a cólera. E eis que se desenha no horizonte o grande confronto entre as duas metades da humanidade. Duas metades, não: um quarto e três quartos. É de notar que se a população do globo cresce a um ritmo alucinante (em 35 anos terá duplicado, passado de três a seis bilhões de homens), é quase que unicamente nos países subdesenvolvidos. As grandes invasões da

história eram coisa de somenos perto do desencadear de multidões famintas que ameaçam submergir os países ricos [...].”

2.5. Depoimento de um equipista

O depoimento nos mostra a importância de ter “hábitos virtuosos” como estilo de vida, e a necessidade de se engajar em movimentos sociais que se ocupam com o cuidado de nossa Casa Comum.

“Como casal, temos trabalhado nos últimos vinte anos com o cuidado da Terra. Já fomos bastante alheios ao impacto de nosso estilo de vida sobre o meio ambiente. Mas fomos mudando aos poucos, inspirados pelos Primeiros Povos do mundo, como os aborígenes australianos, com sua profunda reverência por sua terra e humildade diante do universo criado. Também nos tornamos cada vez mais conscientes do impacto destrutivo de nossa sociedade consumista sobre o meio ambiente.

E assim começamos a praticar o que o Papa Francisco chama de ‘hábitos virtuosos’. Antes tínhamos apenas uma lata de lixo. Agora, o nosso Conselho Comunitário fornece três recipientes para diferentes tipos de resíduos.

Também comemos menos carne, evitamos usar produtos químicos em nossa casa e no jardim, e assim por diante.

Isto é bom e necessário e, como diz o Papa, ajuda-nos a ter consciência da necessidade de sermos mais prudentes no uso dos recursos do planeta. Mas sabemos que isso não é suficiente.

Os nossos filhos são agora a nossa maior influência. Estão angustiados com as terríveis perspectivas do aquecimento global para os seus próprios filhos. Eles integram grupos ambientalistas e já fizeram *lobby* junto aos políticos.

Eles também nos desafiam como seus pais. Esperam firmemente que nos juntemos a eles para insistir junto a nossos governos, empresas e a comunidade a tomarem medidas urgentes sobre as mudanças climáticas. A vida dos nossos netos está em jogo. Para eles não é uma questão abstrata.

Sempre tivemos em mente que as Equipes de Nossa Senhora não são um Movimento de ação, mas um lugar onde buscamos nos abastecer para sermos pessoas ativas. As equipes nos ensinam – através do maravilhoso dom do Dever de Sentar-se – a ouvir a voz de Deus na nossa própria história. Nossas reuniões de equipe também nos chamam a escutar profundamente nossos amigos enquanto compartilham suas histórias.

Agora estamos procurando usar esses dons do Movimento para escutar mais atentamente os sinais dos tempos e fazer mais pelo que nossos netos alegremente chamam de “Mãe Terra”. Somos apenas iniciantes nessa jornada!”

2.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Como disseram os Bispos de Portugal, a terra “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte”. (FT, 178)

- Como casal e família, precisamos de uma “conversão ecológica”? Em que pontos ou aspectos estamos vivendo ou tentando viver esta conversão?
- Quais atitudes devemos assumir para imitar Maria como defensora da vida? O que entendemos por nos colocarmos como promotores, cuidadores e defensores da vida?
- Temos consciência de que a vida a ser defendida não é apenas a dos seres humanos, mas também de toda a Criação?

2.7. Sugestão para o Dever de Sentar-se

Conforme o Papa Francisco, se toda a humanidade precisa mudar, antes de mais nada, cada um de nós precisa mudar seu estilo de vida, sua ética ecológica, sua espiritualidade em relação ao cuidado da Casa Comum, sua espiritualidade cristã vivida na sobriedade, sua capacidade de viver junto com outras pessoas e em comunhão, sua relação com a vivência do domingo, sua relação com Maria “ Mãe e Rainha de toda a Criação.”⁴

4. Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da Casa Comum, “O meu apelo”, n. 13-16, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, devemos nos questionar se nosso estilo de vida contempla o cuidado com a Criação.

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Após as boas-vindas do Casal Anfitrião o Casal Animador inicia a reunião com estas ou outras palavras semelhantes utilizando a oração proposta: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta reunião de equipe. Começemos por rezar a oração da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: (FT, 287)

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena igreja, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual ou do casal promovendo algum tipo de crescimento ou amadurecimento espiritual, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como vocês, individualmente e conjugalmente, foram encorajados a viver diferentes formas de cuidado com a “Casa Comum” neste mês (Quais foram estas formas? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escutar e refletir a Palavra de Deus sugerida antes da reunião: Apocalipse 12,1-4 (A mulher e o dragão).

Oração Litúrgica

Salmo Responsorial da liturgia que coincide com o dia da reunião.

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreeajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste mês?
- A Regra de Vida pode nos ajudar a termos mais respeito e cuidado com a Criação? Que tipo de Regra de Vida nos ajudaria?

3.6. Perguntas para o Tema de Estudo

Na preparatória, pensar a forma de realizar esta troca de ideias na reunião a partir daquilo que foi enviado das respostas para a preparatória.

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel.
- *Magnificat*.



Reunião de Balanço

O vinho novo

1. Objetivos

São propostos aos equipistas:

- Identificar que milagres do “vinho novo” aconteceram em sua equipe ao longo deste ano.
- Perceber as situações em que não fizemos tudo o que Jesus no disse neste ano.
- Comprometer-se, inspirado nas virtudes da CONFIANÇA e da ESPERANÇA de Maria no Espírito Santo, a colaborar na transformação das realidades em que “conhecemos” a “falta de vinho”.

2. Preparação para a reunião de equipe

2.1. Introdução

Quando iniciamos este ano equipista de 2023, fomos colocados diante da cena do grande sinal realizado num casamento em Caná da Galileia, quando a sensibilidade humana de Maria percebeu a falta de vinho da festa. Suas palavras a seu Filho – “*Eles não têm mais vinho*” – nasceram da solidariedade para com aqueles noivos, que seriam expostos a uma situação constrangedora.

Ao longo do ano, fomos convidados a conhecer e exercitar as virtudes de Maria para perceber as diversas situações em que “falta o vinho” ao nosso redor – casal, família, equipe, comunidade eclesial, sociedade. Mais do que simplesmente ver, fomos chamados à ação pelas palavras de Maria aos serventes da festa: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”.

Mas o que Jesus disse a cada um de nós neste ano? Somente revestidos da Palavra de Deus, como Maria, podemos perceber o que o Senhor nos pede. Somente assim podemos saber quais as “talhas” a encher, para que Jesus transforme a água no vinho novo.

Nossa missão, como membros das Equipes de Nossa Senhora, é amar as pessoas e o mundo do modo que Jesus amou. Jesus desafiou as autoridades estabelecidas que haviam perdido o seu caminho; ele se concentrou na pessoa comum do dia a dia; ele valorizou as mulheres; e ele atendeu os pobres e marginalizados. Para nós, hoje, quem são essas pessoas? Essa é uma pergunta que todos precisamos responder com sinceridade.

Viver esse amor, como Jesus nos chama a fazer, pode ser desafiador, difícil e, muitas vezes, na contramão da cultura vigente. Ser um verdadeiro seguidor de Jesus implica sair com fé e se confrontar com o desconhecido.

Nesta última reunião, nos é proposto fazer o nosso Balanço. Rever a trajetória feita até aqui, as transformações ocorridas, as dificuldades encontradas. Será momento de ação de graças e de penitência, mas, sobretudo, ocasião de olhar para frente e acertar o rumo para continuar a caminhada.

Assim se refere o Guia das Equipes de Nossa Senhora a respeito da Reunião de Balanço:

“A última reunião do ano da equipe é uma Reunião de Balanço. Ela proporciona a todos os componentes da equipe a oportunidade de refletir e fazer um balanço, abertamente e com espírito cristão, sobre o seu itinerário, os seus progressos ao longo do ano que termina e de preparar o ano seguinte.”¹

Portanto, a Reunião de Balanço é considerada um momento de partilha e de entreajuda, em que cada membro da equipe avalia sua caminhada espiritual e o progresso feito na vivência de sua espiritualidade cristã e conjugal, e estabelece metas ou propósitos para melhorar sua vida espiritual a nível individual e como casal.

Também deve ser examinada a forma como as diferentes partes da reunião foram vividas durante o ano e identificar maneiras de aperfeiçoá-las para o ano seguinte, corrigindo possíveis desvios que tenham ocorrido e reafirmando viver as orientações do Movimento.

1. ENS-SRB. *Guia das Equipes de Nossa Senhora*, 2021, A Reunião de Balanço, p. 54.

É importante lembrar que esta última reunião não é um fim, mas um novo ponto de partida, a largada de um novo início.

2.2. Seguindo os passos de Maria: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”

Maria é uma figura muito amada na Igreja, reconhecida com muitos títulos. Ao longo de cada uma das reuniões para este Tema de Estudo focalizamos mais a humanidade de Maria em seu modo de ser e de agir. Pudemos perceber que temos muito a aprender de suas inúmeras virtudes e atitudes: solidariedade, humildade, resiliência, educadora, disponibilidade, doçura, empatia, sensibilidade humana, serenidade, perseverança, defensora da vida.

Ela foi a esposa de José, a mãe de Jesus, uma prima e amiga solidária de Isabel, uma mãe de luto aos pés da cruz e a primeira discípula amparando a comunidade dos discípulos no início de seu caminho. Ela era humana e, como nós, tinha que dar um passo adiante na fé, um “fiat” incondicional, mesmo quando o plano de Deus não era claro para ela.

Nas Bodas de Caná, numa festa humana por excelência, onde se demonstra o símbolo mais expressivo do amor conjugal, há mais de dois mil anos atrás, uma frase e um conselho de Maria ressoam fortes em meio aos discípulos de seu Filho e entre muitos convidados: “*Fazei tudo o que Ele vos disser!*”

É um mandato aparentemente simples, mas o suficiente para transformar a vida do jovem casal naquelas bodas, e mesmo para transformar o mundo a partir daquele momento.

Maria, ao perceber que não tinha mais vinho, ela não se referia apenas à falta material da bebida naquele momento. Maria estava intercedendo por todos seus filhos. Ela se referia a todo o povo de Deus, oprimido pelo poder e pela ganância de poucos, que vivia a expectativa de receber o vinho da Vida e da Salvação. Maria nos aponta o caminho a seguir, o verdadeiro Caminho, Verdade e Vida que é Jesus.

Precisamos associar esta passagem das Bodas de Caná com a nossa história atual – pessoal, conjugal, familiar, eclesial, profissional, social etc. – se quisermos tirar bom proveito desse trecho da Palavra de Deus, ou de nos revestirmos da Palavra de Deus.

O que percebemos? Faltou o vinho antes do esperado, antes do fim daquela festa.

Na nossa vida, e na vida de milhões de nossos irmãos, não é diferente.

Quanta coisa termina antes do esperado? Quantas pessoas são tomadas de forma inesperada por acontecimentos para os quais não se preparam devidamente? Quantas pessoas não têm mais vinho? O vinho da família, dos filhos, da moradia, da saúde, da educação, de uma pátria, do diálogo, da convivência com outras pessoas.

Quantas situações que deveriam ser “festas humanas” ou momentos de plena alegria estão vazias, sem vinho e sem capacidade de preencher o desejo de felicidade das pessoas!

Pelo texto bíblico em João 2,7, Jesus ordenou duas coisas importantes para restabelecer a festa:

- Enchei as talhas de água.
- Agora, tirai e levai ao mestre de cerimônia.

A primeira providência recomendada por Jesus é encher as talhas de água. Na verdade, elas estavam encostadas, vazias, um sinal de que não estavam cumprindo seu papel.

A segunda providência é levar estas talhas ao mestre de cerimônia, para que visse o que tinha acontecido, após a intervenção de Jesus, e pudesse encaminhar que o vinho fosse servido: o melhor vinho, que foi guardado até agora, até o fim da festa.

Portanto, no término deste ano equipista, a “transformação da água em vinho” nos é proposta como uma chave de leitura e de compreensão da Palavra de Deus para captar o tipo de transformação que Jesus realiza e que, em seu nome, seus seguidores devem oferecer onde falta vinho, onde falta a vida, onde falta o pão, que precisam ser compartilhados com todos, começando pelos mais pobres e excluídos, que são o centro do Evangelho, como nos diz o Papa Francisco.

Em seu editorial para a edição de maio de 1949 da *l'Anneau d'Or*, o Pe. Caffarel escreveu:

“Vós vos reunis para buscar Cristo, para imitá-lo, para servi-lo. Não conseguireis sem um guia e não há melhor guia do que

Maria. Gostaria que nós, nas nossas equipes, alimentássemos a fé na ternura todo-poderosa de Nossa Senhora e que cada casal experimentasse a confiança e a segurança que os filhos pequenos sentem na presença de sua mãe. Gostaria que esta fosse uma das nossas características – teria então uma grande confiança no futuro.”

2.3. A Palavra de Deus (At 1,12-14; 2,1-4)

“Então, os apóstolos voltaram para Jerusalém, vindo do monte das Oliveiras, que está próximo de Jerusalém, à distância da caminhada num dia de sábado. Entraram na cidade e subiram para a sala de cima, onde costumavam reunir-se. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago. Todos eles perseveravam na oração em comum, junto com algumas mulheres e Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele. [...]

Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Apareceram então línguas como de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se.”

Aqui está Maria, a mulher que, plena da Graça do Espírito Santo de Deus, trouxe ao mundo o Verbo que se fez carne. Agora, ela contempla a Igreja viva no meio dos Apóstolos ser também capacitada com esse mesmo dom. Anunciação e Pentecostes nos mostram uma mulher que caminhou sempre na força do Espírito.

Não é estranho que Maria esteja com os discípulos no cenáculo, rezando com eles. Jesus mesmo explicitou a missão da maternidade espiritual de Maria dizendo a João: *“Eis aí a tua mãe!”* (Jo 19, 27). Sendo assim, não é difícil imaginá-la, inclusive, sustentando a fé dos discípulos, que estava vacilante.

A anunciação marcou Maria como aquela que traria Jesus ao mundo; o Pentecostes fortalece a Igreja para missão de anunciá-Lo.

Nós somos Igreja; o Movimento das Equipes de Nossa Senhora é Igreja; sendo assim, recebemos esse mesmo Espírito de Pentecostes e, como os servos daquele casamento de Caná de Galileia ouviram de Nossa Senhora, mais de dois mil anos atrás, nós também estamos ouvindo: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*.

O Espírito Santo ilumina as etapas da missão para a qual somos chamados e desafiados enquanto casais que receberam o sacramento do matrimônio. Como cristãos, de ontem e de hoje, impulsionados pelo Espírito Santo, somos chamados a criar um mundo de ressuscitados, onde a alegria do Evangelho enche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus.

Vamos deixar que esse imperativo mariano interpele nossa meditação e oração nesta última reunião do ano. Fizemos realmente tudo o que nos pediu Jesus? Ao menos nos esforçamos para escutar a voz de Maria nos indicando o caminho? Temos consciência de que somente ouvindo e colocando em prática essa ordem teremos o Vinho Novo em nossas vidas e na sociedade?

Maria, senhora do Vinho Novo, interceda por nós para que, ouvindo seu Filho, alcancemos a alegria plena prometida por Ele.

2.4. Textos para reflexão

A Reunião de Balanço, além da avaliação da caminhada durante o ano equipista, também tem um caráter de envio para a missão. Somos todos enviados para as diferentes realidades onde está faltando o vinho: de uma moradia digna; de uma educação de qualidade; de trabalho; de diálogo; de uma pátria; de um meio ambiente saudável; de direitos humanos não garantidos e respeitados.

É a nossa responsabilidade como membros da comunidade Igreja, onde devemos imitar o exemplo de Maria.

Papa Francisco

“E com efeito, gostaria de insistir sobre este papel missionário das Equipes de Nossa Senhora. Cada casal comprometido recebe certamente muito de quanto vive na própria equipe, e a sua vida conjugal se aprofunda e se aperfeiçoa graças à espiritualidade do Movimento. Mas, depois de ter recebido de

Cristo e da Igreja, o cristão é irresistivelmente enviado para fora a fim de testemunhar e transmitir aquilo que recebeu. [...] Os casais e as famílias cristãs encontram-se muitas vezes em melhores condições para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortalecer e encorajar. Aquilo que viveis no casal e na família – acompanhado pelo carisma próprio do vosso Movimento —, esta alegria profunda e insubstituível que o Senhor vos faz experimentar na intimidade doméstica entre as alegrias e as dores, na felicidade da presença do vosso cônjuge, no crescimento das vossas crianças, na fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isto deve ser testemunhado, anunciado, comunicado fora para que outros, por sua vez, sigam este caminho.”²

“[...] fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído ‘nas margens da vida’. Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade.” (FT, 68)

“Hoje, temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de sermos outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos. Como o viandante ocasional da nossa história, é preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído. [...] Alimentemos o que é bom e coloquemo-nos ao serviço do bem.” (FT, 77)

Pe. Henri Caffarel

Nos escritos de Pe. Caffarel encontramos muitas referências à missão dos casais e do Movimento das Equipes de Nossa Senhora. Seleccionamos aqui uma delas, suficientemente eloquente sobre a exigência missionária.

2. Papa Francisco. Discurso aos participantes no Encontro de Regionais, promovido pelo Movimento das Equipes de Nossa Senhora. Sala Clementina, 10 de setembro de 2015, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150910_equipas-notre-dame.html

“As Equipes de Nossa Senhora, uma comunidade eclesial, são comunidades missionárias. E se um dia não fossem mais missionárias, não seriam mais uma comunidade eclesial.”³

No entanto, vale refletir também sobre o sentido da Reunião de Balanço na caminhada das equipes.

“Na equipe, é a reunião de fim de ano, que frequentemente chamamos de Reunião de Balanço, na qual em franqueza e boa vontade pergunta-se que reformas conviria adotar, que passos para frente devem ser dados para que a vida da equipe possa progredir nos planos da oração, do estudo e da amizade fraterna.”⁴

“No próximo fim de ano, na Reunião de Balanço da equipe, todos os casais deverão responder não à pergunta: ‘Sentimo-nos bem no Movimento?’ – que não é uma creche para adultos! –, mas sim a esta: ‘Estamos realmente decididos a nos engajar a fundo nas equipes e, com o auxílio das equipes, na missão de testemunhas de Deus, em meio deste mundo que a maré montante do ateísmo ameaça submergir?’.”⁵

2.5. Sugestão para o Dever de Sentar-se

No Dever de Sentar-se deste mês, além das questões próprias deste Ponto Concreto de Esforço em relação à vida conjugal e familiar, o casal pode refletir um pouco, à luz das virtudes de Maria, sobre como realizou sua caminhada até esta última reunião do ano equipista.

O casal equipista deve dedicar um tempo, ao final, para fazer uma oração de gratidão e louvor.

3. CAFFAREL, Henri. **As ENS: a sua Missão**. A dimensão missionária das ENS, do Tema de Estudo 2021: “Matrimônio, Sacramento de Missão”, p. 16. Super-Região Brasil, 2021.
4. CAFFAREL, Henri. **A Missão do Casal Cristão: Surgimento e Caminhada das ENS**. “Vocação e Itinerário das Equipes de Nossa Senhora”, p. 59, Super-Região Brasil, 1998.
5. CAFFAREL, Henri. **A Missão do Casal Cristão: Surgimento e Caminhada das ENS**. “Em face do ateísmo”, p. 126. Super-Região Brasil, 1998.

3. A reunião mensal da equipe

3.1. Acolhimento

Casal Animador: Caros irmãos e amigos, sejam todos bem-vindos a esta Reunião de Balanço. Começemos por rezar a oração ao divino Espírito Santo, para que nossa reunião possa ser vivida com muita sinceridade e para que possamos fazer dela um momento para revigorar nossa fé e nosso testemunho.

Oração ao Espírito Santo ensinada pelo Papa Francisco

Espírito Santo, memória de Deus, reavivai em nós a lembrança do dom recebido. Libertai-nos das paralisias do egoísmo e acendei em nós o desejo de servir, de fazer o bem. Porque pior do que esta crise que estamos vivendo, só o drama de a desperdiçar fechando-nos em nós mesmos.

Vinde, Espírito Santo! Vós que sois harmonia, tornai-nos construtores de unidade. Vós que sempre Vos doais, dai-nos a coragem de sair de nós mesmos, de nos amar e ajudar, para nos tornarmos uma única família. Amém.

3.2. Refeição

A refeição, como parte da reunião, deve acontecer de acordo com o que for estipulado por cada equipe. É um momento de graça, de alegria pela reunião, de celebração, de festa e de oração e tem um profundo sentido “eucarístico” na vida da pequena ecclesia, por isso também deve se pautar pela simplicidade e a valorização do encontro, mais do que pela preocupação quanto ao tipo de alimento.

3.3. Coparticipação

- Coparticipe as experiências vividas durante o mês, aquelas que foram significativas na vida individual, ou do casal ou da família, devendo predominar aquelas que ajudam a confrontar a realidade vivida com o Evangelho.
- Coparticipe como você foi um sinal da presença de Deus para os membros de sua equipe e de sua comunidade ao longo deste ano equipista.

- Coparticipe como você “ de forma individual ou como casal – foi encorajado a viver este mandato de Maria: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” ao longo do ano equipista (Quais foram estas formas? Em favor de quem elas foram realizadas?).

3.4. Leitura da Palavra de Deus, meditação e oração

Escuta e meditação da Palavra de Deus sugerida para esta reunião:
At 1,12-14; 2,1-4.

Refletindo sobre a presença de Maria no Cenáculo, escutamos o Papa Francisco quando nos diz que a “Mãe de Jesus está no meio da comunidade dos discípulos reunida em oração: é memória vivente do Filho e viva invocação do Espírito Santo. É a Mãe da Igreja”.⁶

Oração Litúrgica

Salmo 16,1-9 (que apresenta o planejamento humano em sua conduta e a vontade de Deus para ele).

3.5. Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

A partilha dos PCEs é a parte essencial e o momento mais significativo da reunião de equipe. É o momento de encontro consigo mesmo e com os outros confrontando o esforço de viver o carisma no mês com aquilo que o Movimento propõe. É o momento de vivência concreta da entreajuda, de fazer-se próximos uns dos outros, para fortalecer a caminhada espiritual de cada um e de todos. Por isto:

- Partilhe sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço neste mês e os frutos alcançados.
- Qual é o “vinho” que ainda nos falta individualmente e como casal na vivência dos PCEs?
- Como ajudei e servi o meu cônjuge na prática dos Pontos Concretos de Esforço ao longo deste ano?

6. Papa Francisco. Homilia na Santa Missa de Solenidade de Pentecostes, 15 de maio de 2016, disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160515_omelia-pentecoste.html

- Quais foram os Pontos Concretos de Esforço que exigiram “mais esforço” de nossa parte neste ano?

3.6. Perguntas para o Balanço: troca de ideias

Na Reunião de Balanço somos chamados a uma reflexão e revisão sobre diversas dimensões de nossa vida de equipistas: vida cristã pessoal, vida em casal, vida em equipe, pertença ao Movimento, compromisso com nossa missão à luz da Orientação Geral e específicas expressas nos temas propostos para cada ano.

A seguir são propostas algumas perguntas. Contudo, os Setores, as Regiões e mesmo a Super-Região podem propor perguntas, que ofereçam respostas que ajudem a conseguir importantes *feedbacks* para o planejamento de novas ações ou de avaliação de atividades realizadas.

O Casal Responsável de Equipe, juntamente com o Sacerdote Conselheiro ou Acompanhante Espiritual, saberá o que é mais importante para a equipe neste momento de troca de ideias.

Sobre a vida do casal

- a) Vocês acham que a vivência do tema deste ano lhes trouxe mudanças? Quais?

Sobre a vida da equipe e do Movimento

- b) A exemplo de Maria, vocês foram sensíveis ao “vinho” que, talvez, tenha faltado a algum dos casais da equipe? Ao seu Conselheiro Espiritual, tiveram a disponibilidade para ir ao seu encontro?

Sobre a vida no mundo

- c) A partir do que Jesus lhes disse em cada capítulo, a que gestos concretos vocês se sentiram chamados? Algo mudou em sua forma de pensar e atuar no mundo?

3.7. Orações finais

- Oração pela Canonização do Pe. Henri Caffarel. Vide página 157
- *Magnificat*.

Referências

Bibliográficas

- 1 Madre Teresa de Calcutá; disponível em <https://www.regnumchristi.org/es/una-gota-de-agua/>
- 2 Papa Francisco. Discurso aos participantes do Encontro de Casais Regionais, promovido pelo Movimento das Equipes de Nossa Senhora. Sala Clementina, 10 de setembro de 2015; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150910_equipes-notre-dame.html
- 3 ENS – SRB. Guia das Equipes de Nossa Senhora, 2021, A reunião mensal da equipe, p. 48.
- 4 ENS – SRB. Guia das Equipes de Nossa Senhora, 2021, A reunião mensal da equipe, p. 53.
- 5 Papa Francisco. Audiência Geral, Praça São Pedro, quarta-feira, 8 de junho de 2016; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160608_udienza-generale.html
- 6 Papa Francisco. Mensagem ao presidente da Conferência Episcopal de Cuba, por ocasião da Festa da Virgem da Caridade do Cobre. Vaticano, 8 de setembro de 2014; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140908_messaggio-conferenza-episcopale-cubana.html
- 7 CAFFAREL, Henri. **Textos Escolhidos**, Cap. 8, p. 75-77. Super-Região Brasil, 2009.
- 8 Papa Francisco. Audiência Geral. Catequeses – “Curar o Mundo”: 5. A solidariedade e a virtude da fé. Pátio São Dâmaso, 2 de setembro de 2020; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html
- 9 Papa Francisco. Discurso aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 28 de outubro de 2014; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html
- 10 Gioietta Kuo. Yet another emerging global crisis – Homelessness. Publicado por The Millennium Alliance for Humanity and the Biosphere – MAHB, agosto de 2019. Acesso em 8 de dezembro de 2021; disponível em <https://mahb.stanford.edu/library-item/yet-another-emerging-global-crisis-homelessness/>
- 11 OECD. Homeless Population – Affordable Housing Database. Last Updated 27/5/2021. Acesso em 8 de dezembro de 2021; disponível em <https://www.oecd.org/housing/data/affordable-housing-database/>

- 12 Papa Francisco. Carta Apostólica *Admirabile Signum*, sobre o significado e valor do Presépio. Dado em Grécio, no Santuário do Presépio, a 1º de dezembro de 2019; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html
- 13 Papa Francisco. Discurso aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 28 de outubro de 2014, 12-14; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html
- 14 CAFFAREL, Henri. **Recebe Maria como tua Esposa**. Ed. Santuário, 2009, p. 62-66.
- 15 Papa Francisco. Carta Apostólica *Admirabile Signum*, n. 6, b; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html
- 16 Papa Francisco. Acolher os necessitados. Disponível em <https://thepopevideo.org/acolher-os-necessitados/?lang=pt-br>
- 17 Report of the United Nations High Commissioner for Refugees, disponível em <https://digitallibrary.un.org/record/3942822?ln=en>. Acesso em 6/12/2021.
- 18 Papa Francisco. Homilia da Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios em sua viagem à Lampedusa (Itália), Campo Desportivo “Arena”, na Localidade Salina, 8 de julho de 2013; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html
- 19 Papa Francisco. Discurso aos refugiados, Mytilene, 5 de dezembro de 2021; disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211205-grecia-rifugiati.html>
- 20 Papa Francisco. Carta Apostólica *Patris Corde*, n. 5; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html
- 21 Papa Francisco. Mensagem para o 106º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2020; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html
- 22 Papa Francisco. Mensagem para o 107º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2021; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20210503_world-migrants-day-2021.html
- 23 Papa Francisco. Discurso aos refugiados, Mytilene, 5 de dezembro de 2021; disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211205-grecia-rifugiati.html>
- 24 Papa Francisco. Mensagem para o 104º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2018; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html

- 25 CAFFAREL, Henri. **Presença de Deus: Cem Cartas sobre a Oração.** São Paulo: Edições Loyola, 1980. “Sois esperados”, p. 9.
- 26 CAFFAREL, Henri. **Presença de Deus: Cem Cartas sobre a Oração.** São Paulo: Edições Loyola, 1980. “A esperança não decepciona”, p. 182-185.
- 27 Brigidine Asylum Seekers Project (BASP), disponível em <https://basp.org.au/you-can-help/>
- 28 Papa Paulo VI. *Gravissimum Educationis*, sobre a educação cristã. Roma, 28 de outubro de 1965, n. 1, sobre o Direito à Educação; disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html
- 29 Nelson Mandela Foundation. Lighting your way to a better future. **Planetarium**, University of the Witwatersrand, Johannesburg, África do Sul, 16 de julho de 2003. Acesso em 8 de dezembro de 2021; disponível em http://db.nelsonmandela.org/speeches/pub_view.asp?pg=item&itemID=NMS909
- 30 Education and Peace: A Gandhian Perspective. Acesso em 8 de dezembro de 2021; disponível em https://www.mkgandhi.org/articles/education_peace.htm
- 31 Papa Francisco. Discurso no Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”. Sala Clementina, 5 de outubro de 2021, 3º parágrafo; disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>
- 32 CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça.** Capítulo III – Fecundidade do Amor, “Vocação de Pai”, p. 69-76. Edições Loyola, 1991.
- 33 CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça.** Capítulo VII “ A Serviço dos Homens, “Vossa ausência de inquietude me inquieta”, p. 151-152. Edições Loyola, 1991.
- 34 CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça.** Capítulo VII – A Serviço dos Homens, “O dever de competência”, p. 145-147.
- 35 CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça.** Capítulo III – Fecundidade do Amor, “Amais os vossos filhos?”, p. 65-67. Edições Loyola, 1991.
- 36 Organização Mundial da Saúde. Disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/self-care-health-interventions>
- 37 Papa Francisco. Discurso à Associação Católica de Agentes no Campo da Saúde, 17 de maio de 2019; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190517_acos.html
- 38 Papa Francisco. Mensagem para o XXIX Dia Mundial do Doente, 2021; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20201220_giornata-malato.html
- 39 Papa João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, n. 41; disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html

- 40 Papa Francisco. Mensagem para o XXVIII Dia Mundial do Doente, 11 de fevereiro de 2020; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html
- 41 Papa Francisco. Discurso aos participantes da Conferência Internacional Unite to Cure, 28 de abril de 2018; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/april/documents/papa-francesco_20180428_conferenza-pcc.html
- 42 CAFFAREL, Henri. **Novas Cartas sobre a Oração**. “A seminarista”, p. 83-87. Ed. Loyola, 1980.
- 43 CAFFAREL, Henri. **Novas Cartas sobre a Oração**. “Um grande livro de meditação”, p. 73-76. Ed. Loyola, 1980.
- 44 Papa Francisco. Mensagem para o XXIII Dia Mundial do Doente, 2015; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html
- 45 Papa Francisco. Discurso por ocasião da visita à Universidade “Roma Tre”, 17 de fevereiro de 2017; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170217_universita-romatre.html
- 46 Papa Francisco. Discurso aos voluntários do “Telefono Amico Itália”. Sala Clementina, 11 de março de 2017; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170311_volontari-telefono-amico.html
- 47 Papa Francisco. Recitação do Rosário, 31 de maio de 2013; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130531_conclusionese-mese-mariano.html
- 48 CAFFAREL, Henri. Le Mariage, Rout vers Dieu, **L’Anneau d’Or**, numéro spécial 117-118, Mai-Août 1964, p. 179-200, *La communication*.
- 49 Papa Bento XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade, n. 53; disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html
- 50 Santa Madre Tereza de Calcutá. **A Call to Mercy: Hearts to Love, Hands to Serve**. Image, 2016.
- 51 Papa Francisco. Celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, Basílica de São Pedro, 28 de março de 2021; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210328_omelia-palme.html
- 52 Papa Francisco. Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, no término do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, n. 13; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html
- 53 CAFFAREL, Henri. **L’Anneau d’Or**, maio-agosto de 1957.

- 54 CAFFAREL, Henri. **Novas Cartas sobre a Oração**. “Na presença do Deus presente”, p. 12. Editora Loyola, 1980.
- 55 CAFFAREL, Henri. **Espiritualidade Conjugal: uma Palavra Suspeita**. “O sacerdócio do lar”, p. 119-121. Principia Editora, 2009.
- 56 CAFFAREL, Henri. **O Amor e a Graça**. “Eles são vencedores”, p. 164-166. Editora Loyola, 1980.
- 57 Papa Francisco. Homilia na Santa Missa e Canonização dos Beatos Estanislau de Jesus Maria e Maria Elizabeth Hesselblad, em 5 de junho de 2016; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160605_omelia-canonizzazioni.html
- 58 Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 62; disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html
- 59 Papa João Paulo II. Homilia pronunciada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, durante a Solene Concelebração com os participantes da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano reunido em Puebla, 27 de janeiro de 1979; disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790127_messico-guadalupe.html
- 60 CAFFAREL, Henri. **5 Encontros sobre a Oração Interior**, Quinto Encontro, “Rezar ou perecer – sociedade de consumo”, p. 88-90. Editora Loyola, 1991.
- 61 Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si’* – sobre o cuidado da Casa Comum, “O meu apelo” – n. 13-16; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html
- 62 ENS-SRB. Guia das Equipes de Nossa Senhora, 2021, A Reunião de Balanço, p. 54.
- 63 Papa Francisco. Discurso aos Participantes no Encontro de Regionais, promovido pelo Movimento das Equipes de Nossa Senhora. Sala Clementina, 10 de setembro de 2015; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150910_equipes-notre-dame.html
- 64 CAFFAREL, Henri. **As ENS: a sua Missão**. A dimensão missionária das ENS, do Tema de Estudo 2021: “Matrimônio, Sacramento de Missão”, p. 16.
- 65 CAFFAREL, Henri. **A Missão do Casal Cristão: Surgimento e Caminhada das ENS**. “Vocação e itinerário das Equipes de Nossa Senhora”, p. 59, Super-Região Brasil, 1998.
- 66 CAFFAREL, Henri. **A Missão do Casal Cristão: Surgimento e Caminhada das ENS**. “Em face do ateísmo”, p. 126. Super-Região Brasil, 1998.
- 67 Papa Francisco. Homilia na Santa Missa de Solenidade de Pentecostes, 15 de maio de 2016; disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160515_omelia-pentecoste.html

Iconográficas

Imagem de capa: - <https://construtoresdoreino.wordpress.com>

Páginas 24/25: - [https://www.wikigallery.org/wiki/painting_289667/\(after\)-Murillo,-Bartolome-Esteban/The-Marriage-Feast-At-Cana](https://www.wikigallery.org/wiki/painting_289667/(after)-Murillo,-Bartolome-Esteban/The-Marriage-Feast-At-Cana)

Páginas 42/43: - <https://museumcrush.org/the-victorian-roots-of-art-activism-at-the-watts-gallery/>

Páginas 58 e 59: - <https://www.chegg.com/flashcards/4-5befa877-5dc2-4ad4a5bb43d926d57c1f/deck>

Página 75: - https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/1897_Bogdanov-Belsky_At_School_Doors.jpg.

Página 92: - https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Munch_Det_Syke_Barn_1896.jpg

Páginas 108 e 109: - https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Munch_Det_Syke_Barn_1896.jpg

Páginas 126 e 127: - <https://pt.slideshare.net/giannisver/cezanne-10777047>

Páginas 141/142: - <https://www.hisour.com/fr/environmental-art-21083/>

Página 158: - https://br.pinterest.com/pin/68743600413/?nic_v3=1a6t3yWQ5



O Tema 2023, não é um estudo de Mariologia ou o significado de Maria na história da salvação. Contudo ele nos aproxima de suas virtudes especiais, de sua força e vigor exemplar, de sua vida santa, missionária e intercessora das necessidades de todos os povos, iluminando e orientando a vida e a missão dos cristãos.



Equipes de Nossa Senhora

Secretariado Nacional

Av. Paulista, 352
3º andar · cj. 36
013310-905 · São Paulo · SP
Tel. (11) 3256.1212
(11) 3257 3599
secretariado@ens.org.br
www.ens.org.br

Secretariado Internacional

49, rue de la Glacière · 7º andar
75013 · Paris · França
Tel. (33) (1) 43 31 96 21
(33) (1) 45 35 47 12

end-internacional@wanadoo.fr
www.equipes-notre-dame.com